

SETEMBRO, 2011

IV SÉRIE - Nº 24

TRIMESTRAL

Macao

MIA COUTO

O fio da conversa

VINHOS PARA A CHINA

A cooperação num cálice

ESTUDANTES ESTRANGEIROS

Macao fatal

XINHAI

Revolta no império

MÚSICA PARA TODOS

Bodas de prata
de um festival

澳門郵票

收藏

COLECCIONE
SELOS DE MACAU
Collect Macao's Stamps



澳門議事亭前地
Largo do Senado, Macau



情牽心意 助振商貿
Aproximamos Pessoas, Facilitamos Negócios

電話 Tel : (853) 8396 8513, 2857 4491
傳真 Fax : (853) 8396 8603, 2833 6603
電郵 E-mail : philately@macaupost.gov.mo
網址 Website : www.macaupost.gov.mo

DIRECTOR

Victor Chan Chi Ping

DIRECTOR EXECUTIVO

Alberto, Au Kam Va

EDITOR EXECUTIVO

Fernando Sales Lopes

PROPRIEDADEGabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa de Macau**ENDEREÇO**Avenida da Praia Grande, nº 762 a 804
Edif. China Plaza, 15º andar, Macau
Tel: +(853) 2833 2886 Fax: +(853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo**PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO**Delta Edições, Lda.
Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601**EDITOR**

Luís Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Filipa Queiroz

Vanessa Amaro

DIRECÇÃO GRÁFICA

Rita Ferreira

KauTim - Productive Creations, Ltd

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO WEB

Isabel Abreu

COLABORAM NESTA EDIÇÃO:

António Larguesa, António Mil-Homens (fotografia), António Silva (fotografia), Carmo Correia (fotografia), Gonçalo Lobo Pinheiro (fotografia), Hélder Beja, Joana Freitas, João Cortesão (fotografia), José Paulo Machicane, José Simões Morais, Luciana Leitão, Mariana Palavra, Márcia Schmaltz, Mark O'Neill, Marta Curto, Marta Melo, Patrícia Lemos, Paulo Cordeiro (fotografia), Ricardo Franco (fotografia)

TRADUÇÃO: Ina Chiu, Patrícia Lemos**FOTOGRAFIA DA CAPA:** Ricardo Franco**ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADE**Av. Dr. Rodrigo Rodrigues, 600 E
Edif. Centro Comercial "First International"
14º andar, Sala 1404
Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601
e-mail: contacto@revistamacau.com

www.revistamacau.com

IMPRESSÃO: Tipografia Welfare, Macau**TIRAGEM:** 3 000 exemplares**ISSN: 0871-004X****ANGOLA:** AOA 2,595.00 | **BRASIL:** BRL 48.00**CABO VERDE:** CVE 2,336.00 | **GUINÉ-BISSAU:** XOF 14,080.00**MACAU:** MOP 100.00 | **MOÇAMBIQUE:** MZM 737.00**PORTUGAL:** EUR 21.00 | **S.TOMÉ E PRÍNCIPE:** STD 517,166.00**TIMOR-LESTE:** USD 21.00 | **RESTO DO MUNDO:** USD 28.00

Macau



Um dos eventos em destaque nos últimos meses foi a deslocação a Angola e Moçambique de delegações de Macau, no âmbito da cooperação económica e comercial entre a China e o mundo lusófono. O que se passou em ambos os países e o contexto das relações bilaterais entre eles e

a China são tema de artigos que podem ser lidos nas páginas desta revista.

Entretanto, já com a presente edição praticamente no prelo, outros acontecimentos significativos relacionados com a cooperação sino-lusófona foram igualmente notícia.

O Centro de Formação do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum de Macau), criado na sequência da realização da 3ª Conferência Ministerial do mesmo Fórum, em Novembro 2010, anunciou a realização de novos cursos de formação profissional, ao mesmo tempo que a Academia Internacional para as Autoridades Comerciais do Ministério do Comércio organizou um Curso de Formação para Funcionários Angolanos de Alto Nível sobre Zonas de Desenvolvimento, que decorreu em Pequim, Shenzhen e Macau, e um Colóquio para a Facilitação do Comércio para os Países de Língua Portuguesa, este último com o apoio do Secretariado Permanente do Fórum de Macau. Finalmente a Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim, a Fundação Macau e o Instituto Politécnico de Macau assinalaram na RAEM a passagem dos 50 anos do início do ensino do português na capital chinesa.

Em todas estas iniciativas o papel de Macau como plataforma no relacionamento entre a China e o mundo de língua portuguesa ficou enfatizado.

LUÍS ORTET

ÍNDICE

VINHOS EM MACAU

Uma questão de imagem, 12

Luciana Leitão

VINHOS PORTUGUESES NA CHINA

Um grande mercado, uma grande dificuldade, 22

António Larguesa

VINHO LITERÁRIO

O estro do poeta, 28

Márcia Schmaltz

ORIGENS DO VINHO NA CHINA

Um néctar com milhares de anos, 33

José Simões Morais

ESTUDANTES ESTRANGEIROS

O direito de estudar em Macau, 36

Hélder Beja

REVOLUÇÃO XINHAÍ

A revolta no Império, 44

Mark O'Neill

MACAU NA REVOLUÇÃO XINHAÍ

Um marco incontornável na história, 56

Lia Coelho

APRENDER CHINÊS

Já comeste?, 60

Mariana Palavra

TAI CHI

Graciosa vitalidade, 66

Joana Freitas

COOPERAÇÃO CHINA-ANGOLA

De mãos dadas em vários caminhos, 72

COOPERAÇÃO CHINA-MOÇAMBIQUE

Uma plataforma para a Ásia, 76

José Paulo Machicane

MOÇAMBIQUE

Um país, muitas cores, 80

Marta Curto

MIA COUTO

O escritor e o homem, 86

Marta Curto

CENTRO CIENTÍFICO E CULTURAL DE MACAU

Uma fronteira plural e global, 92

Patrícia Lemos

MUSEU DO ORIENTE

Porta asiática, 100

Patrícia Lemos

AR DE ROCK

Sons da velha guarda, 108

Patrícia Lemos

SECÇÕES

Aconteceu, 4-9

Pessoas, 10-11

FIMM, 112

Cartaz, 119

O CÁLICE DA COOPERAÇÃO

O *boom* do sector hoteleiro e turístico, a que se assiste nos últimos anos na RAEM, trouxe o aumento do vinho importado de Portugal não só para Macau mas para a China em geral. Porém a concorrência também aumenta.

p. 12

MACAU FATAL

Por uma razão ou por outra, jovens das mais variadas proveniências (África, América Latina, Europa) têm vindo para Macau completar os seus estudos universitários. À conversa com a revista MACAU, falam desta sua experiência.

p. 36

XINHAÍ, A REVOLUÇÃO

Xinai não é nome de terra nem nada do género, mas apenas uma maneira de dizer, em chinês, “1911”. Isto é, um ano sob a égide do signo do Porco e do elemento Metal, no calendário tradicional. Há um século foi implantada a república na China.

p. 44

DESENCONTROS LINGÜÍSTICOS

Aprender chinês não é tão difícil como alguns dizem, mas pode ser uma experiência traiçoeira. É que a língua chinesa é composta por tons, o que significa que palavras com significados muito (às vezes demasiado) diferentes se pronunciam de forma (quase) idêntica...

p. 60

* Os artigos assinados expressam as opiniões dos seus autores e não necessariamente as da Revista Macau.

BNU, o seu Parceiro de Negócio em Macau

Web site: www.bnu.com.mo



o **Banco Nacional Ultramarino** é uma referência para todos aqueles que, ao longo de mais de um século de actividade, nos privilegiaram com a sua preferência.

Orgulhamo-nos da nossa história e do apoio que sempre demos e recebemos da comunidade local.

Hoje, como ontem, acreditamos no futuro e o apoio da Caixa Geral de Depósitos, um dos maiores grupos financeiros europeus, com uma vasta e abrangente rede de balcões em 20 Países da Europa, Ásia, África e Américas, permite ao BNU otimizar o seu conhecimento local com uma profunda experiência internacional e colocar ao seu dispor um conjunto de soluções criativas, dinâmicas e integradas.

Porque estamos determinados a ser bem sucedidos, acreditamos que o BNU é o seu Parceiro de Negócio em Macau.

BNU

Banco Nacional Ultramarino
大 西 洋 銀 行



— Desde 1902 —

Novo Governo português convidado a cooperar

O vice-ministro do Comércio chinês, Jiang Yaoping, convidou o novo Governo de Portugal, liderado por Passos Coelho, a organizar uma delegação de empresários portugueses para participar em feiras de Macau e do Interior da China. O repto foi lançado durante uma visita de dois dias a Portugal no início de Junho. Esta foi a primeira delegação económica e comercial estrangeira, composta por cerca de 60 pessoas, a ser recebida pelo ministro da Economia de Portugal após a constituição do novo Governo.

O papel que o Governo Central vê para Macau

O director do Gabinete para os Assuntos de Hong Kong e Macau do Conselho de Estado da China fez uma visita de três dias à RAEM no início de Junho e sublinhou que o desenvolvimento de Macau passa pela transformação da região administrativa especial num centro mundial de turismo e lazer e pelo reforço do seu papel como plataforma para a cooperação entre a China e os países de língua portuguesa. Ao indicar que, no futuro, o Governo Central vai apostar, em particular, em África e na América Latina, Wang Guangya disse ser seu desejo que representantes de Macau venham a ter um papel nesse âmbito.

Jovens macaenses em Pequim

Uma delegação de jovens macaenses esteve em Pequim em meados de Junho, a convite do Gabinete de Ligação do Governo Central na RAEM. A comitiva, composta por 25 pessoas, foi liderada por Leonel Alves, advogado, deputado à Assembleia Legislativa de Macau e membro de Macau na Conferência Consultiva Política do Povo Chinês. Mais dois “veteranos” conduziram o grupo de jovens à capital, sendo eles o arquitecto Carlos Marreiros e José Manuel Rodrigues, que preside à Associação Promotora da Instrução dos Macaenses.



Fadista junta-se à Orquestra Chinesa de Macau

A Orquestra Chinesa de Macau e o fadista português Ricardo Ribeiro juntaram-se em palco a 19 de Junho para um concerto intitulado “Fascínio de Macau”, o segundo do ciclo de música luso-chinesa. O concerto ao qual Ricardo Ribeiro “emprestou” voz contou ainda com Pedro de Castro na guitarra portuguesa, Filipe da Silva na viola baixo e Jaime Santos na viola

fado, músicos que vão colaborar com a Orquestra Chinesa de Macau, dirigida pela batuta do Maestro Pang Ka Pang.

Projectos macaenses distinguidos

Os projectos virtuais *Macanese Families* (www.macaneseamilies.com) e *Memória Macaense* (www.memoriamacanense.org/projectomemoriamacanense) são os vencedores do Prémio Identidade, atribuído pelo Instituto Internacional de Macau

(IIM). Este ano, a instituição decidiu distinguir os trabalhos de Henrique d'Assumpção e de Rogério da Luz, que têm em comum o facto de serem garantes da preservação do legado da comunidade macaense e da sua história.

Chefe do Executivo realça papel da comunidade portuguesa

“A comunidade portuguesa tem contribuído muito para o desenvolvimento de Macau”, sendo “já uma parte indissociável da sociedade”, afirmou o Chefe do Executivo, Chui Sai On, na recepção do 10 de Junho, Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, que teve lugar na residência consular.

Taiwan e China dominam Prémios da Imprensa Chinesa

Os filmes *Let the Bullets Fly* e *When Love Comes* foram os grandes vencedores dos Prémios de Cinema da Imprensa Chinesa, atribuídos em Macau em Junho, ao conquistarem, respectivamente, os galardões de “melhor actor principal” e “melhor filme”. Além da estatueta de “melhor actor principal”, Ge You levou ainda para casa uma distinção pela carreira cinematográfica. A comédia de acção *Let the Bullets Fly*, uma co-produção de Hong Kong e da China, conquistou ainda o prémio de



“melhor realizador”, atribuído a Jiang Wen. A 11.ª edição dos Prémios de Cinema da Imprensa Chinesa não teve nenhum filme de Macau a concurso, mas atribuiu uma distinção honrosa à Associação do Áudio-Visual de Macau “CUT”, que promove a produção cinematográfica independente e que está a trabalhar na série “Histórias de Macau”, assinada por seis jovens realizadores e subordinada ao tema “Amor na cidade”.

Macau assinala Dia Nacional do Património da China

O Instituto Cultural de Macau (IC) associou-se pela primeira vez ao Centro Nacional para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial da China para assinalar, a 11 de Junho, o Dia Nacional do Património Cultural da China. O principal evento foi a exposição “Génese e Espírito”, que retrata o Património Imaterial da China e que incluiu também o património de Macau.



Gulbenkian lança obra sobre património

A Fundação Gulbenkian lançou em Macau, a 29 de Julho, o terceiro volume da obra *Património de Origem Portuguesa no Mundo – Arquitectura e Urbanismo*, dedicado à Ásia e Oceânia, numa iniciativa que coincidiu com a inauguração de uma exposição subordinada ao mesmo tema. Macau tem cerca de 50 num total de 329 edifícios registados no livro.



Parceria com OMS para medicina tradicional

O Governo de Macau assinou, a 28 de Julho, um plano de quatro anos para a cooperação com a Organização Mundial de Saúde (OMS) na área da medicina tradicional chinesa. Ao abrigo do protocolo, vão ser feitas acções de formação inter-regionais e a elaboração de documentos técnicos relativos aos estudos clínicos da medicina tradicional. O Governo deverá investir 24 milhões de patacas nas acções de formação.

Pequim nomeia novo comissário

O Governo Central nomeou, a 20 de Julho, Hu Zhengyue como comissário

do Ministério dos Negócios Estrangeiros na Região Administrativa Especial de Macau. Hu Zhengyue, ministro-adjunto dos Negócios Estrangeiros da China, substituiu no cargo Lu Shumin que exerceu funções como comissário em Macau desde 2008.

Mais pessoas a aprenderem português

Para o próximo ano lectivo, o Instituto Português do Oriente (IPOR) conta com mais 200 alunos no curso geral de português comparativamente ao ano anterior. A tendência ascendente tem sido recorrente na instituição, sendo mais notável de 2009/2010 para 2010/2011. Se antes havia 2920 estudantes, o ano passado fechou nos 3726, um acréscimo de 21 por cento.

Feira de Franchising permitiu fechar 21 protocolos

Mais de 12 mil pessoas visitaram a Feira de Franchising de Macau, que encerrou a 10 de Julho, com a assinatura de 21 protocolos e com cerca de 1200 bolsas

de contacto. A forte afluência representa um acréscimo de 65%, enquanto que as sessões de bolsas de contacto bateram a marca da edição de 2010 fixada em 1033.

Reconstrução da Civilização pelas mãos de artistas

O Instituto Cultural inaugurou, a 29 de Julho, a exposição *Reconstrução da Civilização - Escultura Contemporânea Chinesa*, com obras de seis artistas da China Continental, incluindo Qu Guangci, Jing Xiang, Wenling Chen, Hui Cao, Li Hong Jun, Wei Li, e dois artistas de Macau, Wong Ka Long e Konstantin Bessmertny. Os participantes expressaram as suas próprias opiniões sobre a sociedade e a civilização através de diversos estilos criativos.



Macau e Cantão olham para UE e países de língua portuguesa

Macau e Cantão querem em conjunto chegar aos mercados da União Europeia e dos países de língua portuguesa. Esta é uma das prioridades que consta no acordo de cooperação assinado na área das indústrias das convenções e exposições. Macau e Cantão querem promover o intercâmbio entre empresas e instituições com vista a encontrar parceiros internacionais. Para alcançar este objectivo as duas regiões comprometeram-se a organizar grandes exposições internacionais.



Cheong U visita projectos em Sichuan

Osecretário para os Assuntos Sociais e Cultura, Cheong U, esteve em meados de Julho em Sichuan para visitar os projectos de reconstrução na província, abalado por um forte sismo em 2008. O secretário, acompanhado por mais de uma dezena de dirigentes associativos e representantes dos sectores da cultura, educação e reabilitação locais, visitou os projectos que foram financiados pela RAEM. Até ao momento, dos 102 projectos apoiados por Macau (105 mil milhões de patacas no total), 25 já estão concluídos.



Curso de Verão da UMAC atrai mais de 350 alunos

Mais de 350 alunos frequentaram, durante o mês de Julho, a 25.ª Edição do Curso de Verão de Língua e Cultura Portuguesas da Universidade de Macau. Chegaram um pouco de toda a Ásia – de países como o Vietname, a Tailândia, a Malásia ou a Coreia do Sul –, mas a maioria é proveniente da China Continental.

Escola Portuguesa com bons resultados

Os resultados em Macau dos exames do 9.º ao 12.º ano ficaram acima da média portuguesa. No 9.º ano, no exame de Língua Portuguesa houve 59% de notas positivas e a Matemática as aprovações atingiram os 66%. No 11.º ano, a melhor média foi registada a Matemática B – 15,4 valores.



A média mais baixa foi na disciplina de Economia, 10,4 valores. No 12.º ano, na disciplina de Desenho a média foi de 10,7 valores e a História 10,6. Nos exames de Língua Portuguesa a média foi de 10,4 e nos de Matemática, 14,8 valores.

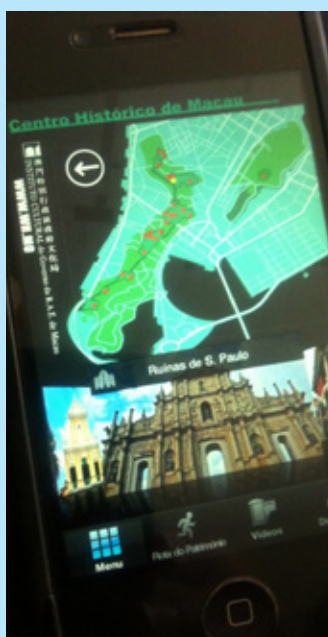
Feira de Produtos de Guangdong e Macau supera edição de 2010

A edição deste ano da Feira de Produtos de Marca de Guangdong e Macau, realizada em finais de Julho, registou uma afluência de 110 mil pessoas, representando um aumento de cerca de 20% em relação a 2010. Segundo o Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM), as vendas alcançaram a cifra de 39,7 milhões de patacas.



Património cultural na palma da mão

Desde Agosto, está a funcionar uma nova aplicação para iPhone, iPod e iPad, com conteúdos multimédia sobre o património mundial no território. A “WH Macau”, disponível na Loja Online da Apple, opera com um sistema de GPS que permite conhecer a distância a que estão os monumentos, o melhor caminho para chegar a cada um dos locais listados pela UNESCO e informações sobre horários de funcionamento, moradas e números de telefone. A aplicação funciona em chinês, português e inglês.



Mais autocarros a circular

Desde o dia 1 de Agosto, 600 novos autocarros,



equipados com sistema GPS e câmaras de videovigilância, começaram a circular em Macau. Além da TCM e da Transmac, uma nova operadora, a Reolian, saiu para a ruas sem alterações nos preços das viagens. A frequência do transporte público subiu 20 por cento, não alcançando ainda, contudo, a meta de 40 por cento devido à falta de mão-de-obra no sector.

Viagens de barco mais baratas

O Executivo de Macau aboliu, no início de Agosto, a taxa de embarque de 19 patacas cobrada nos serviços de ligação marítima. A medida busca incentivar mais viagens de barco e aumentar o número de visitantes em Macau.



Os maiores Censos de sempre

Arancou, a 12 de Agosto, aqueles que são considerados os maiores e mais completos Censos de sempre em Macau. A edição deste ano, a 15.^a na história do território, recolheu informações mais detalhadas de todo o agregado familiar, como por exemplo, língua mais utilizada, número de motociclos ou razões da residência em Macau. Com um investimento de 49 milhões de patacas, os Censos pretendem revelar a verdadeira composição populacional do território. Os resultados serão conhecidos em Abril do próximo ano.

Macau e Mongólia Interior reforçam cooperação

Macau vai reforçar a cooperação com a Mongólia Interior na área do comércio e turismo, segundo um acordo firmado pelo Chefe do Executivo, Chui Sai On, durante a sua visita à região, entre 1 e 4 de Agosto. Uma das apostas compreende o papel de plataforma a desempenhar por Macau entre a Mongólia Interior e os países de língua portuguesa, uma vez que a região autónoma chinesa dispõe de uma grande diversidade de recursos naturais.

Agências de turismo com novas regras

Há novas regras, desde Agosto, para as agências que organizam viagens a Macau, a partir do Interior do País, e para as agências que recebem excursionistas na RAEM. Os Serviços de Turismo de Macau e a Administração Nacional do Turismo da China elaboraram um documento que lista as obrigações a cumprir na assinatura de contratos entre as agências de turismo dos dois lados da fronteira. O objectivo é regular o mercado e melhorar a qualidade dos serviços turísticos.

Incentivos para negócios na Ilha da Montanha

As empresas que investirem no projecto de desenvolvimento conjunto na Ilha da Montanha (Hengqin) vão gozar de uma política fiscal semelhante à praticada em Macau. Prevê-se que a flexibilização dos impostos seja uma vantagem para atrair investidores, uma vez que, em territórios vizinhos como Hong Kong ou o Interior do País, a carga fiscal é mais pesada do que em Macau.





MANUEL AMANTE DA ROSA

O diplomata cabo-verdiano Manuel Amante da Rosa regressou ao seu país natal depois de desempenhar desde 2008 as funções de secretário geral-adjunto do Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação entre a China e os Países de Língua Portuguesa, em representação dos países lusófonos. Licenciado em Direito, já tinha ocupado diversos cargos no âmbito do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Cabo Verde, incluindo os de embaixador em Angola e no Brasil.

JOÃO MIGUEL BARROS

O advogado João Miguel Barros, há vários anos radicado em Macau, é o novo chefe de gabinete da ministra portuguesa da Justiça, Paula Teixeira da Cruz. O jurista voltou assim a desempenhar funções de chefe de gabinete num governo português, depois de ter exercido esse cargo quando a pasta da Justiça foi entregue a José Pedro Aguiar-Branco, em 2005, no Executivo liderado por Pedro Santana Lopes. Em Macau, João Miguel Barros esteve, durante anos, ligado à Associação dos Advogados, tendo sido secretário-geral.



AMÉLIA ANTÓNIO

Amélia António foi reeleita para a liderança da Casa de Portugal em Macau, num momento em que se assinalam os primeiros dez anos de existência da associação. A advogada, residente em Macau há cerca de 30 anos, é presidente da associação desde 2005. Na sua área profissional, foi secretária-geral da Associação dos Advogados em princípios dos anos 90 e presidente do Conselho Superior de Advocacia em 2002 e 2003.

LU SHUMIN

Despediu-se de Macau depois de durante três anos ter sido o Comissário do Ministério dos Negócios Estrangeiros na RAEM. O diplomata, nascido em 1950, na Província de Shanxi, serve o mesmo ministério desde 1976, tendo desempenhado, entre outros cargos, os de Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário da República Popular da China na Indonésia e no Canadá.



CARLOS COUTO

O pavilhão de Portugal na Expo 2010, em Xangai, da autoria de Carlos Couto, foi distinguido em Julho com o prémio de “Arquitectura para o Melhor Projecto Público” do *Jornal Construir*. Já antes o trabalho do arquitecto, radicado em Macau há cerca de três décadas, havia sido galardoado com o prémio *Pavillion Design Award*, atribuído pelo próprio Bureau International des Expositions.



RUI VILAR

O presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, Rui Vilar, visitou Macau em finais de Julho para participar em diversos eventos dedicados à salvaguarda do património português no mundo. Numa entrevista ao jornal Hoje Macau, Rui Vilar anunciou a disponibilidade da Fundação para criar um programa de bolsas de doutoramento e de investigação para alunos locais em universidades portuguesas.

RODRIGO PEDRO DOMINGOS

Rodrigo Pedro Domingos regressou a Angola, depois de ao longo de cerca de três anos e meio ter sido o primeiro cônsul-geral da República de Angola na Região Administrativa Especial de Macau. Entre 2003 e 2007 tinha sido cônsul-geral de Angola na Holanda. No seu regresso ao país natal, o diplomata assumiu um cargo de direcção no Ministério das Relações Exteriores.



LUIS RUIZ SUÁREZ

No dia 26 de Julho morreu em Macau, aos 97 anos de idade, o padre espanhol Luis Ruiz Suárez, que foi o fundador da Caritas de Macau, em 1951. Chegou à China em 1941 e, no final da Guerra, estabeleceu-se em Macau, onde se destacou no trabalho de ajuda aos mais desfavorecidos, nomeadamente os leprosos. O Chefe do Executivo da RAEM, Chui Sai On, emitiu um comunicado, em que manifestou “profunda consternação” pela morte do missionário.

UMA QUESTÃO DE IMAGEM

Que é bom e barato já se sabe. Há, porém, que mudar a tradicional imagem internacional e mostrar que também há vinhos portugueses de luxo, com qualidade. Em Macau, e na China em geral, o volume de importações do néctar português sobe ano após ano, mas está muito atrás das produções francesas, australianas e até norte-americanas

Texto: Luciana Leitão | Fotos: António Mil-Homens



Há mais vinhos portugueses a serem comprados em Macau, mas a quota de mercado continua baixa. Os especialistas dizem que, com a abertura de diversos hotéis, há outros agentes no mercado a fazer sombra à herança lusa.

De acordo com o coordenador dos vinhos para a China da casa de leilões Christie's, Simon Tam, assim que ocorreu a liberalização dos casinos, os novos operadores mostraram algum “respeito” pela cultura local, integrando a bebida na lista dos restaurantes de luxo.

Por isso, se, até agora, o vinho português é conhecido por apenas ser bom e barato, para Simon Tam, isso começa a mudar, com os importadores a procurarem algo mais da gama média-alta. “Alguns dos grandes vinhos lusos como o Barca Velha ou o Buçaco estão na mesma lista com excelentes nomes internacionais, como o Château Lafite”, salienta, acrescentando: “As castas mais antigas e famosas do Barca Velha começam a ser vendidas ao lado de vinhos como o Château Latour ou Burgundy, que vêm de casas de leilões como a Christie's.”

Mesmo assim, exceção feita ao Porto, continua a ser difícil vê-los nos leilões da Christie's. “Os vinhos portugueses muito bons são extremamente raros. Tentámos e não conseguimos encontrar”, diz, acrescentando que, regra geral, os mais leiloados vêm de regiões como Bourgogne ou Champagne, em França.

NOVOS AGENTES

Para o director de Alimentação e Bebidas do Instituto de Formação Turística de Macau, Hugo Bandeira, a liberalização dos casinos veio sobretudo permitir a entrada dos vinhos do chamado novo mundo, como os australianos e chilenos. “Foi aí que Portugal perdeu a quota de mercado que tinha”, refere.

Assim, para Hugo Bandeira, se o vinho português quer chegar a algum lado, terá de apostar numa nova campanha de *marketing*, decalcando-se do tradicional epíteto de bom e barato.

Aliás, segundo a Mestre de Vinho do Galaxy Macau, Jeannie Cho Lee, com os dados relativos à importação de vinhos portugueses a darem conta de uma descida da quota de mercado em termos de valor, é sinal de que continuam “a não ser levados a sério, ainda não estão ao mesmo nível dos franceses”.

O INTERESSE PELA TRADIÇÃO

Michael Keen, director de vendas e *marketing* da empresa de distribuição Fine Beverages Limited, concorda e refere que a abertura de novos *resorts* no território não resultou em muitos mais restaurantes de luxo macaenses ou portugueses que, como se sabe, dão primazia ao néctar luso. “Quando falamos de cozinhas francesas ou italianas, aí vê-se um aumento dos vinhos europeus, de países considerados mais tradicionais em termos de vinho, do ponto de vista dos chineses”, explica.

Mesmo assim, a empresa Fine Beverages Limited, que havia suspenso a importação de vinhos portugueses por problemas com o fornecimento, pretende retomar as operações. “Estamos a voltar atrás, porque acho que existe uma necessidade”, esclarece Michael Keen. Na realidade, maior ou menor, todos os hotéis da cidade têm uma secção da sua carta de vinhos dedicada apenas aos vinhos portugueses, reflectindo essa necessidade.

Por seu turno, a Summergeat Fine Wines, uma das principais importadoras de vinho em Macau, apesar de já existir há 12 anos, apenas nos últimos dois começou a olhar para os portugueses. Apesar de importar essencialmente vinhos de França, Austrália, Chile e EUA, segundo o director de vendas, Timothy Feather, nota-se um interesse nos néctares lusos da parte dos grandes hotéis, sobretudo devido à herança histórica.

A MELHOR LISTA

Os inquiridos apontaram o MGM como o hotel/casino com a melhor amostra de vinhos portugueses. “Até trouxeram uma colecção de Buçaco para cá”, afiança o enófilo Luís Herédia.

Já da lista de vinhos do Galaxy Macau, o mais recente *resort* do território, contam-se três dezenas de nomes lusos de diferentes gamas – o que, tendo em conta um total de quase 600, acaba por ser pouco.

QUANTO CUSTA UM LITRO?

Canadá	13,1
Nova Zelândia	8,1
Austrália	4,9
Portugal	3,1
França	2,8
Itália	2,3
Chile	1,4
Espanha	1,0

*Valores médios em dólares norte-americanos por litro

Fonte: Alfândega da China

Segundo Hugo Bandeira, o Crown também tem dado bastante atenção ao vinho luso, bem como o Four Seasons. Por outro lado, do Hotel Lisboa, onde se situa “o melhor restaurante de Macau, o Robuchon”, a lista de vinhos deixa muito a desejar na secção lusa. “Têm uma selecção de vinhos fantástica e a parte dos portugueses é quase ridícula, o que é uma pena. Temos vinhos suficientemente bons, mas é complicado entrar naquela lista”, assegura.

Da parte de hotéis menores, como o Grand Lapa ou o Mandarin Oriental, diz Luís Herédia, esses vinhos também constam da lista, mas como não tem havido também “uma aposta na gastronomia portuguesa”, os vinhos acabam por não ter expressão.

Macau eliminou em 2008 o imposto de 15 por cento que cobrava sobre as importações de vinho. Antes disso, tinha sido Hong Kong a eliminar o imposto de 80 por cento sobre o vinho e a cerveja. Desde então, tem havido um aumento de importação de vinhos.

A FORMAÇÃO

O Instituto de Formação Turística tem organizado seminários para promover os diferentes vinhos – portugueses e não só. “Quando está um produtor em Macau, trazemo-lo cá”, afirma o director de Alimentação e Bebidas do Instituto de Formação Turística, Hugo Bandeira. Paralelamente, organiza também cursos do WSET (Wine & Spirit Education Trust), instituição de Londres reconhecida internacionalmente. “Damos três níveis [Iniciado, Intermediário e Avançado] e os cursos têm estado cheios”, admite, explicando: “Só assim as pessoas vão percebendo a qualidade do vinho e podem ter uma mentalidade mais aberta para poder pagar um bocadinho mais pela dita qualidade”. A casa de leilões Christie’s também organiza seminários sobre vinho, bem como eventos especiais. “Há alguns meses, fomos anfitriões de um jantar Bordeaux 1961, que incluiu todos os Bordeaux e o lendário 61 Château Palmer”, explica Simon Tam. E, para já, estão a planear um jantar Burgundy 1978, considerada uma das grandes castas do século.

* Hugo Bandeira, director de Alimentação e Bebidas do Instituto de Formação Turística de Macau, afirma que a liberalização dos casinos permitiu a entrada dos vinhos do chamado novo mundo, como os australianos e chilenos

A FRANÇA É O NÚMERO UM

Os vinhos franceses ocupam a esmagadora maioria da quota de mercado no que toca ao valor nos primeiros cinco meses deste ano. Portugal vem apenas depois da Austrália, com 3,23 por cento. Quando se fala em volume de importação, Portugal tem um melhor posicionamento, ascendendo a número dois.

De acordo com os dados da Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal (AICEP), a importação de vinhos franceses corresponde a 84,06 por cento do mercado no que toca ao valor, o que corresponde a um aumento,

nestes primeiros cinco meses, de 0,86 por cento em relação ao ano passado. Por seu turno, Portugal, por enquanto, regista menos 0,17 do que no ano passado.

Quando se fala em volume, porém, os vinhos portugueses estão logo a seguir aos franceses. Os dados da AICEP revelam uma quota de mercado para o produto português de 23 por cento nos primeiros cinco meses do ano que, por enquanto, é inferior em 3,3 por cento em relação ao valor registado em 2010. Por seu turno, os vinhos franceses registaram um volume de importação de 35,72 por cento, o que, até agora, equivale sensivelmente aos mesmos valores do ano passado.





(Jan-Mai)

	litros	quota	litros	quota	litros	quota	litros	quota
França	211.507	14,2%	1.360.558	28,2%	2.146.201	35,03%	941.505	35,72%
Austrália	51.808	3,5%	440.707	9,13%	569.283	9,29%	254.922	9,67%
Portugal	960.571	64,7%	1.626.376	33,71%	1.613.327	26,33%	606.193	23%
EUA	41.891	2,8%	540.196	11,20%	631.806	10,31%	281.952	10,70%
China	73.743	5%	17.235	0,36%	21.012	0,34%	7024	0,27%
Espanha	69.742	4,7%	165.443	3,43%	289.399	4,72%	93.062	3,53%

*Fonte: AICEP



POSSIBILIDADE DE EXPANSÃO

Com os novos *resorts*/hotéis em Macau, tem havido um maior consumo de vinho. “Este fenómeno trouxe mais oportunidades para Portugal, e também para os outros países produtores de vinho”, comenta a delegada da representação em Macau da AICEP, Mariana Oom.

Prevendo o crescimento do mercado e a existência de um número maior de locais e turistas com conhecimento do vinho português, Mariana Oom espera que as importações continuem nesta curva ascendente. “De Janeiro a Maio de 2011, as importações de vinho português ascenderam a 29.355.517 patacas, representando um aumento de 53 por cento em relação ao mesmo período do ano anterior”, analisa a coordenadora.

Em Macau, o vinho português mais distribuído continua a ser o tinto, seguido do Porto. “Os vinhos tintos representam cerca de 75 por cento, muito embora o vinho do Porto e o vinho branco estejam a ter crescimentos assinaláveis (51 e 85 por cento, respectivamente, nos primeiros cinco meses do ano em relação a período homólogo no ano anterior)”, esclarece Mariana Oom.

Seja como for, o que é certo é que o vinho português continua a estar abaixo do francês. “Não penso que os vinhos portugueses estejam a perder força – não em termos de volume -, mas a França tem estado imparável com os Bordeaux a liderarem”, diz o chefe do departamento de Alimentação e Bebidas do Instituto de Formação Turística, David Wong.

O vinho português, continua o especialista, terá sempre um papel importante, com os hotéis e os restaurantes locais, bem como os turistas de Hong Kong e residentes portugueses e macaenses, a serem responsáveis pelo constante aumento de volume de importação.

E NO INTERIOR DA CHINA?

Segundo a Alfândega da China, em 2009, o valor das importações de vinho português para o Interior da China foi de 2,9 milhões de dólares norte-americanos e, em 2010, o valor registado é de 7,3 milhões. Assim, as importações para o Interior do País têm crescido e espera-se que

assim continue. “Nos primeiros cinco meses do presente ano as importações de vinho português já alcançaram o valor de 4,6 milhões de dólares norte-americanos”, aponta a responsável da AICEP.

Apesar de tudo, quando se faz a comparação com vinhos de outras origens, Portugal encontra-se muito abaixo no *ranking*, tanto em valor como em volume, tendo à sua frente, além de França, países como Austrália, Chile, Espanha, Itália e EUA. Assim, nos primeiros cinco meses do ano, Portugal alcançou 1,2 por cento da quota de mercado no que toca ao valor, enquanto França (a líder) registou 67,7 por cento. Já no volume de importação, Portugal registou 1,3 e França 26,5 por cento.

Na China, excluindo Macau, já há representações da Enoport, da Carmim e da Sogrape, em Xangai, da Dão Sul, em Zhuhai, e a sede Ásia da Sogrape, em Hong Kong, revelando “uma dinâmica de aumento das exportações mas também da abertura de representações próprias dos produtores na China”, segundo Mariana Oom.

	2009		2010	
	Volume*	Quota	Volume*	Quota
França	197.124	51,8	368.821	96,7
Austrália	97.102	25,5	148.072	38,9
Chile	55.006	14,5	76.817	20,2
Espanha	16.247	4,3	47.408	12,5
Itália	25.174	6,6	48.669	12,8
EUA	25.616	6,7	37.009	9,7
Argentina	6.485	1,7	9.538	2,5
Alemanha	8.026	2,1	13.920	3,7
Nova Zelândia	8.050	2,1	11.145	2,9
África do Sul	7.172	1,9	10.071	2,6
Portugal	2.916	0,8	7.340	1,9
Canadá	3.504	0,9	5.742	5,3

*Em milhares de dólares norte-americanos

Fonte: Alfândega da China



UM LONGO CAMINHO PELA FRENTE

Ainda falta muito para os vinhos portugueses entrarem em força no mercado do Interior do País. Com a população a descobrir nos últimos anos o gosto pelo vinho, normalmente os néctares lusos ainda são vistos como baratos, enquanto os franceses são a opção quando se quer gastar um pouco mais.

Para o coordenador dos vinhos para a China da casa de leilões Christie's, Simon Tam, é uma questão de tempo. Tendo em conta que já começam a ser vistos junto com vinhos internacionais nas cartas dos restaurantes locais, mais

* Simon Tam, coordenador dos vinhos para a China da casa de leilões Christie's, acredita que os vinhos portugueses estão cada vez mais a despertar o gosto e a curiosidade dos chineses



tarde ou mais cedo, os chineses sentirão curiosidade por este produto tradicional português.

Mas, verdade seja dita, da parte dos colecionadores chineses que procuram a Christie's tal ainda não se vê. "Ainda vai levar um pouco mais de tempo até que descubram outros vinhos que não os tradicionais", explica.

E, conforme assegura a Mestre de Vinho do Galaxy Macau, Jeannie Cho Lee, por enquanto, o mercado no Interior da China é "imaturo", dando espaço apenas a grandes e prestigiadas marcas/origens, como é o caso dos vinhos franceses Bordeaux. "Os chineses ainda nem sequer começaram a olhar para os italianos."

Para o director de vendas e *marketing* da empresa de distribuição Fine Beverages Limited, Michael Keen, na China as pessoas estão à procura de vinhos portugueses baratos. Se quiserem

investir mais, comprem franceses dada a fama.

DEMASIADA COMPETIÇÃO

Em Hong Kong, a penetração das bebidas lusas também é mínima, mas os motivos são outros. "No geral, outros países estão a fazer mais barulho, como a Itália, a Espanha e os EUA. Estão a apostar mais forte no *marketing*", assegura Jeannie Cho Lee. Além disso, o mercado na região vizinha é muito competitivo, deixando pouco espaço para o vinho português.

Apesar de tudo, diz o enófilo Luís Herédia, já se começa a ver, também em Hong Kong, um crescente interesse e uma maior informação. "Na última acção da ViniPortugal, estavam lá duas 'Master of Wines' de Hong Kong, além da nata da área. Os profissionais já sabem, agora o que falta é conseguir chegar ao consumidor."







UM GRANDE MERCADO, UMA GRANDE DIFICULDADE

Há dois anos, a China nem sequer aparecia no top 30 dos destinos de exportação de vinhos portugueses. No ano passado, no entanto, o mercado chinês entrou directamente para a 18ª posição do ranking e a tendência crescente mantém-se. Mas para um grande mercado, há grandes desafios à porta

Texto: António Larguesa

O fulgurante poder de consumo da China atrai para os confins da história a circunstância de raízes recentes de os chineses mergulharem duas pedras de gelo no copo de vinho tinto. Também na indústria vinícola vem cada vez mais à tona, trimestre após trimestre, a “flutuação” crescente do mercado chinês nas exportações portuguesas. Em 2009 estava fora do top 30 de mercados de exportação; em 2010 entrou directamente para o 18.º lugar do *ranking*. Os três primeiros meses de 2011 indiciam um movimento consolidado, saltando a China para o 14.º lugar, tanto em valor como em volume.

Segundo os dados da ViniPortugal, no ano passado Portugal exportou para a China 27.403 hectolitros de vinho no valor de 4,3 milhões de euros. Comparando com 2009, houve um aumento de 93 por cento em valor e de 143 por cento em volume. Os dados relativos já ao primeiro trimestre deste ano mostram um crescimento de 108% em valor e 191% em volume face ao período homólogo do ano anterior, que apontam para nova ascensão da China na rota dos destinos para o vinho português. Um mercado, resume Miguel Nora, gerente para a Europa e Ásia da ViniPortugal, onde existe forte preferência pelos tintos e em que os resultados dos anos de colheita, assim como as regiões – à excepção das mais famosas internacionalmente, como Bordeaux – são ainda pouco conhecidos dos consumidores.

Por isso, além da presença em grandes eventos – como as principais feiras, duas a três vezes por ano – esta associação interprofissional, ligada desde 1997 à produção e ao comércio de vinho, complementa a promoção na Ásia com acções que colocam enfoque na formação e educação dos agentes locais, de modo a que conheçam melhor os aspectos distintivos dos vinhos portugueses. Pela dimensão do mercado e com recursos limitados, a ViniPortugal tem centrado estas acções em três áreas geográficas do “Eixo Asiático”: Pequim, Xangai e Hong Kong – Macau. “Acreditamos que esta concentração de recursos nos ajudará a obter escala nestes importantes pólos, para assim concorrermos com os nossos competidores”, frisa Miguel Nora.

A promoção recente assenta nos valores da aventura (“incorpora o desafio de conhecer os nossos vinhos, alguns deles com uma complexidade verdadeiramente entusiasmante”), da diferença, pela “oferta única em termos de regiões e multiplicidade de castas, que distingue dos outros países produtores”, e da autenticidade, trazida pela tradição milenar na produção de vinho e pela importância deste produto na cultura e na história portuguesa, explica o responsável da associação.

DESLOCALIZAÇÃO DO CONSUMO

Sem dados desagregados sobre as transacções comerciais para Macau nos últimos trimestres, a ViniPortugal confia no contacto com agentes locais para concluir pela perda de quota dos vinhos portugueses na região,

Em 2010, Portugal exportou 2,7 milhões de litros de vinho para a China.

Em comparação com 2009, o aumento foi de 143%

onde o crescimento tem ficado aquém das taxas médias do mercado. “Acaba por ser natural porque tínhamos uma quota muito elevada e,

com a crescente globalização, não só os nossos produtores alargaram a sua distribuição para outras zonas da Ásia, como os agentes locais de Macau têm sido seduzidos por fornecedores de outros países.” No entanto, o mais importante, desvaloriza o responsável da ViniPortugal, é o posicionamento e a comunicação. “Tem de ser absolutamente claro para um consumidor na região de Macau que, quando encontra um vinho português, tem perante si um produto único e de qualidade muito elevada.” O aumento da capacidade hoteleira macaense provocou uma deslocalização progressiva da comercialização de vinho do canal *off-trade* para o canal *on-trade*. No entanto, conclui Nora, o crescimento neste último canal não tem sido na mesma escala do aumento da capacidade hoteleira, pelo que terá ainda potencial de crescimento.

A previsão de resultados para este ano reflecte o aproveitamento deste filão por parte da reputada Quinta de Monte d’Oiro (QMdO), instalada em Alenquer (região da Estremadura) que tem a China como principal mercado externo. Macau representa uma “fatia considerável”. Em meados dos anos 1990, a quase totalidade; até 30% nos últimos anos; mais de 40% expectável em



Foto: António Mil-Homens

2011. “O grande aumento do número de hotéis, restaurantes e casinos em Macau faz-se notar claramente no nosso perfil de vendas, estamos a apostar com sucesso nesses canais, com contactos regulares e negociação de contratos a médio/ longo prazo”, resume Sophie Mrejen, directora comercial e de *marketing*.

Em 2010, a QMdO exportou 12.500 litros para a China, correspondendo a um volume de vendas na ordem dos 200 mil euros, o que representa um acréscimo acima de 30% quer em volume, quer em facturação. Para este ano, é esperada a quase duplicação das vendas e um aumento de 55% em volume para um total de 25 mil garrafas. A experiência da empresa liderada por José Bento dos Santos indica que o mercado chinês tem preferência por vinhos de classe alta e média-alta, segmentos em que se inserem os vinhos que produz nos 42 hectares da propriedade, onde foram replantadas as castas Syrah, Viognier e Petit Verdot, trazidas das suas regiões originais

em França, e as portuguesas Touriga Nacional e Tinta Roriz. Embora também produzam vinhos na gama *premium*, o *core business* são os vinhos super/ultra *premium*. “Há uma grande apetência por vinhos que sejam associados facilmente ao estilo clássico europeu, inspirando confiança e qualidade”, acrescenta Sophie Mrejen.

A promoção e venda é confiada a agentes importadores. Porém, no final de 2010 uma missão empresarial permitiu a Bento dos Santos encetar conversações *in loco* com a Sociedade de Jogos de Macau, que possui uma das maiores cartas de vinhos do mundo, e outros casinos. Actualmente, os vinhos da QMdO estão já disponíveis em várias garrafeiras e restaurantes, como o Instituto de Formação Turística, o Clube Militar ou os hotéis MGM, Mandarin Oriental e Wynn. A principal época forte para a exportação é o final do ano (para chegada da mercadoria antes do Ano Novo Chinês) e o início do Verão.

Em equação estão inclusive ligeiras mudanças

VINHOS PARA A CHINA



Foto: António Mil-Homens

na produção para adequar o vinho ainda mais aos sabores da comida chinesa, conforme desejo de José Bento dos Santos, também vice-presidente da Academia Internacional de Gastronomia, de continuar a elaborar vinhos densos, profundos e minerais, com grande sentido gastronómico. E se são mais apropriados para a cozinha mediterrânica, são também “reconhecidamente versáteis em termos gastronómicos”, como aponta Sophie Mrejen. “Temos, por exemplo, os aromas secundários e terciários do Syrah (especiados, empireumáticos, chocolate) ou o *bouquet* floral do Viognier (com notas de alperces, figos e mel) que ligam maravilhosamente com o exotismo e untuosidade da cozinha oriental.”

OBSTÁCULOS MAIORES QUE O PREÇO

A presença mais habitual à mesa dos chineses não eclipsa as dificuldades na colocação de vinhos neste mercado. Desde logo devido à distância e às barreiras linguísticas e culturais. “Mas principalmente sentimos que há ainda grandes obstáculos a nível burocrático e logístico”, frisa Miguel Nora, da ViniPortugal. O acumular de experiência e a crescente abertura da China ao comércio internacional tendem a amenizar o ardor da tarefa.

Para os pequenos produtores, como a União das Adegas Cooperativas da Região dos Vinhos Verdes (Vercoope), que recentemente assinou contratos comerciais “de intenção” com empresários macaenses, “encontrar o agente certo” e assegurar as garantias de pagamento são os maiores óbices. Representada em 30 países de todos os continentes, a presença na China é ainda “reduzida” e limitada a Macau, relata o director comercial, Casimiro Alves. Tipicidade, singularidade e frescura são os argumentos deste vinho produzido no Noroeste português, onde desde as montanhas até ao mar se estende a Região Demarcada dos Vinhos Verdes. Os contactos com as grandes cadeias hoteleiras de Macau são parcos, sendo mais frequentes com os importadores e distribuidores locais, que colocam estes vinhos de Amarante, Braga, Famalicao, Felgueiras, Guimarães, Paredes e Vale de Cambra nos canais *on-trade* (restaurantes e hotéis) e *off-trade* (supermercados e *wineshops*) a um preço entre duas a três vezes superior ao preço de venda ao público em Portugal.

“A principal dificuldade é a enormíssima di-



Foto: João Cortesão

* Miguel Nora, da ViniPortugal, explica que é preciso ultrapassar obstáculos burocráticos para popularizar o vinho português na Ásia

mensão do mercado chinês. Por um lado, há ainda pouca promoção do vinho português em geral, difícil num mercado tão grande e disperso por tantas cidades. Por outro, tememos no futuro não ter quantidades suficientes disponíveis para satisfazer todas as necessidades deste mercado, o que estamos a tentar contornar confinando as vendas a um segmento de luxo, onde é dado o devido valor à escassez”, resume a directora comercial da Quinta de Monte d’Oiro. Relativamente aos preços, em garrafeira (na restauração as margens costumam ser superiores), o preço de venda ao consumidor em Macau depende das margens dos intermediários e no ponto de venda, rondando os 30% acima do valor de referência em Portugal. Em todo o caso, apesar das variações decorrentes do processo negocial com importadores e distribuidores, os preços à porta da adega dos vinhos da QMdO são “sensivelmente iguais”, quer para o mercado interno quer para exportação. “Com a velocidade de transmissão da informação e, principalmente, a redução dos preços unitários de transporte, a diferença entre o preço de uma garrafa de vinho em Macau e em Portugal é praticamente nula”, justifica Miguel Nora, da ViniPortugal.

O ESTRO DO POETA



MÁRCIA SCHMALTZ

Leitora da Universidade de Macau

Fonte de inspiração de poetas, inúmeros poemas foram escritos ao regalo do vinho, que possui uma longa tradição na cultura Chinesa. É no *Livro dos Cantares* (*Shi Jing*, 《诗经》), organizado por Confúcio (551-479 a.C), que é creditada a primeira referência à uva:

*Há no sul plantas vergadas
Que as trepadeiras atraem.
Oxalá o nosso Príncipe frua
gozo e bem-estar.*

Compilado no mesmo período, *Rituais de Zhou* (*Zhou Li*, 《周礼》) aponta o cultivo de vinhedos em residências particulares e o consumo de vinho pela corte. Li Shizhen (1518—1593), autor do *Compêndio de Ervas Medicinais*, observa que a designação 葡萄 (*pútáo*)

está registada nos *Anais de Han*¹ e está relacionada aos ideogramas homófonos 酩酊 (*pútáo*), extraídos do verbete: “bebida de consumo colectivo que provoca embriaguez” (人酩酊之，则酩酊而醉, *rén pǔ yǐn zhi, tàorán ér zuì*).

De acordo com as anotações do *Registos da História* (《史记》 *Shi Ji*), a variedade Europeia da uva e a respectiva técnica de fermentação foram introduzidas da Ásia Central, entre 138-119 a.C., pelo explorador Chinês, Zhang Sai (张塞). Conta-se que o vinho foi tão apreciado pelo imperador que este ordenou o plantio de vinhedos em toda a volta do palácio cuja produção de vinho chegou a uma escala considerável. Entretanto, com as guerras no final da dinastia Han Oriental, no início





do século III, a produção vitivinícola caiu, fazendo com que o valor do vinho subisse às alturas. Segundo os *Anais dos Três Reinos* (《三国志》 *San Guo Zhi*), um cargo de governador de província fora obtido mediante o pagamento de vinte e seis litros de vinho, uma pequena fortuna na época. O imperador Cao Pi da dinastia Wei (220-265), também era um grande apreciador de vinho, a tal ponto que costumava registar a sua opinião sobre o néctar em seus éditos, incentivando o gosto pela bebida entre os súditos e, dessa forma, propulsionou em pátamar mais elevado, a cultura do vinho na China.

Durante o reinado do imperador Li Shimin (627-649) da dinastia Tang (618-907), o território Chinês expandiu-se

para além de Samarcanda e Tashkent e, assim, novas variedades de uvas e técnicas de fermentação foram introduzidas, melhorando substancialmente a coloração e o sabor do vinho. Nos primeiros vinte anos do reinado de Li Longji (712-756), o Império do Meio atinge um período de prosperidade, graças à estabilidade social e económica, que possibilita ao vinho concorrer em popularidade ao lado dos então consagrados destilados de arroz, de trigo e de sorgo (chamados genericamente por *bai jiu* 白酒). Foi neste áureo tempo que nasceu o mais genial de todos os poetas chineses Li Bai (701-762), também conhecido como o maior amante do vinho.

Os grandes temas recitados pelo gênio eram compostos

principalmente por montanhas, rios e pela lua, regado à inspiração proporcionado pelo vinho, presente sempre em seus poemas: *canto o meu canto, bebo o meu vinho/ e desejo ver a Lua brincar na minha taça de vinho*. O poeta era de tal forma apaixonado pela bebida que desejou sorver cem taças por dia, até o fim dos tempos, e até ansiou que as águas do rio se transformassem em vinho, como demonstrado na Balada de Xiangyang, traduzido por António Graça Abreu:

(...)
*Cem anos são trinta e seis mil e quinhentos dias,
é preciso esvaziar cem taças por dia.
Ao longe as águas do rio Han,*

O VINHO



*verdes como cabeças de pato,
como vinho fermentado.
Se este rio se transformasse
em vinho,
levantar-se-iam grandes ter-
raços com o mosto.
Então eu trocaria a minha
jovem concubina
por um cavalo de mil onças
de ouro
e, bêbado, a galope, can-
taria “Murcham as flores da
ameixoeira”.
No carro suspenderia um pote
de vinho
e avançaria entre a música de
pifaros e flautas.
Melhor esvaziar a taça ao
luar
(...)*

O poeta de espírito irrequi-
eto, não se enquadrava aos
moldes clássicos tradicionais,
e preferia colocar o pé na es-
trada, na companhia do vinho,
onde não via o tempo passar,
como declamou:

*Sentei-me bebendo.
Não divisei o anoitecer
até que pétalas caídas
encheram as pregas da minha
cabaia de seda. (...)*

Em outro poema, percebe-se o
seu lado taoista, desprendido
das disputas de poder e da ma-
terialidade terrena, preferindo
a inspiração poética e em com-
panhia de um bom vinho:

*Sentados em esteiras, be-
bendo vinho,
desfrutamos a paisagem no
Terraço da Fénix.
As ondas do rio arrastam o
passado,
abre-se meu coração,
dissipam-se as nuvens.
Em tempos remotos fénix*

*voaram por estes lugares,
porque não regressam hoje?
O nosso imperador supera
Fuxi e Huangdi²,
sentado ao trono, ao lado dos
três grandes dignitários.
Para que servem heróis e
letrados?
basta o dedilhar do alaúde, a
embriaguês em taças de ouro.
Quando o vento leste nos traz
as flores da montanha
quem renuncia ao vinho nas
taças?
Imperadores de seis dinastias
jazem sob a erva,
o musgo enegrece o fundo dos
palácios.
Comprar vinho, a mais digna
de todas as tarefas.
Que música e canções inspirem
o meu poema!*

Seguindo a sua peregrinação,
o poeta sobe à montanha Tai,
a mais sagrada de todas as
montanhas chinesas, para ver
o nascer do Sol. Lá encontra
meninas de jade que lhe ofere-
cem vinho em taças de nuvens.
Mesmo arredio às instâncias
de poder, Li Bai cujos poemas
eram considerados *capazes*
de comover os deuses torna-
se protegido do imperador
e, sem prestar concurso aos
exames imperiais, foi nomea-
do como secretário redactor da
Academia Hanlin, mas con-
tinuou as suas libações pela
então capital Chang'an (atual
Xi'an). Du Fu (712-770),
poeta também consagrado, co-
mentou que:

*Incontáveis copos de vinho
e Li Bai compõe cem poemas.
Dorme numa taberna, no
mercado de Chang'an,
quando o imperador solicita
sua presença.*

*O poeta recusa a barca do
Filho do Céu e diz:*

*“Que Sua Majestade saiba.
este seu humilde servidor
é o rei dos Bêbados.*

Inúmeras histórias, misto de
lendas e realidades, são nar-
radas nos três anos de sua
permanência na corte. Uma
delas conta que o poeta entra
no círculo dos “Oito Imortais
do Vinho”, que reúne excên-
tricas personagens conhecidas
por uma vasta erudição e uma
inexcedível paixão pelo ál-
cool, como descrito por Abreu
(1994:18), onde um dos Imor-
tais trocou a insígnia com a
tartaruga de ouro por vinho.
Devido a uma impertinência
do poeta embriagado durante
um banquete imperial, Li Bai
é afastado da corte e retorna
a sua vida de andarilho er-
rante, onde deixa registado o
seu desdém pelo meio: *Dos
três mil cavaleiros sentados à
sua mesa/ de quem recorda o
nome de um só deles?*

Contudo, o poeta trazia con-
sigo uma pequena placa de
ouro incrustada com a reco-
mendação imperial a toda a
gente, que o recebessem e o
cuidassem. Em 756, Li Bai,
por motivo ainda não esclare-
cido pelos estudiosos, apóia a
malfadada rebelião de um dos
filhos do imperador na disputa
pela sucessão do trono, por
sorte, consegue se livrar da
pena capital e ser desterrado
para Guizhou. No caminho,
ele visita amigos e mais cân-
taros de vinho são esvaziados
e outras dezenas de belos po-
emas são registados. Em 759,
antes de chegar ao seu destino,
recebe a notícia de sua amnis-
tia e imediatamente toma um

barco em sentido de volta à planície central.

Encontrou a sua terra devastada pela guerra, a fome e a peste dizimavam aldeias e cidades. O sexagenário Li Bai busca paz e calma e as encontra junto a um distante parente seu, um subprefeito de Dangtu (当涂), província de Anhui. Apesar da sua biografia oficial registar que faleceu em casa, preferimos a lenda romântica que conta que o poeta numa noite tranquila de Outono, anda de barco sozinho num lago repleto de flor de lótus. Bebendo sozinho sob o luar e olhando as montanhas ao longe, Li Bai é tomado por uma imensa melancolia e sente a tristeza de todos os homens. O poeta faz um brinde a Lua e observa o seu enorme reflexo estático como dum espelho, quase ao alcance da sua mão. Embriagado, o poeta entoia um: *Li Bai de viagem por terras distantes, o velho Ji de viagem para outro mundo/ onde continuará destilando o puro néctar. Quem lhe comprará aí a aguardente?* A seguir, debruça-se e tenta agarrar o disco branco sob a água, que se afasta. Então, “Li Bai desliza da barca para as águas, toma toda a Lua em seus braços e, abraçado ao luar, mergulha no lago, para sempre”, como registado na bela prosa de Abreu.



Foto: dreamstime.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abreu, António Graça (1994) Prefácio. In: Li Bai (1994). *Poemas de Li Bai*. (Tradução de António Graça de Abreu). (pp. 13-48). Macau: Instituto Cultural de Macau. 2ª edição.

Chen, Shou (dinastia Jin Ocidental) (2007) *Anais dos Três Reinos* [《三国志》 *San Guo Zhi*]. In: *Clássicos da filosofia chinesa*. Wuhan: Editora da Universidade Politécnica de Wuhan.

Li Bai (1994). *Poemas de Li Bai*. (Tradução de António Graça de Abreu). Macau: Instituto Cultural de Macau. 2ª edição.

Li, Shizhen (2008) *Compêndio de Ervas Medicinais* [《本草纲目》 *Ben cao gangmu*]. Haikou: Editora Nan'hai. *O Livro dos Cantares* [《诗经》 *Shi jing*] (1979) (Tradução de Joaquim A. Guerra). Macau: Jesuítas Portugueses.

Sima, Qian (dinastia Han Ocidental) (2007) *Registos da História* [《史记》 *Shi Ji*]. In: *Clássicos da filosofia chinesa*. Wuhan: Editora da Universidade Politécnica de Wuhan.

Zhou, Gongdan (dinastia Zhou Ocidental) (2007) *Rituais de Zhou* [《周礼》 *Zhou Li*]. In: *Clássicos da filosofia chinesa*. Wuhan: Editora da Universidade Politécnica de Wuhan.



UM NÉCTAR COM MILHARES DE ANOS

Putao jiu, como é conhecido na China o vinho de uva, começou a ser produzido ainda no século II a.C., quando um enviado do imperador Wu Di ao oeste do território narrou as maravilhas que se podiam fazer com uvas. Desde então, as combinações com castas francesas estão a agradar o paladar dos chineses

Texto: José Simões Morais



No início dos anos 90 do século XX, ao percorremos as estradas da Província de Henan, passamos por campos de videiras onde palhotas construídas de canas de bambu e cobertas por colmo estão colocadas por cima das vinhas, com o objectivo de vigiar as vinhas. Nas bermas da estrada, vendedoras com o cesto cheio de uvas, de bago muito cheio e redondo e de um verde mesclado com castanho, pedem fortunas por um cacho. As castas são de Olhos de Dragão, Beichuan e Ju Feng Noir, consideradas de fraca qualidade. O sabor ácido alterou-se por completo agora, no terceiro milénio, com a produção generalizada de uva de outras castas, como a Cabernet Sauvignon, Merlot, Chardonnay, e um toque mais requintado.

O vinho de uva (ou *putao jiu*, em chinês) tornou-se conhecido na China no século II a.C., quando Zhang Qian, o enviado do imperador Wu Di às regiões do oeste, ao regressar do vale de Fergana narra ter encontrado vinho feito de uva. As pessoas ricas armazenavam-no em grandes quantidades por a bebida manter-se em bom estado por muitos anos.

Durante o reinado do imperador Taizhong (626-649) da dinastia Tang, a produção de uvas para a feitura de vinho sofreu um incremento. O cultivo de uvas e a produção de vinho dava um grande lucro. No período mongol (1271-1368), o vinho era então apenas usado para cerimónias religiosas. Marco Polo fala do vinho de uva produzido onde hoje é a província de Shanxi e di-

fundido por toda a China.

O imperador mongol Kangxi (1661-1722) avançou para a plantação de vinha e concluiu que as uvas davam-se melhor no norte do território. Em 1892, no reinado do imperador Guangxu da dinastia Qing, o emigrante chinês Zhang Bi-shi começou a fazer vinho na região de Yantai, na Província de Shandong. Assim nasceu a Companhia do Grupo Yantai Changyu, que só em 1949 conseguiu vingar com a marca Changyu. Em 1910, um padre francês começou a produção de vinho com as uvas das videiras do recinto da sua igreja Heishanhu, em Fuwai, nos arredores de Pequim. Para armazenar o vinho, usou as caves da própria paróquia. Trinta e seis anos mais tarde, começou a vender vinho no mercado chinês, legalizando as caves com o nome Shangyi de Pequim. Em 1949, as caves foram adquiridas pelo Estado e, dez anos mais tarde, o Governo da capital da China mudou o seu nome para Fábrica de Vinho de Pequim, lançando a marca Zhonghua. Em 1987, com a colaboração da companhia francesa Pernod Ricard, criou a Dragon Seal Brand, com vinhas em Huailai, na Província de Hebei, a 130 quilómetros a nordeste de Pequim. No ano seguinte, apareceu no mercado o vinho Dragon Seal que, desde então, tem acumulado medalhas em concursos de enologia. Em 1980, a primeira *joint venture* sino-francesa criada para a produção de vinho foi feita com a Remy Martin (Cointreau) e assim nasceu o vinho branco Dynasty, proveniente de Tianjin.



Fundada em 1983, a China Great Wall Wine Co. Ltd produz a marca Grande Muralha, com vinhas em Shacheng, na província de Hebei. Essas vinhas encontram-se a norte da Grande Muralha, mais propriamente em Huailai, zona que em 1976 foi reservada para a produção de vinho pelo Instituto Nacional de Alimentos Fermentados. Depois, através de uma iniciativa do organismo, foi criada a China Great Wall Wine Co. Ltd para fazer a fábrica de vinho Shacheng. Conta actualmente com a colaboração da família Torres de Espanha, que trouxe uma nova dinâmica à produção deste néctar.

As melhores províncias para a produção de vinho são as do norte, sobretudo Shandong, onde se produz 10% de todo o vinho na China, e Hebei. Ao redor de Tianjin produz-se 15% e na província de Xinjiang existe um quarto das vinhas do País, apesar da maioria das vinhas servir para a produção de uvas passas. Em Yunnan, grande parte da produção é de uvas de mesa, mas existe o vinho Yunnan Hong, produzido em Mile, sob a responsabilidade da casa-agrícola Dongfeng. Acrescentamos Ningxia, onde em 1997 provámos um bom vinho tinto proveniente das montanhas Helan, apesar de não se encontrar referenciado e nunca o ter encontrado fora da província. Actualmente os vinhos maduros chineses começam a ter uma grande produção em muitas províncias. As quatro marcas de vinho mais importantes na China são a Changyu de Shandong, a Grande Muralha de Hebei, a Dynasty de Tian-

jin e a Tonghua de Jilin. A Huagong de Qingdao, a leste da província de Shandong, tem um bom vinho branco. Outras marcas são Fengshou, Baiyanghe Dry Wine, China Red, Duke Dry Wine e Weilong. O Tíbeten Dry começa agora a ter projecção em todo o País, com lojas onde a marca exclusiva recheia o espaço do negociante com mercadoria, decoração e publicidade.

Se em 1994 provámos o vinho de Turfan, que é muito doce e deve ser apresentado como aperitivo, a reinar agora está o Lau Lan, feito com a casta Cabernet Sauvignon. Também em Xinjiang a produção de vinho branco e tinto de uva, com a marca do nome da província, tem vindo a ganhar fama.

Em 1997, a China tinha tantos hectares de vinha e produção de vinho como Portugal. Nesse esforço de crescimento, que tinha partido quase do zero, chegou à fase do amadurecimento. Assim, a qualidade dos vinhos chineses de uva está a atingir o topo, com as suas vinhas velhas a aliciar os gostos mais requintados.

A divulgação dos sabores do vinho de uva, após apreendidos e degustados, começa também a conquistar o paladar e olfacto da população chinesa em geral, o que dá a esse sector um largo potencial de crescimento. Nos finais de 2008, o imposto sobre vinho de uva importado baixou para mais de metade, o que levou o mercado chinês a ser inundado de vinho de todas as origens. Mas o produto interno continua a ter lugar numa mesa chinesa.



O DIREITO DE ESTUDAR EM MACAU

Chegaram da Bolívia, do Senegal, de Itália, de Moçambique e até de Portugal. Não vieram à aventura ou à procura de um emprego melhor – vieram para estudar no território. Todos na área do Direito

Texto: Hélder Beja



Macau é terra de muitos advogados expatriados. O sistema jurídico local, de matriz portuguesa, faz com que todos os anos cheguem mais tribunos lusos para trabalhar no território. Mas agora a RAEM está também a assumir-se como um pólo de ensino de Direito procurado por estudantes das mais diversas proveniências.

Da Europa, de África ou da América Latina, são alunos que chegam sem saber muito sobre o território ou a Universidade de Macau, onde estudam, e que acabam por encarar a possibilidade de ficar por cá quando terminado o percurso académico. A Ásia, dizem quase todos, é o lugar para estar neste momento.

FRANK SOUSEK MEDRANO

28 ANOS - BOLÍVIA

Frank chega para falar connosco com olhos de sono e algum atraso em relação à hora marcada. A razão é simples: a sua Bolívia natal teve mais um jogo da fase de grupos da Copa América em futebol, na Argentina, e apesar do fuso horário completamente diferente o adepto não quis perder o embate.

“Vim pela primeira vez a esta parte do mundo porque o meu irmão vive na China. Quando terminei a licenciatura, em 2005, ele começou a persuadir-me a vir para cá”, começa o estudante de Direito na Universidade de Macau (UM). Para trás ficou a cidade de Cochabamba, a quarta maior da Bolívia, e vários anos passados nos Estados Unidos para tentar encontrar solução para o problema clínico que o impede de deslocar-se normalmente.

Frank Sousek Medrano tem a certeza de que quer permanecer na Ásia. Começou o percurso académico na Universidade de Udabol e acabou a estudar em Macau mais ou menos por acaso. “Gostei de toda a experiência asiática e decidi que queria fazer o mestrado aqui. Concorri primeiro para Singapura, era a minha primeira opção. Infelizmente não se verificou e comecei à procura de alternativas”, conta. O Interior da China não era uma opção – “porque se por um lado tinha gostado, sentia que não estava preparado para a experiência de viver lá” – e acabou por surgir a RAEM. “Não sabia muito sobre Macau. Encontrei a UM e pareceu-me bem, tinha um programa decente, os custos eram imensamente competitivos quando comparados com os de Hong Kong. E acabei por decidir vir e frequentar um bom programa por metade do preço de Hong Kong.”

Chegou em 2009, para o mestrado em Direito Comparativo Europeu e Internacional. Dois anos depois, está satisfeito com a opção tomada. “Não me queixo da universidade, correspondeu às minhas expectativas, mas direi sempre que a melhor experiência está fora da escola”, continua. No território gosta de “poder encontrar



Foto: Carmo Correia

peças com experiências culturais muito diferentes” e, devido à barreira linguística, lembra que nos primeiros tempos foi “desafiante fazer coisas simples, como ir para um certo lugar por conta própria, sem ter de depender da ajuda de outra pessoa”.

Frank Sousek Medrano vive na residência da UM e está prestes a terminar o mestrado. Depois, a ideia é ficar. “Devo acabar até ao final do ano mas gostaria de tentar encontrar trabalho por aqui, pelo menos por mais um ano”, conta. Porquê? “Porque aqui há oportunidades de trabalho muito melhores do que aquelas que poderia ter na Bolívia.”

MARIALAURA FINO

26 ANOS - ITÁLIA

França, Inglaterra, Itália, EUA, Quênia, Uganda e é provável que nos estejamos a esquecer de algum destino. Marialaura Fino tem apenas 26 anos mas já viveu um pouco por toda a parte – e viajou por muitos mais lugares. “Depois de viver e trabalhar em África, queria voltar a estudar sobre aquele continente, mas ao mesmo tempo queria vir para a Ásia, porque conheci muitas pessoas chinesas em África e estava mesmo interessada em ver de onde tinham vindo”, diz a jovem que começou os estudos superiores na Universidade Luiss Guido Carli, em Roma, e que hoje frequenta o mestrado em Direito Comparado da UM.



Foto: Carmo Correia

As crescentes relações económicas e culturais entre o continente africano e a China foram o factor derradeiro para que a rota apontasse a este lado do mundo. “Pensei em vir para cá, descobrir este continente, e ao mesmo tempo estudar África a partir de uma perspectiva chinesa”, prossegue Marialaura. As portas da instituição abriram-se através do contacto com Salvatore Mancuso, professor de Direito e africanista internacionalmente reconhecido. “Ele foi muito acolhedor desde o começo. Depois, Macau, em comparação com o Interior do País, é uma porta de entrada mais suave na China. Percebe-se que viver em Macau é comparativamente mais fácil para estrangeiros. Esse não era o meu objectivo, mas aprecio isso agora que estou aqui. Tenho a oportunidade de viajar pela China e de, ao mesmo tempo, viver num ambiente mais favorável para um europeu”, aponta.

Na sala de aula, as coisas correm bem e o interesse vai além da matéria dada. Marialaura Fino é “praticamente a única estrangeira” numa turma de 15 alunos e garante que a experiência é intensa por poder “estar em contacto com a mentalidade dos estudantes” chineses.

Se a experiência “é interessante do ponto de vista académico e também de uma perspectiva social”, o facto de a UM ser uma instituição recente e ainda à procura de maior reconhecimento nos *rankings* internacionais não melindrou a aluna. “No começo a minha ligação não era com a universidade, mas com o professor [Mancuso]. Decidi que queria estudar África e fazê-lo na China, e a partir daí o *ranking* da UM em comparação com outras não era o que mais interessava”, assegura.

O passaporte muito carimbado desta italiana – que tem aproveitado o tempo em Macau para conhecer o Sudeste Asiático e fala connosco dias depois de chegar do Laos – tanto pode ficar pela RAEM como procurar rapidamente outros destinos. Falta-lhe um ano para completar o mestrado e depois “não há plano”. “Até agora gosto muito de viver na Ásia e não excluo a possibilidade de ficar aqui, mas não tenho planos. Há também a possibilidade de voltar à Europa e continuar os meus estudos lá.” Sempre de mochila às costas.

ALIOUNE BADARA THIAM

29 ANOS - SENEGAL

Fala do seu país e do continente que o viu nascer com a responsabilidade de quem sabe que pode vir a ter um papel importante. Alioune Badara Thiam, senegalês, é actualmente estudante de doutoramento em Direito Comparado na UM. Tal como no caso de Marialaura Fino, o primeiro contacto com a instituição foi feito através do professor Salvatore Mancuso. Mas há uma diferença substancial na história deste africano de 29 anos: é que já estudou no Interior da China durante dois anos.



Foto: Carmo Correia

“A ideia de vir para a China surgiu-me devido à cooperação económica com África e com o meu país. Estava muito interessado em conhecer o enquadramento legal dessa cooperação, e interessado em conhecer a cultura jurídica chinesa. Foi por isso que vim para a Universidade de Wuhan fazer o mestrado”, conta. O período passado no interior do país permitiu-lhe aprender mandarim e ganhar a bagagem académica suficiente para ser admitido na UM. “Quando estava a terminar o mestrado [na Universidade Cheikh Anta Diop, em Dakar], entrei em contacto com o professor Mancuso, que sabe muito sobre Direito africano. Percebi que podia ser muito interessante para mim estar perto do professor e continuar os meus estudos aqui”, lembra o estudante, que ainda tem mais dois anos pela frente.

No território, a experiência está a ser “exactamente como esperava”. Alioune está a ter “inúmeras oportunidades” no plano académico. “Talvez não as tivesse se estivesse no meu país. Sei que este é o lugar certo para mim agora”, garante. O facto de ser francófono (apesar de poder falar inglês) não o tem atrapalhado. “O professor Mancuso é poliglota. Fala francês, português, inglês, italiano, chinês também. Percebi que era interessante estar perto dele a aprender com ele, tirando partido da sua experiência.”

Para o futuro, o senegalês é ambicioso. Quer usar as ferramentas adquiridas para ajudar o seu país e África. “Claro que, tendo em conta o meu *background* e o que estou a fazer, seria bom para mim e para as organizações legais em que me tenho centrado se voltasse para África e visse o que posso fazer para melhorar estas organizações. Mas não sei, a vida é feita de surpresas e quem sabe o que virá a seguir. Escolherei a melhor oportunidade para mim, para o meu país, para África e para o mundo”, aponta.

Alioune Badara Thiam tem particular interesse por instituições como a Organização dos Direitos de Negócios em África. “Quero focar-me nas diferentes ordens legais que funcionam nestes negócios, e depois tentar ver, de um ponto de vista comparativo, o que podemos fazer e se existe uma ponte para que possamos torná-las muito mais consistentes”, adita. Sempre com o tom responsável de quem sabe o que pode fazer.

JOANA VIEIRA

24 ANOS - PORTUGAL

É de Leiria e tem no apelido o nome de uma das praias mais famosas daquela zona centro portuguesa. Joana Vieira – como mais alguns alunos de Direito vindos de Portugal nos últimos anos – chegou de propósito para estudar em Macau. E nem sequer o fez com o pensamento na advocacia que poderia vir a exercer na RA.

“Tinha feito [um período de intercâmbio] Erasmus na Bélgica durante o meu último ano de curso e depois inscrevi-me para fazer um mestrado em Amesterdão, porque não queria continuar a estudar em Portugal”, conta a aluna que na altura frequentava a Universidade de Coimbra. Só que a Holanda começou a parecer-lhe muito semelhante à Bélgica e, ainda antes de tomar a decisão de rumar aos Países Baixos, apareceu Macau.

“Fui a Coimbra fazer os exames que me faltavam para acabar o curso e um professor que tinha dado aulas em Macau falou-nos dessa experiência. Tinha recebido um e-mail de um amigo de Macau a pedir alunos para o mestrado. Pensei logo que era ótimo, ainda por cima por que me disseram que haveria possibilidade de fazer projectos de investigação, teria bolsa, propinas pagas, e pensei ‘é isto’”, lembra Joana Vieira.

Assentou pé no território com apenas 21 anos, em Novembro de 2008. As coisas acabaram por não correr exactamente como esperava. Não conseguiu a bolsa de estudos mas mesmo assim decidiu permanecer na RAEM. “Falei com os meus pais e acabámos por decidir que ficaria – e digo ‘acabámos’ porque foi uma decisão conjunta, como se pode imaginar.”

Quase três anos depois, o mestrado está praticamente finalizado e o balanço é favorável. “Aqui faço uma coisa que nunca pensei possível. Em Coimbra nunca tínhamos acesso a coisas como escrever artigos, investigar. Éramos muitos. Aqui, por sermos poucos, permite-nos fazer mais: ter acesso a projectos de investigação e a ir a conferências”, explica. Joana Vieira considera que desenvolveu a “capacidade de aprendizagem” por si mesma, a noção “de estar numa



Foto: Carmo Correia

biblioteca, de investigar – porque o mestrado é isso mesmo”.

Os estudantes chineses são largamente majoritários na UMAC e a portuguesa acha possível que se criem laços de amizade. Depende sempre das duas partes, defende. “Uma das minhas melhores amigas do mestrado é chinesa. Foi minha parceira em quase todas as investigações, fomos juntas a conferências à Malásia, à Índia e à Tailândia. Estejam eles abertos a nós, e nós a eles, e a relação é possível”, refere.

Joana Vieira viveu um ano na residência da UM e hoje partilha casa com amigas portuguesas na península. Já pensa no doutoramento mas está convicta que não quer fazê-lo em regime de bolsa, mas antes trabalhando ao mesmo tempo. “Mas ainda não sei onde. Pode ser aqui, pode ser noutro sítio qualquer. Não quero é voltar para a Europa. A Europa agora só nos transmite energia negativa. Prefiro ficar onde o mundo está a crescer, onde as coisas estão a acontecer – ainda há muito para fazer aqui.”



IVAN CAETANO 29 ANOS - MOÇAMBIQUE

“Já bebi a água do Lilau.” É assim que Ivan Caetano, que trocou Maputo por Macau para fazer o mestrado, declara amor a esta terra. Chegou em 2007, beneficiando da cooperação entre a Faculdade de Direito da UM e a Faculdade de Direito da Universidade Eduardo Mondlane, na capital moçambicana. “Escolhi Macau, desde logo, porque já cá estavam colegas meus no âmbito da mesma cooperação e deram-me boas recomendações”, conta. Depois, acrescenta Caetano, porque Macau tem algo em comum com Moçambique: “O facto de terem Portugal como elemento denominador, a língua e a cultura. E o sonho de conhecer a China também foi um factor que influenciou bastante”.

A integração na comunidade lusófona do ter-

ritório resultou fácil e Ivan Caetano não restringiu a vida em Macau ao mestrado em Direito Internacional. Por exemplo, é jogador do Sporting de Macau, equipa da terceira divisão do futebol local. E é toda essa envolvimento que o faz não fechar a porta ao doutoramento. “Como dizia alguém, uma vez em Macau, sempre em Macau. Sinto-me bem cá, fiz grandes e bons amigos e tratam-me bem. Portanto, posso dizer que Macau é a minha segunda casa, e posso sempre voltar, ainda que seja de visita”.

Voltar só mais tarde porque, terminado o mestrado, será hora de regressar à terra. “Devo regressar à mãe África, as saudades já são tantas... Só fui lá de férias em 2008”, lembra. É na Universidade Eduardo Mondlane, onde é assistente estagiário, que conta dar um “contributo”. E está aberto a “outras actividades afins na área do Direito”.

De Macau, Ivan Caetano leva uma experiência humana rica mas está igualmente satisfeito com os frutos académicos. “No que concerne ao ensino cá, devo dizer que senti uma diferença enorme, mas tal diferença resulta do facto de estar a fazer o mestrado em língua inglesa”, elabora. Foi na RAEM que o estudante desenvolveu o idioma de Shakespeare, “entre colegas, livros, etc.”. A exigência foi maior mas o estímulo também e isso “foi positivo no sentido de que exigia outro tipo de organização e traquejo, de disciplina”.

Caetano diz que a qualidade do ensino na UM é boa. “Temos excelentes professores, temos uma biblioteca rica, quer física quer virtual, e temos excelentes condições e um bom ambiente. Só tenho a agradecer a oportunidade que me foi dada de poder fazer parte desta família.”



第十六屆澳門國際貿易投資展覽會
16ª FEIRA INTERNACIONAL DE MACAU
16th MACAO INTERNATIONAL TRADE & INVESTMENT FAIR

www.mif.com.mo
澳門威尼斯人·度假村·酒店
The Venetian Macao-Resort-Hotel

20-23/10/2011

Registe
Já!

COOPERAÇÃO – CHAVE PARA OPORTUNIDADES DE NEGÓCIO

EXPOSIÇÃO

• Principais Pavilhões:

Pavilhão das Províncias e Municípios da China,
Pavilhão dos Países de Língua Portuguesa
Pavilhão Europeu, Pavilhão de Portugal,
Pavilhão de Macau, Pavilhão de Hengqin (Zhuhai),
Pavilhão de Nansha (Guangzhou), Pavilhão Cultural e Criativo,
Festival de Moda de Macau 2011, Pavilhão de Electrodomésticos,
Pavilhão de Móveis de Pau Rosa, etc.

• Área de Exposição e Venda

Pavilhão das PME's de Macau, Pavilhão de Taiwan, Pavilhão de Equipamentos Técnicos e Digitais

FÓRUNS/CONFERÊNCIAS

Serão realizados diversos fóruns e seminários de alto nível, bem como apresentações sobre ambiente de investimento e projectos, conferências sobre ramos especializados, além de apresentações sobre produtos/serviços.

BOLSAS DE CONTACTO E BALCÃO DOS COMPRADORES

Com vista a assistir às PME's locais na exploração de novas oportunidades de negócio e na procura de parceiros de negócio, a MIF irá organizar, gratuitamente, encontros com compradores e uma série de bolsas de contacto, sobre franquia e operação de cadeia de lojas, distribuição de marcas e cooperação em projectos de investimento. Serão disponibilizados, gratuitamente, serviços de bolsas de contacto, que poderão ser previamente programados ou marcados através da plataforma on-line do referido serviço. Para informações complementares, queiram favor de ligar para Tel.: (853) 2872 8328.

☎ (853) 2882 8711

Para informações complementares
e registo on-line, poderá visitar a
nossa página electrónica oficial.

Organizador



澳門貿易投資促進局

Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau
Macao Trade and Investment Promotion Institute

ufi
Approved
Event





A REVOLTA NO IMPÉRIO

Este ano, os chineses de todo o mundo celebram o centenário da Revolução de Xinhai, que pôs termo a mais de 2000 anos de regime imperial e resultou na implantação da primeira república democrática na Ásia

Texto: Mark O'Neill

A dinastia Qing começou a reinar na China a partir de 1644, tendo atingido no século XVIII o auge do seu poderio. Mais de 13 milhões de quilómetros quadrados de território estavam sob a sua administração. Em 1820, a China era responsável por 36 por cento do Produto Interno Bruto global, mais do que os 33 por cento registados nos Estados Unidos em 2001.

O declínio dos Qing começou na primeira metade do século XIX devido à estagnação da economia, aos conflitos sociais e ao rápido crescimento da população, o que pôs problemas de escassez alimentar. Simultaneamente, a revolução industrial transformou a Europa Ocidental, dando-lhe uma larga vantagem militar e tecnológica sobre o resto do mundo. Isolada e autoconfiante, a China não se deixou afectar por esta revolução europeia. Mas também não fazia ideia das incríveis mudanças que operavam do outro lado do globo. A maior ameaça ao regime da dinastia Qing su-

cedeu com a Revolta dos Taiping (1851-1864), liderada por Hong Xiuquan, um homem que tinha chumbado no concurso de admissão para função pública e se auto-denominou irmão de Jesus Cristo e “Rei Celestial da Grande Paz”. O seu programa incluía muitas políticas que seriam adoptadas pelos seguintes revolucionários. É o caso da proibição do consumo de ópio, dos casamentos forçados, do enfaixe dos pés e do concubinato, dos direitos de propriedade do Estado sobre as terras e da igualdade de estatutos entre homens e mulheres.

Inspirados por estes ideais, milhares e milhares de pessoas juntaram-se ao exército de Hong. Conseguiram conquistar a maioria do Sul da China e estabeleceram a nova capital em Nanjing. Contudo, nem este exército nem os manchus eram suficientemente fortes para saírem completamente vitoriosos, ficando assim o desenlace nas mãos dos governos britânico e francês. Preferindo um regime imperialista cor-



* Império da Dinastia Qing (1644-1911)

rupto e fraco a um revolucionário e semi-cristão, os europeus enviaram os seus exércitos para lutar pelos manchus. Foi um factor que pesou na balança.

Em Julho de 1864, o exército manchu conquistou Nanjing, resultando em milhares de mortes num violento confronto, corpo a corpo, nas ruas da cidade. Durante os 13 anos de revolta, estima-se que tenham perecido 25 milhões de pessoas, fazendo deste o conflito mais sangrento da história da humanidade depois da Primeira Guerra Mundial.

Ao notarem a fraqueza do regime, tanto as potências europeias como, mais tarde, os japoneses e os norte-americanos tirariam partido desta vulnerabilidade. Além dos benefícios económicos, estes países ganharam com a concessão de terrenos e ainda privilégios que impediam o julgamento dos seus cidadãos em tribunais chineses. O exemplo mais flagrante desse aproveitamento foi o Tratado de Aigun, assinado em Maio de 1858, no qual os manchus concederam à Rússia czarista mais de um milhão de quilómetros quadrados de território da Sibéria e do Extremo Oriente. O acordo valeu a Moscovo o porto de Vladivostok, cortando o acesso da China ao Mar do Japão. Após a derrota na Guerra Sino-japonesa (1894-95), os manchus foram obrigados a ceder Taiwan, as ilhas dos Pescadores e a península de Liao-tung aos japoneses. Os chineses assistiram com raiva e consternação ao rápido declínio de um país orgulhoso; uma China que no século anterior tinha sido líder mundial. Como poderiam aqueles países europeus pequenos, com menos população que uma única província chinesa, dar ordens ao seu Governo? Quais eram os segredos do seu sucesso económico e militar?

Desde a década de 80 do século XIX que os chineses viajam para o estrangeiro com o intuito de estudar: inicialmente, para o Japão e, depois, para a Europa e os Estados Unidos. Viram em primeira mão os avanços tecnológicos, científicos e industriais ocorridos nestes países. Perguntaram por que é que a China não conseguiu o mesmo feito, tendo uma tão vasta extensão territorial, recursos minerais ricos e uma civilização com mais séculos de história do que estas nações. Assim surgiu o apelo à reforma e à mudança.

REFORMISTAS E REVOLUCIONÁRIOS

Aqueles que lutavam pela mudança estavam divididos em dois grupos. Um era constituído pelos partidários da reforma. Acreditavam que a mudança era possível no seio do próprio regime: o modelo imperial era mantido mas modernizado. No outro grupo estavam aqueles que não acreditavam na reforma do regime dos manchus. Estavam antes certos de que esse teria de ser derrubado pela violência. Assim pensavam os revolucionários.

A tentativa de mudança mais significativa no seio do Governo foi protagonizada pelo Movimento de Auto-Fortalecimento, de 1861 a 1895. Foi lançado pelas autoridades que acreditavam que a China tinha de se modernizar. Construíram estaleiros e fábricas para a produção de armamento moderno. Criaram escolas na área da mecânica e da navegação, para as quais contrataram especialistas estrangeiros. Também importaram navios de guerra e armamento.

A partir da década de 70 do século XIX, o Governo criou e financiou empresas focadas na modernização, em campos como a navegação, os caminhos-de-ferro, a exploração mineira, a produção têxtil e a telegrafia. A ideia era concorrer com os monopólios estrangeiros nesses sectores industriais.

A esperança dos reformistas residia no imperador Guangxu (1871-1908), que assumiu a liderança do país em 1875, mas só exerceu de facto o poder depois de 1889. Era um líder sensível à necessidade de reforma e de modernização. Contudo, a derrota pelo Japão foi como um tremor de terra na China. Como poderia o Império do Meio ser derrotado por um país asiático que constituía uma fracção da sua dimensão, que tinha sido um Estado tributário durante grande parte da sua história e que devia à China a sua linguagem escrita, o budismo e muito da sua cultura?

Os reformistas ganharam força com essa derrota. Em Junho de 1898, Guangxu lançou uma série de medidas radicais, incluindo a abolição do sistema de exames imperiais, a modernização do ensino, o estabelecimento da monarquia constitucional, o rápido reforço do poderio militar e uma ampla industrialização. Este era o plano reformista, executado pela figura mais importante do Estado. Todavia, os conservadores da corte opuseram-se ao projecto, acreditando que aquela era uma trama controlada por estrangeiros. No dia 21 de Setembro de 1898, a

imperatriz Cixi mandou prender Guangxu, que morreu no dia 14 de Novembro, provavelmente assassinado. Foram acontecimentos que puseram termo às expectativas de reformar o seio do regime imperial.

REVOLUCIONÁRIOS

Sun Yat-sen, aquele que viria a ser o líder dos revolucionários, estava inicialmente do lado dos reformistas. Era um daqueles casos típicos de chineses que tinham estudado no estrangeiro e tinham ficado descontentes com o Governo do seu país. Em 1878, deixou a sua casa no distrito de Xiangshan, perto de Macau, e foi para o Havai viver com o seu irmão mais velho. Aí aprendeu inglês e leu os escritos de Abraham Lincoln, que passou a ser um dos seus ídolos políticos.

O discurso de Gettysburg de Lincoln, incluindo a frase “um governo do povo, pelo povo e para o povo”, foi uma das fontes de inspiração do programa político de Sun: “Os Três Princípios do Povo” – nacionalismo, democracia e bem-estar social.

Do Havai rumou a Hong Kong, onde se formou em medicina ocidental e foi baptizado na igreja congregacional cristã, abraçando assim dois dos mais importantes presentes que o Ocidente deu à China – a medicina e a cristandade.

À semelhança dos seus compatriotas que tinham estudado no estrangeiro, Sun Yat-sen não se conformava com a recusa do Governo em adotar a ciência, o conhecimento e a tecnologia dos países desenvolvidos. Inicialmente, apoiava os reformistas, incluindo Kang Youwei e Liang Chichao, que ajudou o imperador Guangxu a redigir o programa da reforma. Em 1894, Sun escreveu mesmo uma longa carta a Li Hongzhang, o reformista de topo dentro do Governo com um papel preponderante no Movimento de Auto-Fortalecimento. Sun enviou ao Governo uma série de propostas da sua autoria com medidas para reforçar a China, mas não obteve resposta. Consternado, começou então a apelar à supressão do imperador e à implantação de uma república. Em Outubro desse mesmo ano, Sun regressou ao Havai e fundou, um mês mais tarde, o seu primeiro partido revolucionário - a Sociedade para a Regeneração Chinesa. Os primeiros elementos a integrarem este grupo foram os chineses expatriados e os pobres. A revolução durou 16 anos e custou milhares de vidas. A primeira insurreição,







* Sun Yat-sen sentado na varanda da sua casa em Cantão, em 1923

em Cantão, em 1895, falhou e Sun passou a ser procurado pelas autoridades. Se pusesse os pés na China seria preso, por isso esteve exilado na Europa, Estados Unidos, Canadá e Japão.

Em 1896, em Londres, foi preso por agentes da dinastia Qing e levado para Portland Place, onde ainda hoje fica situada a Embaixada chinesa. O Governo tencionava executá-lo. Porém, uma campanha lançada pelo jornal *The Times*, o Ministério dos Negócios Estrangeiros de Inglaterra e o seu amigo James Cantlie, um médico escocês, teve efeito e o revolucionário saiu ileso da Embaixada. Em todo o mundo os jornais deram a notícia da sua libertação, o que fez de Sun Yat-sen uma figura popular.

Em 1900, pôs em curso a segunda insurreição em Huizhou, na Província de Guangdong, mas saiu gorada. No decorrer da década seguinte, oito novas tentativas falhadas ceifaram a vida de pessoas de grande valor, esgotando a paciência e o financiamento dos seus apoiantes. Exilado em Tóquio, funda, em 1905, a Sociedade da Aliança Unida - o embrião do Kuomintang, o Partido Nacionalista Chinês.

APOIANTES

Para o presidente da Federação da Indústria e Comércio de Taiwan Ásia-Pacífico, Alexander Pann Han-tang, que é um especialista em Sun Yat-sen, existem dois tipos de revolucionários: “Uns são filósofos e pensadores, enquanto os outros são activistas. Sun era as duas coisas. Tinha a sua própria teoria e punha-a em prática. Era um homem bastante metódico e o seu carisma inspirava os outros, que continuavam a lutar e a subsidiá-lo”.

Em 1907, a pressão dos manchus forçou os nipónicos a expulsar Sun do Japão. A partir dessa altura, o líder dos revolucionários concentrou os seus esforços junto dos chineses ultramarinos no sudeste da Ásia. Da sua “estratégia do sul” faziam parte as rebeliões em Yunnan e Guangdong, com o objectivo de conduzir a revolução para norte.

Os seus seguidores, incluindo os estrangeiros, eram-lhe profundamente leais. Muitos eram japoneses, mas Sun não falava o idioma desses apoiantes, mesmo depois de, no total, ter vivido aproximadamente dez anos no Japão. Sun inspir-

ou-os com a sua visão de uma China democrática e republicana, que poria termo ao declínio do país e se faria aliada do Japão contra as potências ocidentais. Esses japoneses queriam que a China seguisse o exemplo da sua própria nação e se modernizasse, industrializasse, ganhando assim a sua independência.

“Os japoneses que lutaram pela revolução chinesa foram inspirados pelo fervor de Sun”, escreveu o jornalista Nagatomo Kayano nas suas memórias. Este nipónico ajudou o revolucionário chinês a angariar fundos para a compra de armas. Lançou ainda uma revista em japonês intitulada *Crítica Revolucionária* (Revolutionary Review), que promovia as ideias de Sun, e lutou nos movimentos de revolta na China. “Quando falei com ele, percebi que lutaria até ao fim. Por isso, decidi juntar-me à sua causa, viver e morrer com ele”, escreveu Kayano.

Um dos mártires da revolta de Huizhou foi um japonês chamado Yoshimasa Yamada. Em 1890, foi trabalhar para Xangai, no escritório de uma sociedade comercial nipónica. Aí testemunhou as condições lastimáveis em que vivia o chinês comum. Em Julho de 1898, conheceu Sun em Tóquio e jurou fidelidade ao revolucionário chinês. Participou na revolta de Huizhou e foi morto com apenas 32 anos. Outro grande admirador japonês foi Shokichi Umeya que, durante mais de 20 anos, angariou muitos milhões de ienes. O dinheiro pagava o sustento de Sun, as armas e munições e ainda financiou uma escola de aviação para formar pilotos chineses. Após a morte de Sun, Umeya encomendou quatro grandes estátuas de bronze, cada uma pesando uma tonelada. Uma destas peças está na Casa Memorial do Dr. Sun Yat-sen em Macau.

O carisma do líder revolucionário e a sua capacidade para inspirar os outros manteve acesa a luta ao longo de 16 amargos anos e muitos contratempos. Estas qualidades foram as razões pelas quais foi escolhido para presidir ao novo Governo, apesar de estar a milhares de quilómetros de distância da China.

O SUCESSO DA REVOLUÇÃO

A última tentativa de Sun Yat-sen de mudar o rumo do seu país foi a insurreição de Huanggang, em Cantão, em Maio de 1907. Os rebel-

des pretendiam capturar o governador da cidade mas este fugiu. Mal equipados e em minoria, foram facilmente derrotados pelo exército manchu. Morreram 86 rebeldes, incluindo muitos dos seus líderes. A revolta foi um falhanço total. Sem dinheiro e gente para lutar a seu lado, não restou a Sun outra alternativa que não fosse a de fugir para os Estados Unidos.

No final, a dinastia Qing não foi derrubada por rebeldes enviados do estrangeiro, mas pelas suas próprias tropas. Muitos soldados tinham recebido formação no Japão de instrutores militares desse país, onde ainda tinham sido expostos à propaganda dos revolucionários. Soldados e jovens oficiais do Novo Exército revoltaram-se em Outubro de 1911, na capital de província de Hubei, Wuhan, aproveitando-se do facto de muitas unidades de combate terem sido enviadas para Sichuan para acalmar as hostes. O governador da província fugiu.

Para o professor de história da Universidade do Povo da China, em Pequim, Zhang Ming, o Governo manchu contribuiu para a sua própria queda. O estudioso chinês, que este ano tenciona lançar uma obra que está a preparar sobre a

revolução, explicou que esse tiro no pé se deveu a erros ao nível das políticas, como a envolver a nacionalização dos caminhos-de-ferro e os direitos sobre os minérios. Registou-se um franco progresso nestes sectores, mas os governos locais responsáveis pelo incentivo não deram seguimento às reformas.

Segundo Zhang, antes da revolta de Wuhan, os manchus queriam corrigir os erros cometidos, mas era tarde demais: “Tinham perdido o apoio da classe intelectual, a oportunidade da reforma constitucional e a transição pacífica. Estes factores conduziram a um período de agitação social, o que acabou em tragédia para o povo manchu e para a China”.

Na visão de outro professor de história, Wong Young-tsu, o partido revolucionário era o mais fraco das três forças que provocaram a queda da dinastia Qing. As duas forças mais importantes eram camponeses desesperados e a burguesia e a nobreza. Todos estavam a favor da reforma constitucional, especificou Wong. Este académico da Universidade Nacional Central de Taiwan garantiu que “o ponto forte do partido [revolucionário] estava na propaganda e no

* Bandeira da Dinastia Qing



medo que incutia no Governo que, por sua vez, sabia que os revolucionários fariam uso da violência”. Contudo, adiantou, essa facção operava fora da China e “todas as revoltas que organizou falharam”.

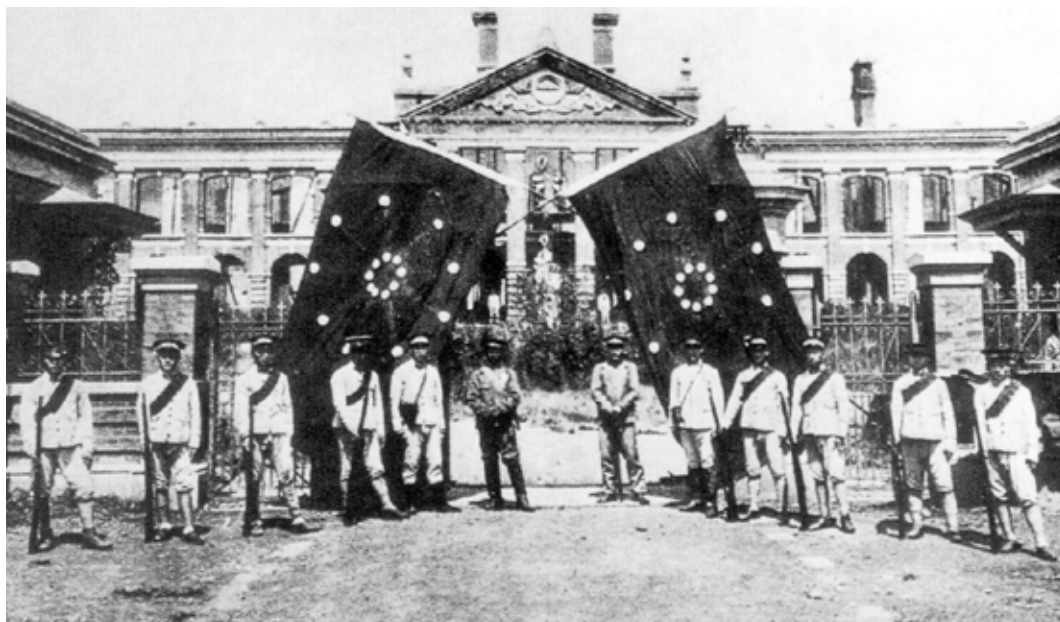
“A pesada factura da indemnização a pagar aos Boxers, após a respectiva revolta em 1900, calhou aos camponeses, muitos dos quais nem ganhavam para viver. A somar a esta conjuntura estiveram as cheias do rio Yangtze, em 1910. Os camponeses saquearam lojas e tulhas, causando o caos social”, explicou o especialista. Quem mais perdeu com isso, segundo Wong, foi a elite que, aspirando sobretudo a uma sociedade estável, viu como o Governo Central era incapaz de manter a lei e a ordem.”

“Por isso, esta classe, incluindo homens de negócios e aristocratas, foi a primeira a declarar a independência depois da revolta de Wuhan. Das 18 províncias que então existiam na China, 15 declararam a independência. Era uma forma de autoprotecção”, salientou. “Foi esta elite que destronou a dinastia e não o partido revolucionário. Tinham o poder, o dinheiro e as forças armadas.”

Enquanto isso, em Denver, nos Estados Unidos, Sun lê a notícia da revolta num jornal. Regressa à China, via Reino Unido e França. Conforme afirmou o professor de história Yang Tianshi, do Centro de Pesquisa da República da China da Universidade de Nanjing, Sun procurou regressar com o reconhecimento diplomático e o apoio financeiro dos governos e dos bancos. “É claro que os capitalistas lhe disseram que o Governo da dinastia Qing estava de um lado e ele do outro: ‘Estão a lutar um contra o outro até à morte. Não sabemos quem vai ganhar’”. Mesmo assim, decidiu voltar sem ter pedido um cêntimo emprestado. Quando regressou à China, admitiu que, apesar de não ter dinheiro, tinha espírito revolucionário. É uma frase bonita, mas como é que se faz uma revolução sem dinheiro?”

No dia 29 de Dezembro de 1911, os representantes das províncias chinesas reuniram-se em Nanjing e escolheram Sun para presidente interino, um cargo que o médico assumiu no dia 1 de Janeiro de 1912. Porém, faltavam-lhe alguns atributos para exercer o poder: não tinha dinheiro, exército ou o apoio de qualquer governo estrangeiro. Tinha vivido fora do país durante 16 anos e não

* Estabelecimento da República da China a 10 de Outubro de 1911, na cidade de Wuchang, na Província de Hubei





possuía quaisquer ligações pessoais aos generais e aos “senhores da guerra” que controlavam grande parte da China.

Quando aprovou a emissão de uma obrigação do Governo no valor de 100 milhões de yuans para os militares, ninguém a quis comprar. Apenas 7 por cento foi vendido, daí que Sun se tenha visto obrigado a recorrer aos conglomerados para angariar mais dinheiro, oferecendo-lhes em troca minas e fábricas chinesas.

O estudioso da Universidade de Nanjing acredita que, durante o tempo em que foi presidente, Sun vivia atormentado com a falta de dinheiro para alimentar as tropas que o tinham levado ao poder e construído o país. “Em Janeiro de 1912, o Governo decidiu usar a Companhia de Navegação Mercante da China como garantia de um empréstimo entre 10 e 20 milhões de tael, mas os directores da empresa opuseram-se veementemente. Sun não estava disposto a usar o exército para impor a sua decisão, o que fez cair por terra o empréstimo.”

Conforme Yang, Sun Yat-sen “negociou depois um empréstimo de dez milhões com o Japão e em troca concedia-lhes a Manchúria, mas os militares japoneses vetaram a proposta”. Isto

porque “acreditavam que tinham ganho a Manchúria com o sangue dos seus soldados e não deveriam estar a pagar dinheiro por isso. E assim as negociações falharam”.

Yang recorda ainda mais uma tentativa de Sun que “pediu a um banco russo um empréstimo de 1,5 milhões de libras, oferecendo como garantia as receitas fiscais”, mas também este foi vetado, desta feita pelo parlamento. Ao fim de apenas três meses no poder, Sun viu-se obrigado a abdicar da presidência para Yuan Shikai, comandante em Pequim do Exército de Beiyang, a força militar mais moderna da China, como condição para o seu apoio.

O historiador da universidade taiwanesa, Wong, explicou que Sun não pretendia abdicar do cargo, apenas se vendo obrigado a afastar-se pela burguesia e pelos aristocratas, que acreditavam que Yuan Shikai seria a pessoa com mais capacidade para dar estabilidade ao país. E assim foi: Yuan foi presidente durante três anos, proclamando-se imperador em Dezembro de 1915. Por todo o país, os chineses opuseram-se firmemente ao regresso da monarquia, incluindo Sun, que começou a organizar uma segunda revolução. Enquanto alguns governos estrangeiros



manifestaram hostilidade, outros deram nota da sua indiferença. “Fora de Pequim, entre os agricultores dizia-se que se tinha trocado um imperador por outro, chamado Yuan”, lê-se na edição de Novembro de 2009 da revista chinesa *História Nacional*. A mesma publicação adiantou que era difícil de imaginar que na China iria nascer a primeira república asiática, sendo este um país tradicionalmente imperialista com 400 milhões de pessoas. Yuan morreu em Junho de 1916, aos 56 anos de idade.

Sun Yat-sen morreu em Pequim, no dia 12 de Março de 1925, sem nunca assistir à unificação de um estado republicano.

O país foi governado por “senhores da guerra” provinciais e líderes militares, cuja lealdade mudava conforme os seus próprios interesses.

FALTA DE SANGUE POR DERRAMAR

Comparativamente às revoluções russa e francesa, a de Xinhai não fez derramar muito sangue. Além de se ter poupado a vida ao imperador Pu Yi e de o terem deixado permanecer em território nacional, foi-lhe ainda permitido que vivesse no Palácio Imperial com as suas concubinas e criados. Inclusivamente, teve direito a uma

generosa pensão de sobrevivência por parte do Estado. Só foi expulso do país em 1924, quando passou à condição de suspeito de incentivar os seus apoiantes a repô-lo no trono e de roubar tesouros do palácio.

O historiador Yang Tianshi salientou que Xinhai foi uma das mais rápidas e menos sangrentas revoluções da história. “Entre o dia 11 de Outubro de 1911 e a formação do Governo interino, a 1 de Janeiro de 1912, passaram menos de três meses. E foi durante esse período que se implantou uma república democrática. Em muitos locais não se registaram mortes. Veja-se o exemplo de Hangzhou: entre a entrada do exército revolucionário e a rendição das autoridades da dinastia Qing decorreram apenas 40 minutos”, adiantou Yang.

Zhang Ming explicou que não houve muito caos social e destruição após a revolução, por causa da enorme classe média da nobreza, da qual faziam parte muitos chineses que apoiavam a revolução. “A estrutura social caracterizava-se por agricultores que aspiravam à baixa aristocracia e a pequena nobreza ambicionava à mais alta”, sublinhou Zhang. Houve ainda outro factor para a estabilidade: “Também a participação dos apoiantes do Governo constitucional reduzia o poder destrutivo da revolução”.

“O partido revolucionário acendeu a chama da revolução mas não teve um papel decisivo. Esse poder estava nas mãos destes movimentos internos que não queriam a morte do imperador”, assegurou Zhang.

Só em 1927, após uma operação militar lançada a partir de Cantão, é que o sucessor de Sun, Chiang Kai-shek, conseguiu estabelecer um Governo nacional com capital em Nanjing. Mesmo nessa altura, Chiang controlava apenas uma parte do território nacional. A construção da república só sucederia muitas décadas depois.

Bao Pu, editor do *New Century Media and Consulting*, referiu que a República da China era legítima porque surge a partir de uma transferência de poder da dinastia Qing. “Mas, após a revolução de Xinhai, o poder foi transferido pela violência e não por um processo civilizado e pacífico. Isto tornou-se uma característica permanente da sociedade chinesa, dando à população uma sensação de opressão e de abandono. A violência e o extremismo passaram a ser normais”, rematou Bao.

人民英雄永垂不朽



Foto: dreamstime.com

UM MARCO INCONTORNÁVEL NA HISTÓRIA

Sun Yat-Sen viu em Macau a terra “livre” ao sul da China para dar início à propaganda política. Pela via cultural, delineou estratégias para recrutar novos membros, deixando o nome do território na história da revolução que alterou os destinos do País

Texto: Lia Coelho

Macau serviu a Revolução de Xinhai pela via intelectual e foi usada como palco de propaganda contra a dinastia Qing e serviu de refúgio a alguns dos políticos, que mudaram o destino político da China. Para compreender o papel desempenhado por Macau na revolução republicana chinesa de 1911, é necessário recuar no tempo e contextualizar a região a nível político. Governado à distância por Portugal, o território permitia uma relativa liberdade de movimentos.

Segundo Vincent Ho Wai-kit, professor assistente de História na Universidade de Macau, a situação ficou clara com a formação da Aliança Revolucionária da China, em 1905, em Tóquio, por mais de 800 estudantes e outros líderes revolucionários do Interior da China. Sun Yat-Sen decidiu expandir a organização revolucionária para Sul, criando ramificações em Cantão, Hong Kong e Macau. O médico deixou a cargo de Feng Ziyou e Li Zichong o recrutamento de novos membros para o agrupamento

e fez de Hong Kong a base das actividades das três cidades do Delta do Rio das Pérolas. “Sun teve um papel crucial no início da revolução em Macau. Viu em Hong Kong, Cantão e Macau, regiões importantes para a luta política”, explica Vincent Ho Wai-kit.

Um ano mais tarde Feng Ziyou destacou três revolucionários - Ruan Yizhou, Liu Sifu e Liu Yuehang - para o território, de forma a que se desse início aos primeiros movimentos revolucionários, usando instituições culturais como abrigos da propaganda política. A estratégia foi delineada – usar a cultura para espalhar os ideais de um novo modelo de governação -, mas não houve grande sucesso na sua implementação. “Durante anos os investigadores ignoraram o papel do território, focando-se apenas em Cantão e Hong Kong. Pode ser uma das explicações pelas quais as actividades em Macau falharam: por serem encobertas e por falta de registo histórico”, aponta Vincent Ho, que se tem dedicado a aprofundar o tema da influência de Macau na revolução.

* O historiador Vincent Ho observa que Sun Yat-sen teve um papel fundamental no início da Revolução Xinhai a partir de Macau

O primeiro passo para colocar Macau na rota da revolução foi a criação de uma biblioteca com o nome de Lequn Shu Shi. A designação evocava abertamente o objectivo: “grupo de leitura harmonioso”, ou seja, educar a massa para mudar mentalidades e recrutar novos membros. “No entanto, passados alguns meses, os revolucionários chegaram à conclusão que não estavam a ter sucesso e que ninguém se juntava à causa”, contou o professor. Uma das razões poderá ter sido o facto de naquela altura a maioria da população ser iletrada. “Se não se sabia ler, uma biblioteca não fazia sentido.”

Uma nova abordagem teve que ser adoptada. Os revolucionários organizaram então um agrupamento de teatro tradicional chinês, sob o nome de “Associação do Melhor Paraíso”. Fundada por um grupo de jornalistas, os ideais de um novo regime serviam de argumento para dramatizações, interpretadas não por actores, mas por revolucionários. Meses depois, a tentativa mostrou-se infrutífera. “As pessoas gostavam de ir ver as peças de teatro, mas o principal objectivo não estava a ser atingido – ninguém era recrutado.”

Mais um falhanço, mais uma nova ideia. Desta feita, avançou-se para a criação de uma escola primária em Macau dirigida apenas por revolucionários, sob o nome “Cultivating Fundamental Two-Level Primary School”. A linha orientadora era a insurreição armada dos militares revolucionários através da educação das massas desde tenra idade. “O Governo português era liberal e permitia que qualquer um estabelecesse uma escola.” Vincent sublinha ainda que, naquela altura, os chineses defensores do imperialismo regiam e dominavam os estabelecimentos de ensino e a própria educação, pelo que o novo sistema com o selo de Sun mostrava-se algo completamente inovador. De forma estruturada, os revolucionários organizaram alguns estudantes mais velhos que se reviam na ideologia, para mais facilmente influenciar a camada mais nova. “Foi uma escola relativamente grande, com mais de 100 alunos”, esclarece o professor



universitário.

O último parágrafo que narra esta história foi uma tentativa de estabelecer outra biblioteca, situada na zona central de Macau. A propaganda política continuava a ser feita de forma aberta, inclusivamente “no Boletim Oficial constavam os nomes verdadeiros dos proprietários, que eram revolucionários”. “O Governo português teve sempre uma posição de inércia perante esta situação. Era amigo da China e, nesse sentido, não apoiava os revolucionários, mas também nada fazia para os impedir. Era mais fácil não falar.”

Em 18 de Julho de 1893 o macaense Francisco Hermenegildo Fernandes, democrata, amigo e apoiante de Sun Yat Sen, lança o Echo Macaense (Ching-Hai Tsung-Pao), o primeiro semanário de Macau editado em português e em chinês. As



notícias sobre as actividades revolucionárias, e os artigos doutrinários do próprio Sun Yat Sen, têm grande destaque em todas as edições do semanário, que passou a ser um importante veículo de difusão das ideias revolucionárias republicanas entre a população chinesa de Macau, e das vizinhanças.

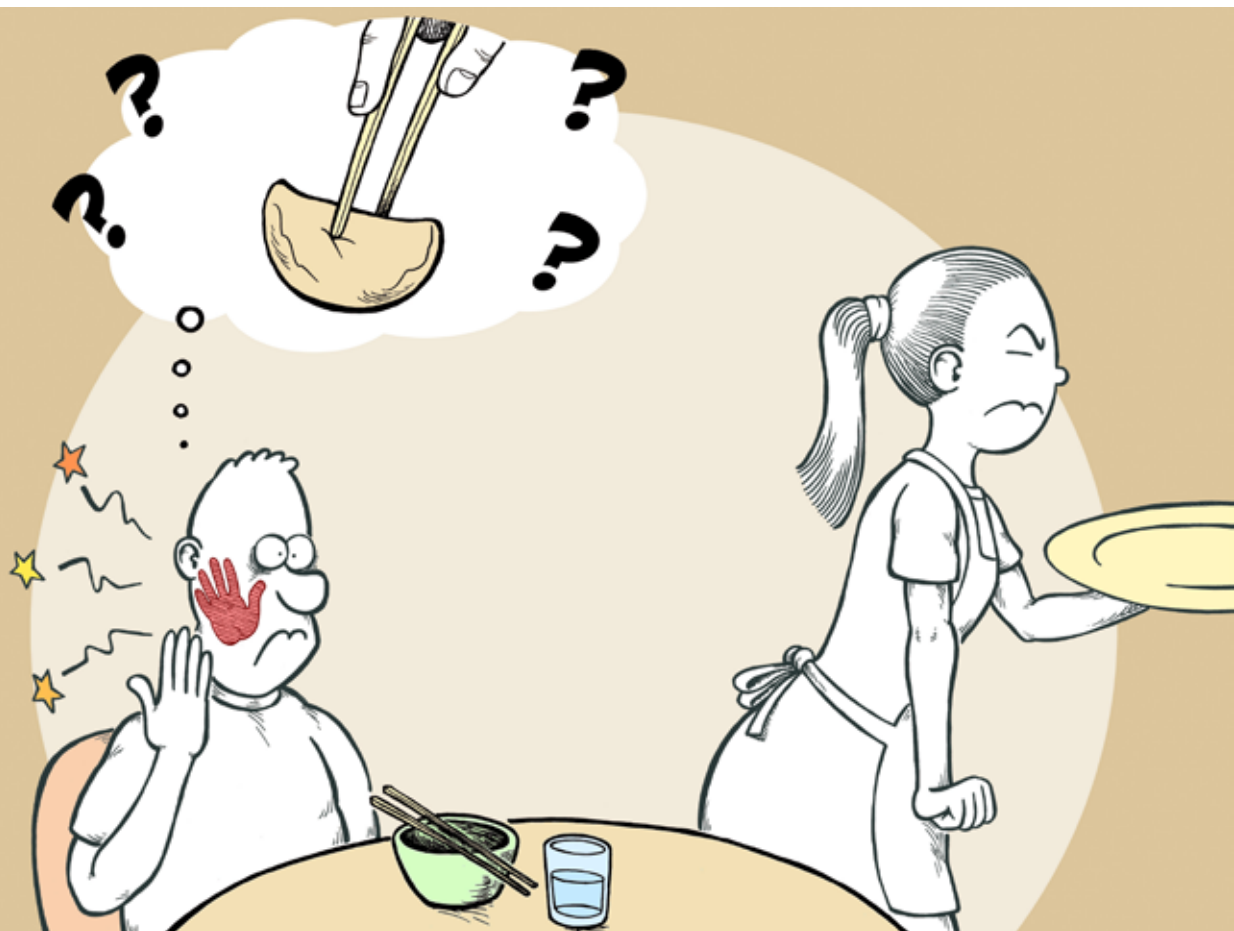
Em 1908, sob a liderança de Huang Luyi, os revolucionários voltam a criar um teatro. Atraíram a massa, convidaram o Governador para a abertura do espaço e fizeram um discurso manifestamente revolucionário. “De certa forma, as estratégias influenciaram alguns dos jovens da comunidade chinesa, especialmente alunos da escola primária e jovens chinesas.”

Como em qualquer relato histórico, existiu aqui também uma história de amor. As raparigas

juntaram-se ao exército militar para lutar em Cantão por estarem rendidas aos encantos dos jovens revolucionários. “É preciso enfatizar as raparigas, que deram um contributo e apoiaram grande parte da revolução. Elas juntaram-se às tropas e seguiram com os homens para combater em Cantão, em 1911.”

Em Macau nada mudou após a revolução devido ao facto de estar sob a governação portuguesa. Contudo, a região teve ainda um papel importante depois da queda dos manchus. “Havia instabilidade política na China e como Macau era uma terra segura serviu de abrigo a dissidentes políticos”, acrescenta Vincent Ho. “Esta é a ligação de Macau com a revolução de 1911. É importante dizer que o território não deixou de ter um papel limitado.”

CHĪ FÀN LE MA? JÁ COMESTE?



Pedir um *dumpling* (*shuǐ jiǎo*) a uma empregada de mesa pode ser inofensivo, mas o caso pode mudar (muito) de figura se a lição não foi bem aprendida - *shuì jiào* significa dormir.

Três pessoas, três visões da língua chinesa.
Todos se relacionam de alguma forma com ela e,
apesar de algumas interpretações diferentes,
no essencial os três estão de acordo: aprendê-la não é nenhum
bicho-papão

Texto: Mariana Palavra | Fotos: Carmo Correia | Ilustrações: Rodrigo de Matos

Líu Xuě Yíng, Rui Rocha e Miguel Bozonet. Têm todos uma relação íntima com a língua chinesa, embora em formatos diferentes. Líu Xuě Yíng está em Macau há 11 anos a ensinar mandarim. A chineses e a estrangeiros, ao ensino primário, secundário e universitário. Recentemente, colocou-se também do outro lado das aulas: tornou-se estudante de língua francesa, convencida que seria tarefa fácil, tendo em conta já ser fluente em inglês. Nada disso. “Os sons ‘r’ são difíceis para mim. Eu coloco o meu melhor sotaque inglês mas não tem nada a ver. E depois há os números. Em chinês é mais fácil, só precisamos de saber de 1 a 10 para contar todos os números. Em francês, temos que fazer cálculos.” Ou seja, quatro vintes (*quatre-vingts*) é igual ao número 80.

Miguel Bozonet não conta da mesma maneira. O advogado português reside há quatro anos em Macau e aprende mandarim há menos de três. Pelo meio, já esteve em Pequim durante 40 dias num curso intensivo de língua chinesa. Actualmente, tem cerca de 15 horas semanais de mandarim. “A China tem diferentes noções de grandeza e proporções e isso reflecte-se nos números. O país utiliza um sistema numérico diferente, no qual as unidades superiores são uma justaposição das unidades menores. E depois é preciso saber ler os números em caracteres, não basta conhecer de 1 a 10. E saber que nos cálculos,



* Líu Xuě Yíng ensina mandarim em Macau há 11 anos

por exemplo, numa divisão o divisor aparece em primeiro lugar, antes do dividendo. Mas, uma vez entendida a lógica, é simples.”

É uma questão de lógicas. A europeia ou, neste caso, a do latim e a chinesa. Todas diferentes, (por vezes) todas iguais.

Rui Rocha, director do Instituto Português do Oriente (IPOR), gosta de desmistificar as barreiras linguísticas. “Quando nos identificamos com o nosso grupo de referência, com uma língua, há sempre um choque que é maior quanto maior for a distância entre a nossa cultura e a outra. Nós estamos formatados filogeneticamente para rejeitar o diferente.” No entanto, essa diferença pode ser apenas formal. “Há roupas diferentes, mas em termos de estruturas emocionais, nós temos as mesmas emoções, os mesmos sentidos. A nossa estrutura bioquímica, a base emocional é toda igual. A gente ri e chora, gosta e detesta, mata e salva.”

OS INCONTORNÁVEIS QUATRO TONS

As emoções podem ser comuns, mas os tons nem sempre são. Tornam-se, por isso, numa das primeiras dificuldades para quem aprende chinês. “No início da aprendizagem, o mais difícil para os meus alunos estrangeiros é o facto da língua chinesa ser tonal [quatro tons em mandarim, nove em cantonense]”, explica a professora Liú Xuě Yíng. Miguel Bozonet, porém, fez o percurso inverso. Primeiro a escrita chinesa, só depois a oralidade. “Dediquei-me à leitura e à escrita e falar... quase nada. Quando cheguei a Pequim, no primeiro dia de aulas estive nove horas a aprender e a repetir os quatro tons. Pensei: ‘vou-me embora, não vou conseguir ficar os 40 dias’”. Mas ficou.

A professora nascida no interior do país reconhece que não é motivante, mas as primeiras semanas da aprendizagem do mandarim têm que passar por cantarolar os quatro tons, vezes sem conta, sem parar. “ã-á-ã-ã, ê-ê-ê-ê. Sons por vezes sem sentido, repetidos durante as primeiras duas ou três semanas de aulas. “Eu sei que os alunos querem logo aprender a falar algo, mas não pode ser.” De facto, se o tom não for o correcto, a (falta de) compreensão é que paga. “Por exemplo, *shàng chuán* significa ir para o barco e *shàng chuáng* quer dizer ir para a cama. Podemos propor a um colega discutir um determinado assunto no barco a caminho de Hong Kong, mas



* Miguel Bozonet, advogado, estuda chinês há três anos. Fala numa grande dedicação para não se esquecer dos caracteres que teimam em confundir-se

se nos enganamos no tom arriscamo-nos a ser muito mal interpretados.”

Os riscos multiplicam-se, tanto como os tons. Pedir um *dumpling* (shuǐ jiǎo) a uma empregada de mesa pode ser inofensivo, mas o caso pode mudar (muito) de figura se a lição não foi bem aprendida - *shuì jiào* significa dormir.

Miguel Bozonet, à custa de tantas horas de tons, já vai entendendo a diferença de vários sons que, ao primeiro ouvido, parecem iguais. “O exemplo do *ma* foi dos primeiros que aprendi. Consoante o tom, pode significar maldição/amaldiçoar, cavalo, mãe, ser uma partícula interrogativa etc.”

Nada que o empenhamento não cure, como assegura Rui Rocha. “A dificuldade em aprender uma língua tonal é uma falsa questão. Conseguimos aprender várias línguas que, mesmo não sendo tonais, têm pronúncias totalmente diferentes. Acho que também tem a ver com uma questão de necessidade. Muitos imigrantes que

trabalham na China, em situação mais vulnerável e com menores oportunidades de emprego, provavelmente vão aprender rapidamente a língua. Porque precisam para ‘sobreviver’.”

好 (BOM) = MÃE+FILHO

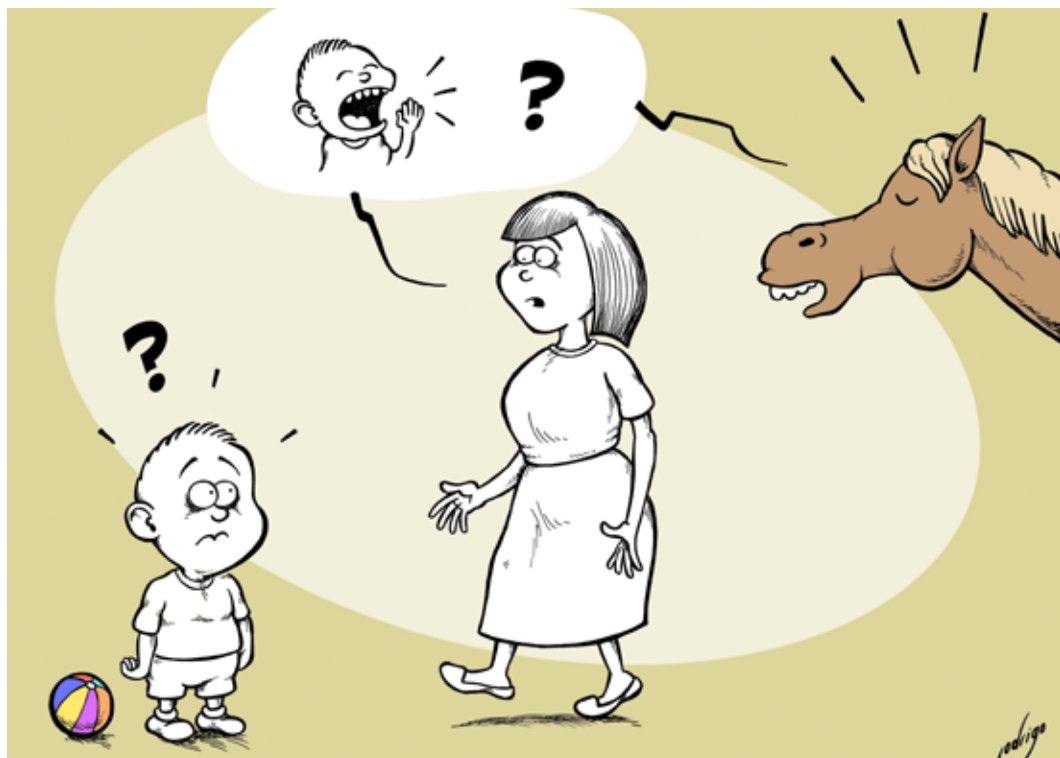
O caso muda de figura quando estão igualmente em causa os caracteres, ou seja, a aprendizagem da escrita chinesa. Apesar de já saber cerca de 3000 caracteres, Miguel Bozonet reconhece que facilmente eles podem cair no esquecimento. “Além das aulas, estudo os caracteres a cada dois dias. Como estou a aprender os caracteres simplificados, utilizados no interior do país, compro e leio os jornais de Zhuhai, onde me desloco três fins-de-semana por mês para praticar a língua.” O advogado reserva ainda os domingos, todos sem excepção, para a escrita. “Passo o dia a es-

crever caracteres, a tentar escrever textos.”

Rui Rocha, mais uma vez, desdramatiza. “Naturalmente, para compreender cultura chinesa é importante conhecer não só a língua falada mas também a escrita, mais complicada de aprender. Mas, mais do que escrever, é preciso ler. E a memória visual necessária para ler é menos complexa do que a memória para escrever, que se apaga mais facilmente.” Em jeito de motivação, o director do IPOR lembra os italianos Matteo Ricci e Michele Ruggieri, responsáveis pelo primeiro dicionário português-chinês no século XVI, e o missionário João Rodrigues que produziu no século XVII a primeira gramática japonesa.

Os caracteres chineses são os meninos-dos-olhos de Liú Xuě Yíng. A área de especialização da professora foi precisamente a escrita tradicional,

“O exemplo do *ma* foi dos primeiros que aprendi. Consoante o tom, pode significar maldição/amaldiçoar, cavalo, mãe, ser uma partícula interrogativa etc.”





* Rui Rocha, director do Instituto Português do Oriente (IPOR), acredita que quanto maior o choque cultural, maior valor se dá à nossa cultura

utilizada em Macau, Hong Kong e Taiwan. No Interior da China, o tradicional foi substituído pelo simplificado a partir de meados da década de 50 do século XX. “Apesar dos caracteres tradicionais serem mais complexos, ou mais trabalhosos de escrever do que os simplificados, são mais fáceis de decorar. Cada um é normalmente composto por uma parte de significado, outra parte representa o som. Aos alunos estrangeiros eu peço para decorarem pelo menos a parte do significado, assim, podem não saber ler a palavra mas sabem o que quer dizer. Aos chineses que falam cantonês e sabem escrever, portanto já reconhecem o carácter e respectivo significado em cantonês, eu peço para decorarem o som, a pronúncia correcta em mandarim.” A professora, num minuto, tenta provar a simplicidade da escrita. O argumento parece (quase) imbatível: muitos caracteres são ideográficos, isto é, representam ideias. Assim, o carácter de pessoa (人) é a representação simples de uma pessoa

a andar. Se nessa mesma “pessoa” forem acrescentados dois braços abertos (大), escreve-se a palavra grande. Bom (好) é a junção do carácter de mulher (女) e criança (子). Ou seja, mãe e filho é igual a bom. Neste caso, algo lógico para todas as culturas, todas diferentes, todas iguais. São as tais emoções a que se referia Rui Rocha. O director do IPOR, no entanto, lembra que os caracteres exclusivamente ideográficos são apenas 18%, os restantes são compostos (uma parte representa o som, a outra o sentido).

CHĪ FÀN LE MA? JÁ COMESTE?

Depois de se aprender as palavras, faladas e escritas, é altura de se começar a aprender, de facto, a língua e cultura chinesas. “Só depois de se conhecer a cultura, se começa a entender o que verdadeiramente dizem os chineses, como o humor”, esclarece a *lão shī* (professora). “Para avaliar o nível de chinês, o teste passa por ver filmes em mandarim produzidos no interior do país. Quando se consegue compreender as piadas do filme e eventualmente rir, então o nível linguístico e cultural está bom.” E recomenda-se. Miguel já vê filmes, mas ainda não compreende tudo. Quando lê jornais, ouve a rádio e a televisão e assiste a filmes “fico-me pelos 50%, mais ou menos. Compro filmes em mandarim, coloco as legendas em chinês e aí vou eu. Claro que demoro sempre mais tempo do que os outros a ver um filme, pois quando não entendo volto para trás para rever a cena. Acho que já entendo o que esteve na origem da expressão portuguesa ‘paciência de chinês’”, brinca.

Mas antes do teste cinematográfico, há algumas expressões idiomáticas e referências culturais que fazem parte do nível de iniciação. Se um chinês o encontrar na rua e lhe perguntar se já comeu (*Chī fàn le ma?*), isso não tem, necessariamente, uma conotação gastronómica. O interlocutor quer apenas saber se está tudo bem. “Onde é que vais?” pode ser outro desbloqueador (ou arranque) de conversa, como explica a professora Liú Xuě Yíng. “Nós não queremos saber onde é que o outro vai. É apenas uma forma de dizer olá, de cumprimentar, de começar uma conversa. Na Europa, há o costume de falar ou perguntar pelo tempo. É uma forma de abordagem diferente.” Por isso, se um chinês se despedir com um ‘na próxima vez venha a minha casa e tomamos um chá’, não leve a frase à letra.

Certifique-se primeiro.

Nas aulas de francês, a professora de mandarim também tem que lidar com estas expressões – e questões – culturais que nem sempre vêm nos manuais. “Para escrever cartas informais, os chineses utilizam expressões como ‘Tudo de bom com a sua saúde’ ou ‘Tenha uma boa vida’. Em francês, aprendi múltiplas formas de me despedir com a palavra beijo. ‘Beijo’, ‘Dou-te um beijo’, ‘Muitos beijos’. Tens que aprender tudo, beijo, beijo, beijo. Em chinês não há tantos beijos”, explica entre risos.

Fora de brincadeiras, a professora assegura que o chinês é fácil de aprender, nomeadamente para falantes de línguas estrangeiras com estruturas gramaticais mais complexas. “Na verdade, o sistema gramatical da língua inglesa foi copiado e adaptado à língua chinesa. Algo que facilita a aprendizagem do chinês a estrangeiros do Ocidente, por exemplo. Porém, temos outras formas de escrever”, esclarece. Escrever sem verbo ou sem objecto ou sem sujeito. Como um conhecido poema que é composto por apenas três substantivos. Nada mais. Qualquer coisa como ‘ponte, água, casas’. “E os chineses compreendem todo o significado. É como um quadro. Há um outro poema famoso, com apenas 20 caracteres, quatro frases, uma sem verbo, outra sem sujeito, etc. É poesia. Fala da noite, do Inverno, da sensação de lar.” Mas esse é outro nível, mais avançado.

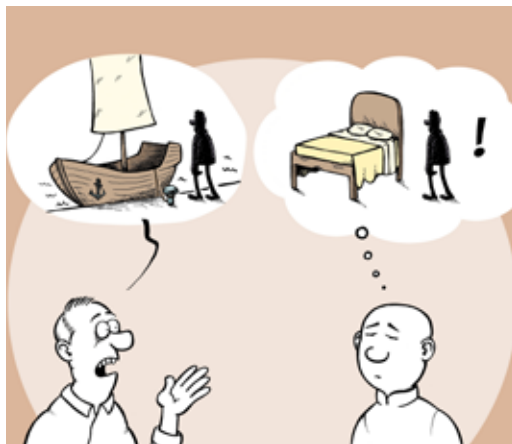
De qualquer forma, Rui Rocha lembra que, mesmo para quem (só) dá os primeiros passos numa língua estrangeira, há sempre um enriquecimento. “Aprende-se uma cultura e, quanto maior o choque cultural, maior valor se dá também à nossa própria cultura. É um enriquecimento. E a riqueza humana é a nossa grande diversidade cultural.” Como acrescenta Miguel Bozonet, “há sempre uma recompensa cada vez que tentamos comunicar numa outra língua. Por exemplo, os chineses adoram ver um estrangeiro a tentar falar a sua língua, mesmo que fale com dificuldades. Eu sinto que tenho apenas 10 ou 11 anos de idade quando falo mandarim. Um dia, espero passar da pré-adolescência”.

Foi precisamente a capacidade das pessoas aprenderem línguas e sistemas de escritas diferentes que esteve na origem do livro do director do IPOR, “Ásia, o Império das Escritas”, publicado em Setembro de 2010. “Conheci em

Ladakh, nos Himalaias indianos, uma mulher que falava quatro línguas de famílias diferentes e escrevia quatro sistemas de escrita diferentes. Foi a partir daí que comecei a coleccionar livros de instrução primária de países asiáticos”, conta Rui Rocha.

Para concluir, talvez seja adequado utilizar uma expressão em chinês usada nas cartas informais: “Espero que a vida lhe corra bem”. E já agora, que a aprendizagem da língua chinesa também.

“Por exemplo, *shàng chuán* significa ir para o barco e *shàng chuáng* quer dizer ir para a cama. Podemos propor a um colega discutir um determinado assunto no barco a caminho de Hong Kong, mas se nos enganamos no tom arriscamo-nos a ser muito mal interpretados.”



GRACIOSA VITALIDADE

De acordo com a tradição chinesa, o tai chi é equilíbrio entre opostos, união homem-natureza, arte da longevidade. Uma filosofia de vida, um exercício físico ou uma mistura das duas. O limite supremo do punho, diz a tradução literal da expressão

Texto: Joana Freitas | Fotos: António Mil-Homens

São 6h30 e, ainda antes do frenesi da ida para os empregos e os negócios, a cidade espreguiça-se em movimentos silenciosos. Os amantes da natureza e do ar puro enchem progressivamente parques, jardins e trilhos de marcha e de *jogging*. Como por exemplo os parques que rodeiam a zona da ilha Verde. É altura de começar o dia a buscar o equilíbrio através do tai chi.

Omi Yang, na casa dos 40 anos de idade, é uma das praticantes que ali se encontra. A rotina na rua estende-se por cerca de seis meses. “Antes fazia numa sala com uma professora e até cheguei a querer ir a competições.” Foi o horário de trabalho por turnos num dos casinos de Macau que a impediu de continuar a frequentar as aulas, mas agora Omi Yang agradece o facto de se ter juntado a um pequeno grupo debaixo das arcadas de um edifício no Fai Chi Kei. Fala de “contacto com a natureza, mais amigas e mais divertimento”. São só mulheres, normalmente com leques, as que fazem parte do dia sim, dia não em que Omi pratica tai chi. Envergonhadamente diz saber que “não tem muito jeito”, mas o bem-estar que sente desde que começou a prática, há alguns anos, “é suficiente

e faz-me estar bem com o mundo”.

Habitualmente, são jardins como o Lou Lim Leoc, bem ao estilo chinês, ou a Praça do Tap Seac que são procurados para os exercícios matinais. Mas isso não é uma obrigatoriedade e, hoje em dia, os espaços em redor dos prédios também recebem estes atletas. Vão munidos de leques, espadas e rádios, que espalham no ar melodias imperceptíveis na fraca potência das colunas. O lago Nam Van enche-se também de praticantes diários quando os primeiros raios de sol despontam.

O BOXE DA SOMBRA

A prática do tai chi enquadra-se idealmente de manhã, ao raiar do dia, ou ao fim da tarde. Baseado nos princípios do Yin Yang, que cruzam pólos opostos – noite, dia, feminino, masculino, escuro, luz – crê-se que é nestas horas que se atinge um maior contacto com o equilíbrio. O *qi* é o ponto de partida. “O tai chi faz parte dos chamados sistemas internos (*neijia*), uma das vertentes marciais que dá mais importância ao trabalho energético, ao desenvolvimento da musculatura que se encontra mais próxima dos órgãos e à activação da circulação sanguínea”.



* Sifu Pun Chung Kuan, da Escola São Mou de Macau, faz o movimento "galo dourado desce e apoia-se na perna esquerda" (Zuo Xia Shi Jin Ji Du Li)

TAI CHI

A explicação é dada por Diogo Santana, professor da Escola de Artes Marciais Chinesas She-Si, em Portugal.

Mas o que é, em termos mais práticos, o tai chi? Como explica Sifu Wa, da Associação de Artes Marciais de Macau, pode distinguir-se como um desporto ou uma prática medicinal aconselhada por muitos médicos. Em 1920, a modalidade iniciou a sua expansão na China, que a tomou como prática nacional quando se apercebeu dos seus benefícios. Desenvolveu-se num modo semelhante ao wushu, baseado na observação do comportamento dos animais: a luta travada entre uma garça e uma serpente levou a que a habilidade de atacar e defender em simultâneo fosse imitada pelos homens. Em movimentos suaves e lentos, são protegidos os principais pontos do corpo, também utilizados na acupunctura.

ORIGENS

A história do tai chi é considerada sempre sob

dois aspectos: o lendário e o historicamente comprovado, que não se excluem necessariamente. O aspecto lendário é geralmente encarado como uma metáfora para indicar o desenvolvimento dos princípios do tai chi através da figura do taoista imortal Chang San Feng. Historicamente comprovado, o criador do tai chi foi Chen Wangting.

Existem indicações de que durante a dinastia Tang (618-906 d.C.) um eremita chamado Xu Xuan Ping desenvolveu uma arte chamada “os 37 estilos do tai chi”, também chamada de *chang chuan* (punho longo) ou *chang kiang* (rio longo). Por volta da mesma época, um monge taoista chamado Li Dao Zi praticava uma arte denominada “punho longo primordial”, semelhante aos 37 estilos do tai chi. Muitas das posturas dessas duas artes têm nomes semelhantes aos das actuais posturas do tai chi.

O texto *Guan Jing Wu Hui Fa* (*Método para se alcançar o esclarecimento através da observa-*

* “Segurando a bola” (Bao Qiu)



* “Agarrar a cauda da cotovia” (Zuo Lan Que Wei)



ção da escritura), escrito por Cheng Ling Xi na época da dinastia Liang (907-923 d.C.), no período das cinco dinastias e dos dez reinos, é o documento mais antigo já encontrado a usar o termo *tai chi chuan*.

No entanto, historiadores acreditam que o tai chi foi criado por Chen Wangting (1600-1680) na passagem da dinastia Ming para a dinastia Qing. Esta é a versão considerada oficial pelo Governo chinês.

(IN)DIFERENÇAS

Estima-se que existam entre 80 a 200 milhões de praticantes, apenas na China, embora seja quase impossível acertar num número, devido aos milhares de praticantes por conta própria. Mesmo nas grandes cidades chinesas, como Xangai ou Pequim, os parques e as praças enchem-se diariamente de adeptos da prática. De acordo com dados oficiais do Centro de Tai Chi e Medicina Chinesa de Pequim, o número elevado de praticantes deve-se muito aos programas do Ministério de Saúde Pública, que cria grupos nas ruas e hospitais com o objectivo de tentar restabelecer a saúde de pacientes em recuperação.

Em Portugal, por exemplo, contam-se mais de 700 atletas federados, mas a arte marcial teve que se adaptar a um quotidiano diferente, onde o sentido prático se sobrepõe ao filosófico. “Há noções que se perdem porque os ocidentais vivem num sistema baseado na produtividade e rentabilidade económica. Temos planeado tudo desde o horário de trabalho às necessidades do consumo”, refere Diogo Santana, professor da modalidade há mais de um década, considerando ainda que há conceitos que ficam fora de sentido para quem não estude e viva a fundo o tai chi.

Associa-se quase que automaticamente arte marcial aos factores violência e rapidez. Contudo, no tai chi os movimentos lentos visam relaxar o corpo e concentrá-lo para que se possa utilizar a energia na sua máxima eficiência. Ainda assim, surgem movimentos mais rápidos e de auto-defesa. É uma arte atraente ao espectador, mas que acarreta outra função – protecção do *dantian*, um ponto vital no abdómen, que ao ser “massajado” com os movimentos largos e circulares das mãos, age como o centro estabilizador da força interior.

É quase noite em Macau. Mais uma vez os parques enchem-se com praticantes de tai chi. A prática dos movimentos pode ser orientada

usando como guião um papel no bolso com desenhos. Os movimentos são imperfeitos, mas desenrolam-se sintonizados. São repetidos as vezes necessárias porque não há horários ou etapas de aprendizagem.

Do saco ao ombro tiram as espadas e os leques que, ao serem parte da execução do tai chi, se tornam parte do próprio praticante. São a extensão de um membro e provêm da tradição longínqua da China.

Os leques, por exemplo, escondiam por trás de uma aparência inocente ferros de aço ou paus de bambu. Já a *kim* (a espada de ponta fina e flexível) era considerada a espada imperial. A flexibilidade e a variedade em ataques que permitam conjugam-se com a sua graciosidade e elegância, que combinam na perfeição com o tai chi. Uma forma longa pode conter 60, 108 ou até mesmo 150 movimentos, enquanto uma forma curta tem apenas 27 movimentos.

Para José Tavares, vice-presidente do Instituto do Desporto da RAEM (ID) este é “um desporto bastante apreciado pela generalidade da população”. Em Macau é a Associação Geral de Wushu quem tem a palavra no apoio técnico e desenvolvimento desta prática. Mas há ainda “as classes oferecidas pelo Instituto do Desporto e as das muitas associações e organizações particulares e públicas”, salienta o responsável. Pondo de parte o bem-estar, o tai chi é um desporto que o ID pretende continuar a promover, já que “é culturalmente significativo para a região, é adequado a indivíduos de todas as idades, promovendo a saúde não só a nível físico mas também a nível psíquico e social”.

Na RAEM, existem classes de recreação e manutenção organizadas pelo ID, onde, a pagar entre 50 e 100 patacas a cada dois meses, se pode aprender a técnica três vezes por semana. Se, em 2009, o número de inscritos nestas turmas rondou os 3600, já no ano passado este número cresceu 27 por cento, com 4587 alunos, num total de 157 turmas.

DESPORTO

À semelhança do que aconteceu com o wushu, esta arte vai-se tornando popular no cinema e surge como categoria de competição. As formas vão-se modernizando e passam a ser menos complicadas de ensinar e aprender. O tai chi está presente em campeonatos por todo o mundo. E

TAI CHI

muitos ocidentais já o incluem nas rotinas de um dia-a-dia saudável. Mehmet Oz, um famoso cirurgião cardíaco norte-americano, tem como especialidade retardar ao máximo os efeitos da idade nos seus pacientes. Director do Programa de Medicina Integrada da Universidade de Colômbia, em Nova Iorque, Oz é conselheiro na clínica de Michael Roizen, o criador do conceito de que é possível manter o organismo mais jovem do que a idade natural do ser humano.

Por todo o lado, Mehmet Oz recomenda a prática do tai chi como combate ao envelhecimento e diz mesmo que o conjunto do equilíbrio, coordenação motora e meditação oferecidos pela prática desta arte oriental, se adoptado pelos cidadãos de todo o mundo, poderia aumentar a esperança média de vida da população para 110 anos.

Apesar de suaves, os movimentos tomam impulsos fortes e servem como sistemas de ataque ou defesa. Maioritariamente composto por movimentos circulares, repetitivos e coordenados com a respiração, “o segredo do Tai Chi está em tornar o tronco num eixo”, explica Sifu Wa, um ponto de equilíbrio de onde partem todos os outros movimentos.

O tai chi não deixa de parte o facto de ser uma arte marcial e, por isso, as posições das pernas, flexionadas ou esticadas em equilíbrio, são semelhantes às do wushu. Nos diferentes estilos, ou escolas, os movimentos fundamentam-se numa mesma natureza: a imitação dos animais. Assim, ao abrir os braços o atleta imita uma garça a esticar as asas. Com as mãos, agarra a cotovia pela cauda ou assume-se como uma serpente a deslizar no tronco de uma árvore.

* Início do movimento “chicote isolado” (Dan Bian)



* “Garça branca estende as suas asas” (Bai He Liang Chi)





* Outro movimento semelhante à “garça branca estende as suas asas”, mas com pontapé com perna esquerda (semelhante à perna da garça esticada)

CHINA E ANGOLA DE MÃOS DADAS EM VÁRIOS CAMINHOS

A cooperação entre China e Angola é antiga e deriva muito mais do que da criação do Fórum Macau. O rápido desenvolvimento dos dois países tem contribuído para aproximar os Governos e utilizar os recursos de cada um para obter “mais-valias” do outro

Serviço especial Lusa

O petróleo angolano é absolutamente necessário para a China, bem como a mão-de-obra e a disponibilidade chinesa para investir é vital para a criação de infra-estruturas no país africano devastado por mais de duas décadas de guerra que, não só impediram o desenvolvimento como contribuíram para destruir aquilo que existia.

Ultrapassados todos os objectivos da China nas trocas comerciais com os países de língua portuguesa, Angola é o segundo “lusófono” no comércio com o gigante asiático, um país com quase 1,4 mil milhões de pessoas onde o consumo tem vindo a crescer de forma sustentada pelo próprio aumento da capacidade de compra de uma população cada vez mais metropolitana e consumista.

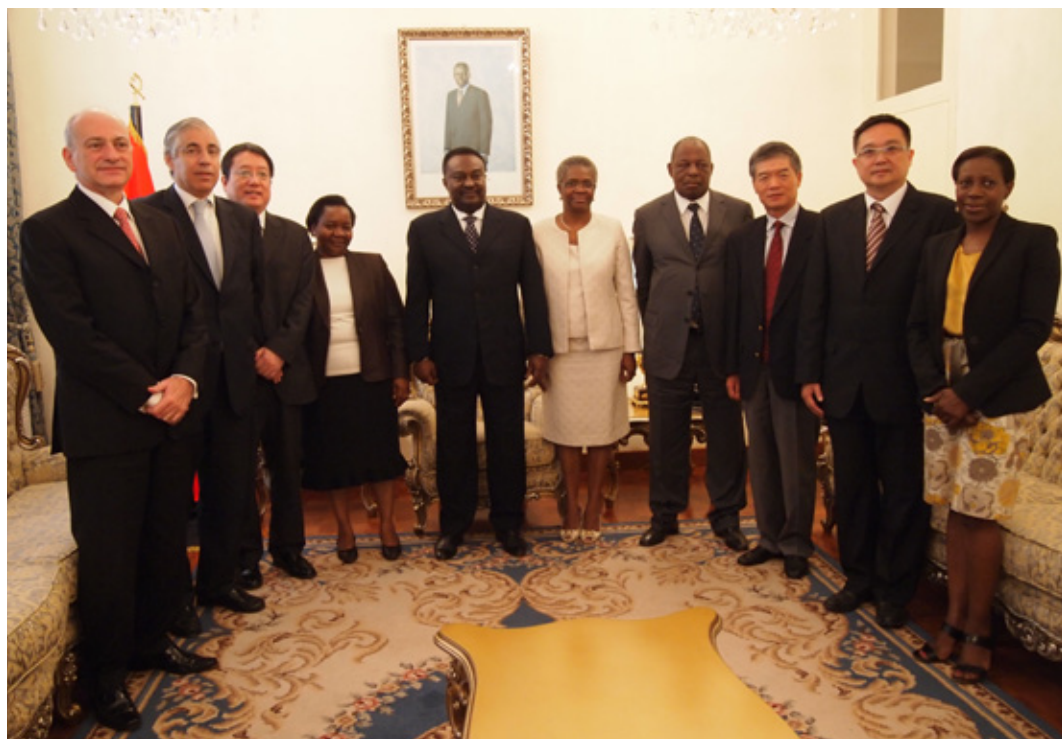
Entre Janeiro e Junho, os 13,1 mil milhões de dólares das trocas comerciais entre a China e Angola representam 25 por cento do total do comércio com a lusofonia e acima do país africano

está apenas o Brasil, responsável por mais de 50 por cento das trocas comerciais com a China no primeiro semestre deste ano.

Os dados das trocas comerciais confirmam a China como o maior parceiro comercial e o maior investidor estrangeiro em Angola, enquanto o país africano também não pode ser desconsiderado no seu relacionamento com Pequim, já que no contexto africano é o maior parceiro de Pequim.

O *win-win* da cooperação, desde 2003 sustentado pelo Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum Macau) e contando com o apoio de embaixadas e consulados de ambos os países, é agora também reforçado por visitas mútuas e cursos de formação organizados pela China, para que o mundo de língua portuguesa conheça melhor as suas características e a compreenda o seu desenvolvimento.

Mas, além da indústria petroquímica como ofer-



ta e as infra-estruturas como contrapartida, Angola tem também como prioridade na cooperação a agricultura, potenciando a grande extensão do território, como frisou Armando Manuel, secretário para os Assuntos Económicos do Governo de Luanda.

“Hoje temos acções dominantes na indústria petroquímica”, começou por salientar recentemente numa visita a Macau, a propósito do curso de formação para funcionários angolanos sobre zonas de desenvolvimento. “Angola é um país com uma grande extensão de terras aráveis e recursos hídricos”, acrescentou para justificar a prioridade nas questões agrícolas na agenda de cooperação.

O mesmo responsável salientou que o programa de desenvolvimento agrícola é “ambicioso”, prevê a “implantação de grandes centros de produção” e está a ser “desencadeado com o apoio do Banco de Desenvolvimento da China”, pelo que a meta estará centrada em “alargar e

fortalecer” este tipo de acções.

Nas linhas mestras do contacto bilateral, o responsável pelos assuntos económicos do Governo angolano olha também para a língua portuguesa e salienta o papel de Macau no fortalecimento das relações comerciais e financeiras entre os dois países. “Estas acções de domínio financeiro e comercial serão sustentáveis quando a comunicação for fluida. Certamente Macau desfruta de uma vantagem significativa neste domínio, em poder ser um instrumento catalisador deste processo”, defendeu Armando Manuel, destacando o papel da actual região administrativa especial da China no contacto entre o poder político da China e os governos dos países de língua portuguesa.

Em “velocidade de cruzeiro” e sem qualquer questão que possa impedir o desenvolvimento, Angola não só marca presença no Fórum e defende a sua dinamização, como aposta numa presença física em Pequim e Macau. Dessa for-



ma, valoriza-se o contacto directo com os empresários da região e desenvolvem-se canais de informação para dar a conhecer aquilo que vai acontecendo no país e as oportunidades que podem ser aproveitadas também por empresários chineses. Nesse sentido, e apesar dos canais oficiais do Fórum Macau, um centro de discussão alargado e definidor de uma política comum e abrangente, Angola – tal como os outros “lusófonos” – desenvolve contactos directos com Pequim e, até ao final do ano, além das áreas já identificadas de comércio e cooperação, uma comissão mista dos dois países quer não só definir um dos centros a desenvolver na cooperação bilateral como encontrar um espaço concreto em que Macau assuma um papel de ponte na ligação entre os dois países.

Uma delegação empresarial organizada pelo Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM) e uma outra pelo Fórum Macau estiveram entre 17 e 21 de Julho em Angola para promover relações, parcerias e

oportunidades de negócio.

A delegação do Secretariado Permanente do Fórum Macau, chefiada pelo seu secretário-geral, Chang Hexi, reuniu com a ministra do Comércio de Angola, Maria Idalina Valente, a quem reiterou o compromisso do Fórum na concretização das novas medidas anunciadas pelo primeiro-ministro chinês, Wen Jiabao, relativamente à promoção da cooperação empresarial com os países de língua portuguesa.

As comitivas do IPIM e do Fórum Macau estiveram igualmente presentes na abertura da Feira Internacional de Luanda (FILDA), tendo depois participado no “Encontro de Empresários para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa”, onde estabeleceram contactos com a Câmara de Comércio e Indústria de Angola e com empresas angolanas.

O encontro de empresários, que decorreu entre 20 e 21 de Julho, teve por objectivo criar oportunidades de negócio com vista a reforçar a fun-



ção de Macau como plataforma de cooperação económica e comercial entre a China e os países de língua portuguesa, aumentar as exportações para os mercados lusófonos e reforçar o intercâmbio comercial.

Na ocasião, foi assinado um protocolo institucional entre a Câmara de Comércio e Indústria de Angola e o Secretariado Permanente do Fórum Macau e outro entre uma empresa macaense e uma congénere angolana.

Na abertura do encontro empresarial, o vice-presidente de Angola, Fernando da Piedade Dias dos Santos, salientou que a realização dessa iniciativa testemunhava a importância que o Executivo de Luanda atribuía à necessidade de continuar a consolidar a cooperação, estabelecer parcerias e promover as relações comerciais.

O governante angolano lembrou que o espaço geográfico que compreende a China e os países de língua portuguesa representa um mercado com um número considerável de consumidores e constitui uma porta para o acesso a várias

regiões económicas do mundo.

O comércio entre a China e os países de língua portuguesa aumentou 31,19 por cento nos cinco primeiros meses de 2011 face ao mesmo período do ano passado, para um total de 43,09 mil milhões de dólares.

Dados oficiais da alfândega chinesa indicam que, entre Janeiro e Maio, a China comprou aos oito países de língua portuguesa produtos no valor de 28,95 mil milhões de dólares contra vendas de 14,14 mil milhões de dólares, trocas que representam, respectivamente, aumentos homólogos de 34,81 e 34,74 por cento.

Macau, defendeu recentemente o presidente da Academia Internacional para as Autoridades Comerciais do Ministério do Comércio da China, Xi Jun, pode desempenhar um papel importante na ligação entre a China e os países de língua portuguesa através da cooperação na área informática e jurídica, aproveitando o tronco comum de sistemas jurídicos de cariz português espalhado pela lusofonia.

UMA PLATAFORMA ENTRE MOÇAMBIQUE E ÁSIA



Uma delegação de 20 empresários visitou Moçambique em Julho e regressou ao território com os horizontes alargados. Há muito espaço de crescimento para a China, sempre com Macau a servir de rampa de lançamento para os países lusófonos

Texto: José Paulo Machicane | Fotos: António Silva
Exclusivo Lusa/Revista Macau



Macau está pronto para receber os produtos moçambicanos e servir de ponto de entrada das exportações do país africano para a China e Hong Kong, disse em Maputo a vogal executiva do Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM), Echo Chan, durante o “Seminário sobre a cooperação económica, comercial e de serviços” entre a Província de Guangdong, a Região Administrativa Especial de Macau e Moçambique, realizada a 25 de Julho na capital moçambicana. Echo Chan acredita que os vínculos históricos entre Macau e os países de língua portuguesa, aliados à sua localização geográfica, conferem à região uma posição natural de plataforma à penetração dos produtos moçambicanos na China e em Hong Kong. “Macau poderá servir de projecto-piloto para os produtos e serviços de Moçambique entrarem no mercado do Interior da China. As empresas da província poderão igualmente estabelecer relações com as empresas dos países de língua portuguesa, através da plataforma de Macau ou por intermédio das convenções e exposições de natureza económica e comercial”, disse a vogal executiva do IPIM. Segundo Echo Chan, a proximidade com Ma-

cau e o potencial industrial da Província de Guangdong oferecem à economia moçambicana uma forte oportunidade de se internacionalizar e é também uma opção para que as empresas moçambicanas estabeleçam parcerias com os seus colegas chineses.

O comércio geral de Macau, principalmente o sector de venda a retalho, que arrecadou 1,2 mil milhões de dólares só no primeiro trimestre deste ano, e o turismo, com mais de oito milhões de visitas nesse período, são algumas das áreas que oferecem oportunidades de negócios aos investidores moçambicanos e dos países lusófonos em geral.

OPORTUNIDADES INFINITAS

Por seu turno, o director do Departamento de Cooperação Económica e do Comércio Externo do Governo da Província de Guangdong, Chen Xuequin, considera “infinitas” as oportunidades de negócios entre a China e os países de língua portuguesa, apontando as parcerias entre os empresários dos dois blocos como o caminho para o desenvolvimento económico e empresarial.

“Há oportunidades na agricultura, indústrias, infra-estruturas e comércio geral. A ideia é que os

nossos parceiros estrangeiros tirem proveito do princípio ‘um país, dois sistemas’”, disse Chen Xuequin.

O director do Departamento de Cooperação Económica e do Comércio Externo do Governo da Província de Guangdong sublinha a necessidade de os investimentos chineses em Moçambique não perderem de vista a promoção do desenvolvimento económico e social do país africano.

Maria José de Freitas, arquitecta portuguesa residente em Macau há mais de 20 anos, vê no crescimento expressivo do sector imobiliário e de infra-estruturas moçambicano um potencial mercado para as firmas de construção civil chinesas. “A expansão do sector de construção civil moçambicano é notável a cada ano que passa e pode ser muito interessante o aproveitamento da experiência e materiais chineses em vertentes como as vias verdes e uma construção civil amiga do ambiente”, nota Maria José Freitas, que já soma a sua segunda missão empresarial a Moçambique.

RELAÇÕES EQUILIBRADAS

A aposta do Governo moçambicano no intercâmbio com a China é atrair as empresas chinesas a instalarem-se em Moçambique, por forma a equilibrar a balança comercial entre os dois países, de acordo com o presidente do Instituto de Promoção de Exportações de Moçambique



(IPEX), João Macaringue. “Queremos que produzam em Moçambique o que exportam da China para Moçambique, porque essa abordagem vai colocar equidade nas relações comerciais e económicas entre os dois países”, diz João Macaringue.

A balança comercial entre Moçambique e China pende a favor do gigante asiático, que só de Janeiro a Maio deste ano exportou para o país africano o equivalente a 271 milhões de dólares, importando apenas 58 milhões de dólares, conforme indicam dados oficiais.

Já o presidente da Confederação das Associações Económicas de Moçambique, a maior organização patronal moçambicana, afirma que o futuro abre excelentes perspectivas de intercâmbio empresarial entre Moçambique e China, um salto que poderá alterar o actual quadro, em que



as relações comerciais e económicas bilaterais ainda são “inexpressivas”. “O Governo moçambicano está empenhado na criação de um clima favorável ao desenvolvimento do sector privado e ao ambiente atractivo aos negócios, o que abre excelentes perspectivas para o estabelecimento de parcerias com os colegas da China”, referiu Rogério Manuel.

O presidente da maior agremiação patronal moçambicana entende que, associados aos seus colegas da China, os empresários moçambicanos podem capitalizar as oportunidades de negócio que Moçambique oferece na agricultura, sector madeireiro, energia, indústrias e infra-estruturas. “Quem investe em Moçambique não tem só acesso ao mercado moçambicano, pois podem também colocar a sua produção na Comunidade de Desenvolvimento da África

Austral, no quadro dos protocolos que o país tem com a região, desde que 30 por cento do valor agregado da produção seja *made in Mozambique*”, acrescenta Rogério Manuel.

Além do mercado moçambicano, os investidores que apostam em Moçambique podem ter acesso aos mercados dos Estados Unidos e da União Europeia, ao abrigo do acesso preferencial que os dois blocos económicos concedem aos países mais pobres, afirma ainda o presidente da Confederação das Associações Económicas de Moçambique.

O “Seminário sobre a cooperação económica, comercial e de serviços” entre a Província de Guangdong, a Região Administrativa Especial de Macau e Moçambique realizou-se no quadro de uma missão empresarial de Macau ao país africano, composta por 20 empresários.

MOÇAMBIQUE A VÁRIAS CORES



O recente crescimento económico de Moçambique levou dezenas de nacionalidades ao país. Mas três comunidades já têm bilhete de identidade. São negros, descendentes de portugueses e de indianos. E a mescla dos seus costumes, tradições e crenças construíram um país tolerante e único

Texto: Marta Curto, em Moçambique | Fotos: Ricardo Franco



Moçambique tem várias cores e cheiros. E tudo se mistura com naturalidade, como se sempre tivesse sido assim. As chamuças fritas pela mulher de capulana à cintura, a mesquita que chama enquanto a curandeira lança os búzios, o cliente do restaurante indeciso entre o bacalhau com todos e a matapa (prato tipicamente moçambicano com folhas de mandioca e amendoim). Sim, Moçambique tem vários cheiros, várias cores, vários deuses. Todos convivem como amigos, mas raramente chegam a familiares. Partilham mesa, locais de trabalho, receitas e sorrisos, mas não se casam. A raça é algo sagrado, que se mantém com orgulho nos antepassados.

Moçambique é branco, é negro e moreno. Mas é sempre Moçambique, com um forte sentido da moçambicanidade, e, sobretudo, de pertença. O país dos avós, lá longe, pouco ou nada diz. Alguns ainda iam lá de férias quando eram meninos, obrigados pelos pais, mas em adultos, já o esqueceram. Agora são moçambicanos. São todos moçambicanos.

E o que é ser moçambicano? É ter a nacionalidade? Um papel que diz que sim? Bilkiss diz que ser moçambicano é sentir-se daquele sítio, onde nasceu e cresceu. É ver as notícias e querer mais para o seu país. João Jamal diz que é ter a identidade moçambicana, expressar os seus valores culturais, sentir que a pátria está em primeiro lugar. Para Manuel Gonçalves, é sentir-se da terra e trabalhar para resolver os grandes problemas do país.

MOÇAMBICANOS

Num país onde o nacionalismo de Samora Machel não morreu, todos carregam o peso do desenvolvimento aos ombros. Esse é o principal ponto em comum. É que o crescimento económico, a erradicação da pobreza, o fim da fome, não é um problema político. É um problema de todos.

QUANDO O RAMADÃO FECHA MAIS CEDO AS LOJAS

Bilkiss Gulamo tem 50 anos e a sua irmã Fátima Gulamo, 56. Nasceram e cresceram na Ilha de Moçambique com mais oito irmãos. Bilkiss casou e mudou-se para Maputo, onde criou quatro filhas. Fátima fugiu do desejo do pai de vê-la casada e rumou a Portugal, onde ficou 22 anos. Bilkiss separou-se e casou as quatro filhas. Fátima regressou ao seu país ainda solteira. Moram agora juntas num apartamento de Maputo, com um enorme quintal, onde os netos de Bilkiss brincam aos fins-de-semana.

Mesmo recém-regressada, Fátima já está bem inserida na comunidade indiana de Moçambique, onde todos se conhecem e sabem a vida uns dos outros. Lá Fátima encontra tudo o que precisa para seguir as tradições dos pais e dos avós. As roupas bordadas e pouco decotadas, a carne halal (talhos onde os animais foram mortos após uma reza muçulmana), as mesquitas que habitam qualquer rua, qualquer bairro e chamam, sempre às mesmas horas, os fiéis para a oração. Em qualquer botequim há chamuças à venda. Em qualquer mercado, frascos de achar (picles de fruta ou legumes picantes) caseiro se vendem ao lado das mangas e das papaías.

Foram os seus bisavós que chegaram da Índia e se instalaram no norte do país. No seu país natal tinham machambas (quintas agrícolas) e gado. Os avós casaram entre primos direitos para manter o sangue, já que, naquela altura, a comunidade indiana não era numerosa. Ainda hoje preferem casar entre si para manter os costumes,



* Bilkiss Gulamo tem 50 anos e a sua irmã Fátima Gulamo, 56. Nasceram e cresceram na Ilha de Moçambique com mais oito irmãos

as tradições. É importante que a mulher saiba o seu lugar, que a sexta-feira seja santa para ambos, que as pernas e os braços delas estejam cobertas. As tradições muçulmanas perpetuam em Moçambique, e, ainda que a comunidade não seja tão rígida como noutros países, onde o islamismo é a religião principal, a verdade é que também ninguém quer uma nora ou um genro que não conheça os costumes e não os cumpra. Ainda é o pai que escolhe o noivo da filha, ainda há mulheres que preferem andar de burka, os casamentos ainda são comemorados com os géneros separados por um lençol. E nada disto é visto com estranheza em Moçambique. É tudo natural e da terra, como se sempre tivesse sido. O comércio tradicionalmente a eles pertence. São donos das maiores lojas do país e mestres a vender. Bilkiss é agente imobiliária e acaba por ser amiga dos seus clientes, perpetuando a relação com bolinhos e ofertas no Id (último dia do Ramadão). No mês de jejum, todos sabem que mal escurece as lojas hão-de fechar. E no Id serão raros os estabelecimentos abertos. Também não é raro ver um descendente de indianos num cargo político. E ninguém estranha ou aponta o dedo. Porque é visto como moçambicano.

Pelo contrário, a comunidade pouco tentou absorver os costumes do Moçambique negro. A tradicional capulana (pano tradicional usado pelas mulheres à cintura sobre a roupa) nunca é usada e ao curandeiro só vão às escondidas, como afirma Bilkiss, com desdém por ser um pecado imperdoável.

QUANDO OS ESPÍRITOS DITAM OS DESTINOS

“De dia, o moçambicano negro pode ser a pessoa mais moderna da cidade, com o seu *blackberry* e o seu carro de última geração. Mas à noite está envolvido em fumaça no curandeiro. O negro tem sempre a crença, tem sempre o espírito. Há muita gente que vai ao curandeiro para perguntar se o banco vai emprestar dinheiro, se o filho vai passar no teste, se o marido trai. São os espíritos que orientam a nossa vida e família.”

João Jamal é moçambicano negro. Conhece bem os costumes mais tradicionais da sua terra. Não afirma abertamente frequentar os adivinhos, mas admite que muitos lá vão quando a noite cai. De facto, há duas formas de uso dos espíritos em Moçambique. E qualquer moçambicano conhece



* Maria Irene e João Jamal são moçambicanos negros. Conhecem bem os costumes mais tradicionais da sua terra

ambas. Existem os curandeiros e existem os feiticeiros. Todos gostam de ir ao curandeiro e todos temem o feiticeiro. O primeira cura dos males da vida, da doença, do coração e da alma. O segundo enfeitiça, engana, sabota. Se tem uma dor, uma pergunta, um medo, vai ao curandeiro. Se quer engarrafar um homem (mantê-lo preso a uma mulher), prejudicar o seu chefe para ter a promoção ou matar sem uso das mãos, é ao feiticeiro que tem de ir. Há placas a publicitar curandeiros um pouco por todo o país, no trânsito meninos distribuem panfletos com o telefone deste ou daquele. Pelo contrário, os feiticeiros estão escondidos.

Não, João Jamal não admite ir ao curandeiro, nem ao feiticeiro. Mas, por pertencer à classe média alta, muitos diriam que vai. Tem seis filhos, como ditam os costumes tradicionais moçambicanos. Nos tempos em que a terra era o

MOÇAMBICANOS

sustento, queriam-se mais braços para trabalhar a terra. Hoje quase metade da população vive nas cidades, mas manteve-se os hábitos das famílias numerosas. E quem não as tem, é visto com estranheza e pena.

Para João, a educação está em primeiro lugar, e por isso, os filhos mais velhos estudam fora de Moçambique, enquanto os mais novos frequentam escolas internacionais em Maputo. Mas nem estas influências estrangeiras cortam o cordão umbilical com as tradições ancestrais moçambicanas. Maria Irene, a sua mulher, tem sempre capulanas em casa, como qualquer negra moçambicana. “A menina, ainda antes de se tornar mulher, tem uma capulana. Quando apresenta o namorado, tem de ir de capulana. Se trabalha na casa, está de capulana”. Maria Irene ensina as suas cinco filhas a amarrar bem a capulana. Se o pano está bem seguro, quer dizer que a mulher é séria, não tira a capulana em qualquer esquina. Por mais estudos que as filhas tenham, hão-de também fazer um lobolo quando casarem. “Lobolo é um casamento tradicional, tem mais peso para nós. Se não faz, não se casou. Mesmo se não estiver em Moçambique tem de fazer um lobolo, porque senão terá problemas no casamento.”

Para tudo há uma cerimónia, tudo tem o seu jeito e preceito. Há um ritual ao nascer e outro ao morrer. Há para casar, para namorar. E, para tudo, o objectivo é o mesmo: respeitar os antepassados, para que estes os protejam dos maus olhados.

QUANDO O CHANGANA SAI DA BOCA DE UM BRANCO

Manuel Gonçalves tem 65 anos e é presidente do Conselho Administrativo do Fundo de Fomento Pesqueiro. Anita, sua mulher, nasceu em Moçambique. Ele é de Melgaço, em Portugal. Moçambique entrou-lhe na vida aos quatro anos. Só em 1977, aos 31 anos, Manuel visitou a sua terra pela primeira vez. Gostou, sim. Gostou de ver a terra do pai, a terra onde nascera, tios e primos que nunca vira. Mas não encontrou o seu amor por aquele país.

O pai havia ido para Moçambique em 1946 e mandara juntar a família três anos mais tarde. Manuel cresceu sem ouvir um lamento de saudade, uma nostalgia. O seu pai guardava no peito a mágoa de não ter estudado e de lhe ter morrido de tifo uma filha, ambos pela falta de



* Anita nasceu em Moçambique. Manuel Gonçalves em Portugal

dinheiro. Assim, o pequeno já cresceu sem terra, pensando, sentindo Moçambique como seu. Na independência, em 1975, despediu-se dos pais que voltaram para Melgaço, mas nunca pensou seguir-lhes as pisadas. “Foi uma decisão de cariz político. Eu tinha uma grande integração e entrosamento nesta sociedade. Não tive medo, nem precisava de ter.” Nunca o país havia precisado tanto dele e ele quis ficar para construir um Moçambique novo. “Na altura só 300 mil pessoas em Moçambique falavam português. As chefias foram todas para Portugal. Ficámos completamente desarmados. Não havia quem avançasse com este país”, recorda. Manuel só chegara ao sétimo ano de escolaridade e foi um concurso que lhe abriu as portas do laboratório de química da faculdade de Veterinária. Por sorte do destino, fazia-se na altura um estudo sobre aproveitamento do tubarão



e assim começou a conhecer a vida dos mares. A pesca era um assunto completamente esquecido e enterrado em Moçambique, um país com 2500 quilómetros de costa. Portugal preferiu que o país fosse consumidor dos seus excedentes de bacalhau e sardinha, que, antes da independência, eram a comida dos pobres e nunca desenvolveu as pescas. Quando Moçambique quis fundar uma Direcção Nacional de Pescas, o assunto era desconhecido e entraram os que sabiam alguma coisa da vida marinha: um chileno exilado e Manuel Gonçalves.

Hoje, é das pessoas que mais entende de pescas em Moçambique e a sua maior ambição é ver aberto um Museu das Pescas. Num armazém, está a juntar redes de pesca de tubarão feitas com fibras de embondeiro (enorme árvore tipicamente africana), cabos de fibras de coco, réplicas de diversos tipos de barcos, berbequins manuais, anzóis de espinhos de árvores, fotografias antigas da faina e bóias artesanais.

Quando se fala de costumes, tradições ou cor da pele, Manuel Gonçalves limita-se a encolher os ombros. Gosta de bacalhau e do seu café, mas também gosta de chamuças, de achar e de matapa. Portugal está lá longe e só lhe trouxe a dor do pai e a cor da pele. Uma cor que, para ele, pouco significa. Só um detalhe num homem para quem Moçambique é muito mais do que o país que o recebeu. Manuel Gonçalves participou activamente na construção do país e é esse orgulho, que não mostra facilmente, que o faz sentir-se da terra. Embora não seja de terceira ou quarta geração, Manuel Gonçalves faz crer que esta primeira fornada de Gonçalves em Moçambique deixe marca nas gerações futuras. Os seus filhos entendem e falam changana (dialecto de Maputo) tão bem quanto o português e, quando esta língua sai da boca de um branco, em Moçambique, os olhos abrem de espanto. Este não é como muitos que andam aí. Este é mesmo de cá, pensam.

MIA, O HOMEM E O OUTRO

Houve um tempo em que eu achava que Mia Couto escrevia porque ouvia vozes. Que era Deus, qualquer Deus, todos os deuses, que lhe segredavam ao ouvido. Nenhum homem nascido de uma mulher poderia pensar aquelas frases, quanto mais escrevê-las. Ia nervosa. Mas não foi o escritor que entrevistei. Foi Mia, o homem

Texto: Marta Curto, em Moçambique | Fotos: Ricardo Franco

O escritor não sabe ser entrevistado, não conhece os porquês, não justifica palavras. O escritor não fala, porque, se o fizer, eles vão embora. Aqueles que lhe vão bater à porta à noite, aqueles que lhe incomodam o dia, que lhe turvam as noites. Os personagens. “Acho que muita gente não escreve porque fala”, diz ele. E por isso, Mia não fala. Só escreve. Todos os dias, à noite. Até às duas da manhã. E, nessas alturas, não é o homem que eu entrevistei. Nessas alturas, é o outro. “A pessoa que escreve os livros não sou eu. Eu entro num estado de quase transe. E, quando regresso, já não sou eu que escrevi.” São dois, três anos da mesma embriaguez, e depois fecha o livro, termina, entrega ao editor.

Tem então de “desocupar a alma de personagens que viveram naquela história”. Mesmo o homem, quando sóbrio, ali, sentado no seu escritório de cientista, fala como o escritor, como se, num buraco do corpo guardasse aquela poesia, aquela maneira única de falar. “Desocupar a alma das personagens.” As palavras saem-lhe naturalmente, como se, naturalmente, todos assim falassem.

E, no entanto, ele admira-se com a admiração dos outros. Acha-se só um contador de histórias. “Penso que toda a gente cria histórias. Não me levo muito a sério. Acho que isto dos livros é tão sério como contar uma história a uma criança que vai dormir.”

É mais do que humildade que se encontra no homem que ganhou mais de dez prémios literários e cujos livros estão traduzidos em mais de 25 línguas. É quase resignação por habitar o corpo onde o outro também habita. O outro, o escritor, é seguro, não tem medo de ser lido ou de inventar palavras, com a confiança de não se importar de ser amado ou não. Mia Couto não é esse. Mia Couto é o homem caseiro, de família, que pre-

cisa de ser gostado, que não gosta de entrevistas. “Sinto que estou a falar para ninguém. Tenho de pensar que estou a ter uma conversa e não a dar uma entrevista. Já pensei em não aparecer mais. Mas não consigo dizer que não.”

NÃO SEI FAZER DE OUTRA MANEIRA

O método é simples. Quase como se não existisse, com a salvaguarda de ser sempre o mesmo. A história começa de algo que lhe toca. Não só lhe toca uma vez. Mas muitas vezes, demasiadas. Tomemos como exemplo o livro que está neste momento a terminar. Baseia-se em cinco meses da história da Impacto, a empresa de monitoria ambiental que co-fundou. Há dois anos, a Impacto tinha um trabalho na província de Cabo Delgado, no Norte de Moçambique. “Mandávamos jovens para lá para verificarem as recomendações ambientais. Em cinco meses, morreram 27 pessoas na boca de um grupo de leões.” Por vezes, Mia estava lá. Por vezes, ouvia a notícia em Maputo, pelo telefone. A maldição terminou quando se contrataram caçadores para tratarem da fome dos leões. Até lá, foram mortos habitantes das aldeias e jovens contratados pela Impacto. As notícias chegavam-lhe a contagotas, aumentando o desespero e o sentimento de impotência. “Esta história ocupou-me tanto que eu senti que tinha necessidade de me ocupar dela. Queria fugir ao estereótipo e tive de construir a história, a partir de um confronto. Assim, há dois narradores: uma mulher que vive numa das aldeias, e um escritor que vive em Maputo.”

Os livros, todos eles, começam assim, como uma catarse, uma necessidade, como se de água para a sede, de deixar sair os fantasmas. “É uma negociação entre duas loucuras.”

Começam assim e vão andando sozinhos. Ganham vida durante dois anos e escolhem os seus caminhos, sentimentos, derrotas e vitórias.

Mia Couto nunca sabe para onde vai, nem onde terminará a viagem. Limita-se a deixá-los viver. “Nunca sei para onde vai o livro. Encontro o fim quando sei como o livro começa. Faço os dois ao mesmo tempo, o início e o fim. A minha ausência de método dá-me o dobro do trabalho, mas não sei fazer de outra maneira.”

Embora admita que tem má memória – “quando vou a escolas e os alunos fazem-me perguntas sobre personagens de livros que estão a estudar na aula, acontece muitas vezes já não me lembrar deles” -, há dois que não esquece. São os seus preferidos. “Gosto muito da Rosa Caramela, do conto *Rosa Caramela*. E também gosto do menino da história do *Embondeiro que Sonhava Pássaros*. São os personagens que mais têm a ver comigo.” Por outro lado, a história que mais o marcou foi a que mais o fez sofrer: a *Terra Sonâmbula*. “Em *Terra Sonâmbula*, eu acordava com os personagens a bater a porta. Tive muitos amigos que morreram na guerra.” Sorri ao falar sobre *O Fio das Missangas*, como se recordasse um filho. “Esse foi um parto sem dor. Foram histórias que exploraram muito o meu lado feminino. Eu era mulher nestas histórias e fluiu como se fosse água.”

Mia gosta de personagens que estão à margem do mundo, que interrogam o mundo, que questionam a realidade. Diz que “a realidade é a pior das prisões”. E, no entanto, é nessa realidade que apanha os homens, mulheres, crianças, templos e deuses que lhe habitam os livros. Em todas as realidades que encontra, nas conversas de café, nas vidas dos colegas de trabalho. Ali está a sua matéria-prima. “Há uma parte de mim que está sempre a captar histórias, não mereço a confiança dos meus colegas”, admite, sorrindo.

MIA ESCRITOR

“Eu não inventaria palavras se não vivesse aqui, onde existe esta liberdade de reinventar outra língua. É como se fôssemos bilingues.” Em Moçambique, “desconseguir” quer dizer não conseguir fazer algo. O “ainda” é utilizado sem o “não” à frente, já que o “sim” nunca seria usado mesmo. “Lá” quer dizer lá ao longe, e quanto mais for enfatizado o “á”, mais longe é. Em Moçambique, “parabeniza-se”, como se estivéssemos no Brasil. O “lhe” e o “lo” (“vou buscar-lhe um prato” passa a “vou buscá-lo um prato”) são tão constantemente trocados que uma nova

gramática se formou. E as pessoas, amiúde, tornam-se verbos: “Sou descontento no banco todos os meses.” Não é só a língua que muda, nem a gramática que se troca, ou as palavras que se inventam. É uma nova forma de ver o mundo e, sobretudo, de pensar o homem no mundo.

“Se usarmos a língua como um brinquedo, seremos crianças a vida inteira. A língua não é uma coisa para ser usada. Tem de ser tratada como um namoro”, diz Mia. No Brasil, pela primeira vez, o escritor ouviu criticar o estudo dos seus livros nas salas do ensino primário. Argumentava-se que, ali, se ensinava mau português. Mas, para ele, não se pode confundir o ensino da língua com o ensino da literatura. E os seus livros poucas ambições têm de servir para o ensino da língua portuguesa.

“Acho que os meus livros estão traduzidos em 26 ou 27 línguas”, diz, naturalmente, como se nada fosse. De facto, Mia Couto não quer, nem tenta que os seus livros sejam uma referência e muito menos uma que mostre o que é África. “Acredito que um leitor japonês reencontra naquelas histórias a sua África, não a minha. Nenhuma das minhas histórias quer dizer ‘Isto é África’. Falam sobretudo de pessoas.”

Dos inúmeros prémios, Mia Couto também não fala como seria de esperar. “Se os prémios tiverem uma história, sim, são importantes para mim, tocam-me. Mas tenho uma relação um pouco cínica com este assunto.” Se lhe pergunto se não se sente orgulhoso ao receber um prémio, quase se indigna como se a pergunta fosse totalmente descabida. “Não sinto que haja isso do melhor escritor, acho que não se podem fazer comparações. Faz-me muita impressão aqueles escritores que falam sobre si e sobre a sua obra.”

MIA HOMEM

“Se tivesse de dizer uma coisa só, diria que sou moçambicano, mas tenho origem portuguesa.” Os seus pais chegaram a Moçambique por razões políticas aos 20 anos e aqui tiveram os filhos. Depois do 25 de Abril, os pais de Mia foram quatro vezes definitivamente para Portugal. E voltaram sempre. “Para mim, Portugal era uma espécie de ficção. Neste momento, é como um amigo que eu penso que conheci, mas que nunca conheci de facto. Na verdade, não me sinto nem português nem moçambicano. Ninguém é só de um tempo ou de um sítio. Pertencer a um



* É num escritório na Rua de Kassuende que Mia, o homem, passa a maior parte dos seus dias

lugar, essa necessidade de catalogação espacial, como se de uma identidade se tratasse, é uma noção muito europeia.”

A maior parte do dia do Mia homem é passada na Impacto, uma empresa que admira - e admira-se - por ter sobrevivido e crescido ao longo de 20 anos, quando foi feita por gente que não sabia como fazer uma empresa, mas que partilhava um sonho e uma vontade. “Esta empresa não é uma associação ambientalista, nós fazemos relatórios imparciais”.

No horário do expediente, como qualquer ser humano que tem de ganhar a vida, ali o encontramos. E Mia não quereria que fosse de outra forma. Ser um escritor a tempo inteiro é algo que não o atrai minimamente. “É mesmo uma opção. Gosto de me repartir porque é um investimento emocional que eu faço. Eu faço coisas, não sou. Não quero ser um escritor. Sentir-me-ia pobre se só fizesse uma coisa.”

Para a ciência, traz a bagagem de contador de histórias e vê a natureza como um todo no seu contexto. “Acho que o meio ambiente precisa mais de ser entendido do que defendido. Um cientista olha com aquele ar arrogante para uma árvore e acha que a entende porque sabe o seu nome em latim. Mas a árvore nem conhece essa

língua. A literatura dá-me o contexto todo de uma árvore, que, aqui, é quase um templo.”

Nos seus tempos livres - entenda-se por isto quando não está na Impacto nem a escrever - o seu maior prazer é conversar. “São outras formas de reencontrar o mundo, uma casa mais minha.” Acredita que, por isso, deva ser um pai e marido pesado, porque lá em casa eles querem sair e Mia quer ficar e falar.

“Também tenho uma enorme necessidade de estar sozinho, mas preciso de não perceber que estou sozinho, tenho de ter sempre o que fazer.” Uma das suas actividades predilectas é a jardinagem, de que nunca pensou gostar. “Mas sinto-me um pequeno Deus. Tenho uma pequena colecção de palmeiras e viajo sempre com uma tesourinha de poda, para roubar árvores que depois carrego nos bolsos.”

O Mia Couto escritor todos conhecem. O homem é muito mais igual a nós do que poderíamos pensar. É doce, questionador, curioso, interessado, fala pausadamente, quase baixinho. E, no fim da entrevista, procura na prateleira cheia algo que não encontraríamos por aí, algo raro. Ninguém lho pede. Mas ele quer dar, como que a agradecer a conversa, não uma entrevista.





A VIDA

Nascido em 1955, Mia Couto é o mais galar-dado escritor moçambicano, tendo recebido uma miríade de prémios, tanto no seu país como no estrangeiro. Estudante de Medicina, abandonou os seus estudos para se juntar à luta anti-colonialista em Moçambique. Após a independência do seu país, em 1975, trabalhou como jornalista em Maputo por mais de dez anos. Licenciado em Biologia, está actualmente a realizar pesquisa ambiental no seu país. Mia Couto publicou 28 livros, traduzidos e distribuídos em 27 países. Em 1998, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, sendo o único africano a integrar a Academia.

A OBRA

Raiz de Orvalho (1983)
 Vozes Anoitecidas (1986)
 Cronicando (1988)
 Terra Sonâmbula (1992)
 A Varanda do Frangipani (1996)
 Contos do Nascer da Terra (1997)
 Mar Me Quer (1998)
 Vinte e Zinco (1999)
 Na Berma de Nenhuma Estrada (1999)
 Raiz de orvalho e outros poemas (1999)
 O Último Voo do Flamingo (2000)
 O Gato e o Escuro (2001)
 Um Rio Chamado Tempo, uma Casa Chamada Terra (2002)
 O País do Queixa Andar (2003)
 Estórias Abensonhadas (2003)
 O Fio das Missangas (2003)
 A Chuva Pasmada (2004)
 Pensatempos (2005)
 Cada Homem é uma Raça (2005)
 O Outro Pé da Sereia (2006)
 O Beijo da Palavrinha (2006)
 Idades, Cidades, Divindades (2007)
 Venenos de Deus, Remédios do Diabo (2008)
 Jerusalém (2009)
 E se Obama fosse Africano? E outras Interinvenções (2009)
 Tradutor de Chuvas (2010)

OS PRÉMIOS

1995 - Prémio Nacional de Ficção da Associação dos Escritores Moçambicanos
 1999 - Prémio Vergílio Ferreira, pelo conjunto da sua obra
 2001 - Prémio Mário António, pelo livro *O Último Voo do Flamingo*
 2007 - Prémio União Latina de Literaturas Românicas
 2007 - Prémio Passo Fundo Zaffari e Bourbon de Literatura, na Jornada Nacional de Literatura

MUSEU
CENTRO CIENTÍFICO E CULTURAL
DE MACAU

澳門科學文化中心
博物館

UMA FRONTEIRA PLURAL E GLOBAL

O director do Centro Científico e Cultural de Macau em Lisboa, Luís Filipe Barreto, defende a criação de centros de macaulogia e sinologia nos países lusófonos, como forma de criar uma visão portuguesa oficial sobre a RAEM e a China.

Uma nova geração de sinólogos está a caminho

Texto: Patrícia Lemos | Fotos: Paulo Cordeiro



Macau pertence à China, mas a região dourada do Sudeste Asiático não caiu no esquecimento em Lisboa. O trabalho que tem sido feito no Centro Científico e Cultural de Macau (CCCM) é prova disso e os resultados estão à vista e com repercussões internacionais: uma média de dez livros publicados por ano e o museu e biblioteca mais do que duplicaram as presenças desde 2006, altura em que Luís Filipe Barreto assumiu a direcção do centro. O historiador acredita que “o mundo lusófono precisa de ter um ou dois grandes centros de macaologia e sinologia”. “É importante que haja um ponto de vista português oficial sobre Macau e a China e isso deve ser feito conjuntamente, porque precisamos da articulação com o ponto de vista chinês.”

Criado nos passos da transferência da administração de Macau para a China, o CCCM tem cumprido a sua missão assente sobretudo na investigação das relações culturais Portugal-China e Europa-Ásia Oriental, bem como no estudo de Macau. A ideia é lançar sementes para uma futura geração de sinólogos portugueses. E foi isso mesmo que levou o director do CCCM, Luís Filipe Barreto, a Macau, em Maio, onde o centro organizou, em conjunto com o Instituto Politécnico de Macau (IPM), o I Encontro sobre a História da Tradução em Macau.

Antes de partir para a RAEM, Barreto explicou que este colóquio se justifica porque Macau é de facto “uma das capitais multilinguísticas da globalização desde o século XVI e XVII”. Ideia que ilustra com um exemplo: “Em 1580/1590

havia ensino regular de língua portuguesa, latim, chinês e japonês. Há publicações, manuscritos escritos em quase todas as línguas, como latim, português, espanhol, italiano, inglês, alemão, holandês...”

O director sublinha que Macau é mais do que um ponto de convergência de pessoas de várias culturas: “É também um espaço de desenvolvimento teórico de conhecimento”. A dimensão multilinguística demarca a região do todo da China e do resto da Ásia Oriental. Conforme explica, “Macau parece um micro-espaço, um ponto no mapa, mas a verdade é que é uma macro-rede, sendo a importância dos portugueses e da sua língua muito grande”.

Já no regresso a Lisboa, Barreto confessou que o encontro organizado com o IPM “foi um significativo contributo para o conhecimento e a afirmação da identidade linguística múltipla de Macau desde o século XVI até aos nossos dias”. Explicou ainda que ficou “agendado um segundo encontro, a decorrer em 2012 em Lisboa ou em Macau, destinado a aprofundar e alargar os resultados já alcançados”.

LAÇOS COM A FUNDAÇÃO MACAU

Na sua “breve passagem” por Macau, que durou cerca de duas semanas, “deu para sentir uma cidade cheia de vida, com uma crescente arquitectura contemporânea de alta qualidade e um turismo cada vez mais intenso, que concilia a visita ao Centro Histórico e ao Templo de A-Ma com hotéis/casinos”. O responsável notou mesmo que “a presença da restante China, da Ásia,

do Índico e de Singapura é cada vez maior”, considerando que essa não afectou a dimensão internacional ocidental da região. Muito pelo contrário. “Macau continua a ser uma fronteira plural e global”.

Durante a estadia, Barreto fez novos contactos, nomeadamente com a Fundação Macau. “Vamos celebrar brevemente um protocolo de cooperação que envolverá também outras instituições científicas e culturais de Macau”. Este acordo “visa reforçar o conhecimento científico acerca da RAEM, no passado e no presente, e a divulgação cultural internacional de Macau”. Conforme explica o responsável do CCCM, o centro é hoje por excelência um lugar de cooperação com a China e isso implica parcerias com a RAEM. Aliás, “o CCCM tem publicado imensas edições sobre Macau desde 2007, pelo que vemos com bons olhos o apoio de Macau”. Até porque “esta é a única instituição do género a fazer este trabalho ao nível académico e de divulgação”.

Em Março último, o centro lisboeta assinou um

protocolo com a Universidade de Macau para criar a Cátedra Luís de Camões de língua portuguesa. “É assim importante que haja um reforço cada vez maior das relações com instituições chinesas, como os museus, universidades e ainda com as comunidades de chineses ultramarinos no mundo inteiro, como nos casos de Peru ou do México.”

O CCCM tem ainda acordos com outras instituições nacionais e internacionais, como é o caso da Fundação Ricardo Espírito Santo ou do Centro Aleni. “Estamos ligados à Ásia, tendo muito boas relações com o Japão, Hong Kong, e estamos em contacto com investigadores de Taiwan e de Singapura”, adianta.

FAZER MUITO COM POUCO

A rede de contactos do CCCM é fundamental e “também passa bastante pelas embaixadas”, salienta Barreto. É de notar que “o grande parceiro do centro desde 2006 é a Embaixada da República Popular da China em Portugal”. São



realizadas muitas acções conjuntas, contando com a presença de ilustres, onde se inclui, por exemplo, o antigo vice-director do Gabinete para os Assuntos de Hong Kong e Macau, Chen Zuo'er. “Quando abandonou as funções em 2007, veio à Europa fazer dois discursos a esse propósito; um foi em Paris e o outro no CCCM, no dia 24 de Abril de 2007”, descreve com orgulho.

A nível internacional, a entidade alfacinha tem tido muito impacto no meio académico até pelo seu plano editorial, que contempla a edição de publicações em inglês e português, chinês, espanhol e latim, que vão dos manuais de ensino, académico e profissional, a estudos científicos, passando ainda por catálogos de exposições. O espírito de cooperação com outras entidades é abrangente. Esta instituição pública portuguesa, sob a alçada do Ministério do Ensino Superior da Ciência e Tecnologia de Portugal, tem uma rede de contactos que vai da Ásia à América do Sul. A promoção das publicações passa muito por esses parceiros, com a maior parte das edições

a ser vendida nos Estados Unidos, Japão, Ásia e na Europa.

A agenda do CCCM é muito preenchida, mas Barreto destaca a publicação dos livros de Isabel M. Pina acerca dos Jesuítas Chineses nos séculos XVI e XVII, das Obras de Tomás Pereira e a realização, prevista para Outubro, de um Colóquio Internacional Anual acerca de Fontes e Métodos para a História de Macau, altura em que “será lançado em inglês o estudo de Noel Golvers Os Livros Portugueses na Missão da China S. XVI a XVIII”.

Até ao final do ano e em co-edição com instituições de Macau serão ainda publicadas outras obras sobre Macau no passado e no presente.

“O CCCM tem assim procurado fazer muito com pouco”, porque o orçamento deste ano é inferior ao de 2005. Barreto também é de opinião de que “mais do que falar, é importante fazer”. E acrescenta: “É um pouco como dizia Deng Xiaoping: fazer muito, fazer bem, fazer com a máxima discrição”.



* O presidente do Centro Cultural e Científico de Macau, Luís Filipe Barreto, destaca a alta produção literária da instituição criada há mais de uma década

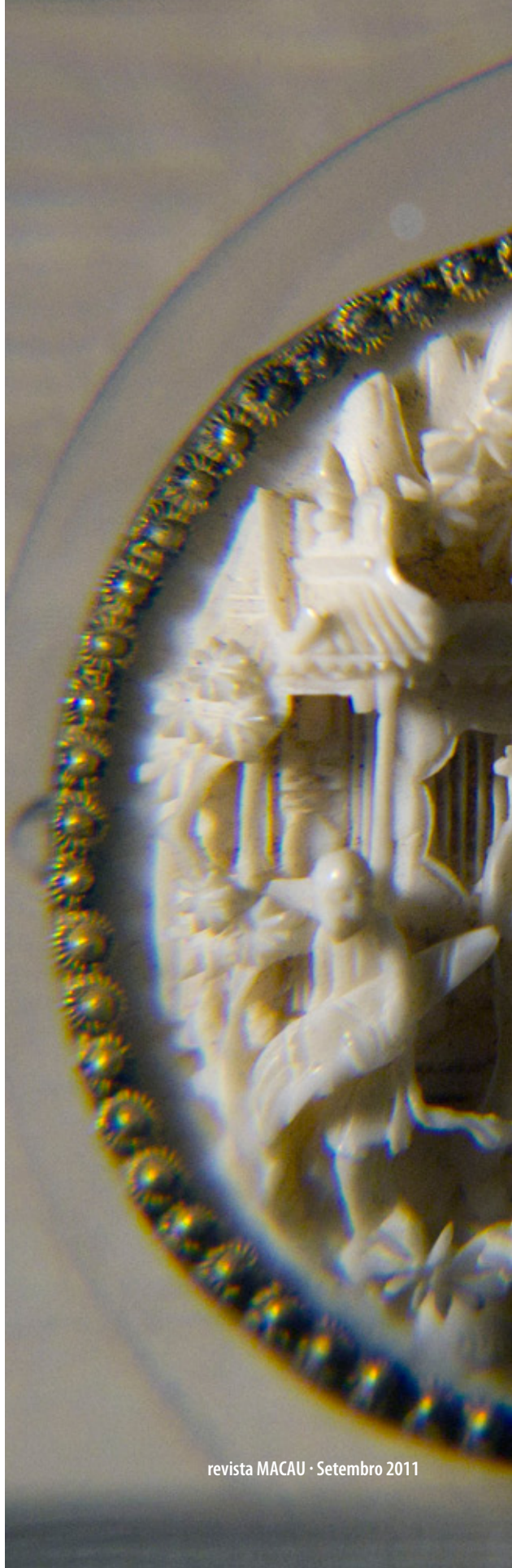
LIVROS E RELÍQUIAS EM VOGA

A biblioteca e o museu são a face mais visível do Centro Cultural e Científico de Macau (CCCM). Apesar da equipa desta instituição pública portuguesa contar com apenas 14 pessoas e de ter cada vez menos fundos ao seu dispor, a verdade é que é cada vez mais popular. E não é para menos: há mostras cruciais como a de jades que abre em breve e iniciativas que surgem das doações, como a do arquitecto Manuel Vicente e a do general Garcia Leandro.

Só no ano passado o museu recebeu cerca de 13 mil pessoas, assegurou o director do centro, Luís Filipe Barreto, adiantando que este espaço cultural “faz parte de um certo circuito turístico”. Mas são sobretudo pessoas com interesse académico que visitam o museu, “embora os portugueses que viveram em Macau e turistas da RAEM sejam mais do que bem-vindos”.

Rodeado de palácios, o edifício do CCCM alberga o museu que cobre o rés-do-chão e todo o primeiro andar da casa senhorial da Junqueira. Está apinhado de porcelanas, mobiliário, têxteis, pinturas, moedas antigas, peças de joalharia e outras relíquias. Até a Nau do Trato aparece ali representada num espectáculo multimédia com direito a hologramas.

Algumas das peças em mostra foram doadas, como as terracotas e algumas porcelanas, pelo macaense António Sapage, enquanto outras, como parte dos cachimbos de ópio e das moedas, cresceram com os trabalhos de investigação levados a cabo pelo museu. “Não conheço uma colecção de ópio mais completa do que esta, pois inclui tudo: cachimbos, fornilhos, lamparinas. Foi uma doação, tendo muitas outras peças sido adquiridas em Macau e na China”, garante Rui Abreu Dantas, da Divisão de Museologia, Investigação e Cooperação Científica do CCCM. Dantas sublinha ainda que a colecção de arte chinesa do museu é bastante abrangente, indo do neolítico aos séculos XIX e XX. São mais de 4000 peças em acervo. Uma das obras mais impressionantes é a arca-altar cristã. Mais parece





um objecto de culto chinês, com a seda a destacar-se como elemento decorativo. “Era levada nas embarcações para ser celebrada a missa nos domingos e dias santos”, explicou Dantas.

Além da exposição permanente, o museu é ainda brindado com mostras temporárias. Brevemente, “inaugura uma exposição de jades de um coleccionador português e que é uma das mais significativas e ricas existentes na Europa”, revela Barreto.

ESPÓLIOS DE ILUSTRES

Ainda que esteja localizada do outro lado da Rua da Junqueira, a biblioteca do CCCM é um dos núcleos mais importantes do centro, tendo também registado um aumento considerável de visitas. “Em 2002, eram 400 leitores e, no ano passado, tivemos 1800”, aponta o responsável. Este espaço atrai bastantes estudantes e investigadores. Inclusivamente, o CCCM oferece estágios. Na Primavera contaram com três italianos, mas “há gente do Brasil, México e Espanha a



fazer aqui pós-doutoramento”, salienta Barreto. A biblioteca está bem apetrechada e inclui várias doações. É o caso de parte do espólio documental e não só de Monsenhor Manuel Teixeira e dos materiais mais recentes de gente que se destacou em Macau pela sua obra, como Manuel Vicente e Ana Maria Amaro. Doado pelo grande arqui-



tecto de Macau ao CCCM, “o espólio Manuel Vicente está em fase de catalogação/inventariação de modo a gerar, em 2012, uma exposição e catálogo com planos, esboços, projectos, maquetas e fotografias”, assegura Barreto.

O director do centro espera receber também a documentação do general Garcia Leandro referente

ao período de Macau. Orgulha-se mesmo da confiança que este centro inspira: “Haverá cada vez mais material de pessoas com vivência de Macau que irão doar o seu legado ao centro, porque aqui têm a certeza que o seu património será preservado e investigado por profissionais de várias nacionalidades”. Aliás, essa é uma das missões do centro: “Preservar e investigar o património de Macau, sobretudo o que existe em Portugal, o património luso-chinês.”

Nas muitas prateleiras e arquivos da biblioteca encontram-se “largos milhares de volumes em várias colecções”. São livros adquiridos desde 1997, “até porque o CCCM tem uma percentagem considerável do seu orçamento para a actualização da biblioteca e esta faz-se, essencialmente, com estudos e fontes de universidades americanas e asiáticas”. A maioria das obras disponíveis está em línguas estrangeiras. “Existem ainda muitos fundos documentais de Macau em português do século XIX/XX, inclusivamente reproduções.”

UMA PORTA ASIÁTICA

Uma das maiores homenagens que Lisboa presta à RAEM é a exposição permanente dedicada a Macau no Museu do Oriente. É por essa porta asiática, aberta há quase cinco séculos por Portugal, que os visitantes do museu descobrem a Ásia de olhar luso. Mas há mais janelas neste museu com vista para o território

Texto: Patrícia Lemos | Fotos: Paulo Cordeiro

PORTUGUESA NA ÁSIA

TESTEMUNHOS. MEMÓRIAS. COLECCIONISMO

PORTUGUESE PRESENCE IN ASIA

HERITAGE. MEMORY. COLLECTIONS

São muitas as exposições temporárias que vão animar o Museu do Oriente (MO), em Lisboa, a partir de Setembro, com especial destaque para Macau. O território continua em agenda, com uma mostra de 20 fotografias a preto e branco datadas entre 1930 e 1970. Diz respeito às várias modalidades desportivas tradicionais, entre elas, o futebol, o ténis, o badmington e o hóquei em campo. As fotografias são representativas de “uma memória desportiva de Macau, que continua bem viva, ainda hoje, sobretudo no Grande Prémio de Macau, nos Jogos da Ásia Oriental, nos Jogos da Lusofonia e nos Jogos Asiáticos em recinto coberto”, lê-se numa nota divulgada. Disponíveis no Centro de Documentação do Museu, “as imagens fazem parte de uma colecção de fotografias sobre Macau, com cerca de 3000 exemplares, de 1874 até aos anos 90 do século XX”, revela o administrador da

Fundação Oriente (FO), João Calvão.

Já em Setembro, inaugura, na Galeria Sul do museu, uma grande mostra colectiva de jovens artistas chineses. “Olhem para Nós!” fica em exibição um mês inteiro, para ver pelos olhos desta nova geração as mudanças que operam na China, nas áreas da pintura, da escultura, da fotografia, do vídeo e das instalações. Adou, Ke Chen e Qiang Zheng são alguns dos artistas representados.

Até ao dia 18 está ainda patente a exposição “Japão, O Paraíso das Mascotes”, para quem tem curiosidade sobre as origens históricas e culturais da manga ou do anime e do lugar que ocupam na sociedade japonesa do nosso tempo. De 25 de Novembro até ao final do ano, o MO recebe “Tinta-da-china – Uma Exposição de Pintura Chinesa Contemporânea” que, depois de Lisboa, será exibida em várias cidades da Europa.

MACAU DE PALANQUIM

O Museu do Oriente tem apenas três anos de existência, mas é hoje paragem obrigatória de turistas e curiosos do Oriente. Além da roda-viva de actividades que vai animando aquele espaço cultural durante o ano, o público pode ainda desfrutar das colecções permanentes “Presença Portuguesa na Ásia” e “Deuses da Ásia”, ricas em objectos orientais diversificados no tempo, na temática e nos materiais, que surgem distribuídos pelos dois primeiros andares do museu. O festim dos sentidos começa logo no final do primeiro lance de escadas, com a luz da entrada a forrar os degraus como nuvens a caminho de outro universo. A promessa desse novo mundo revela-se na inscrição “Macau” na primeira parede que se vislumbra. E é assim que o museu nos convida a entrar na sua representação da Ásia. Quem conhece Macau mata logo a saudade na primeira sala, com a tentação das vistas da Praia Grande e os quadros de Chinnery, à direita, e as

peças de mobiliário chinês, à esquerda - algumas poderiam ter decorado as casas macaenses do século XIX que tão bem compõem o cenário idílico do Lilau.

Há um magnífico biombo de seis folhas que se abre com uma representação da cidade de Macau da segunda metade do século XVIII. Com madeira lacada, prata, ouro e papel, nesta peça seduz o apuro técnico do desenho e a harmonia de cores. Pede-nos que viremos a página para descobrir, por detrás, a cidade próxima - Cantão. Esta é uma das muitas peças adquiridas pela FO que, nesta zona ribeirinha de Lisboa, tem ajudado a desvendar Macau aos visitantes portugueses e estrangeiros.

É sem dúvida a tradição chinesa que marca a toada desta exposição sobre a RAEM, num aceso namoro com o Ocidente. Nestes muitos objectos, que cruzam inspirações tão distintas, é possível ver como os chineses ora dão notas do seu aprumo no detalhe oriental, ora se perdem no



jogo de sombras da arte sacra, sua então grande desconhecida. Uma das peças que melhor ilustra estas trocas culturais é o biombo de Coromandel, do século XVII/XVIII, representando episódios da vida de Cristo e cenas posteriores à sua Ressurreição. Aí se vêem muitos santos de estranha compleição. Dá nota do trabalho dos artistas chineses formados no seminário de pinturas ocidentais. As figuras são pintadas com alguma ingenuidade. Impõe reflexão esta abordagem distante de elementos tão familiares da religião cristã que ali convivem com dragões. Muitas das obras presentes pertenceram a ilustres portugueses. Como as vistas da Baía da Praia Grande pintadas no tampo de uma cómoda papleira com madeira de sissó, que fez parte do recheio do Palácio das Necessidades, ou o pano de armar, de 1879, bordado com caracteres chineses, que foi oferecido ao Visconde de Paço d'Arcos.

O casamento continua naqueles corredores

escuros do museu que mais parece uma sala de cinema feita labirinto onírico. O visitante vai criando o seu próprio filme de Macau e da China de outros séculos.

Os olhos postos em muitas porcelanas com brasões colam-se depois à mescla das pinturas da China Trade, para em frente imaginarmos a presença das senhoras daquela sociedade a abanarem leques parecidos com os que D. Catarina, mulher de D. João II, terá seduzido as cortes europeias.

Não são só os portugueses e chineses que aparecem representados, os holandeses que não conseguiram conquistar Macau no século XVII terão esculpido na pedra o seu retrato, imortalizando a “Figura de Ocidental”, que ali irrompe no breu sob um foco de luz.

De todos os objectos emana uma história. Foram vividos na primeira pessoa e há marcas disso mesmo em cada um. O palanquim do século XIX parece arrancado das cartas da





ESTATUA DE UM DEUS

Material: pedra calcária. Século IV d.C.
 Museu do Oriente, 1.ª planta, sala 1.01
 Acção: 106 (Museu do Oriente)

Esta estatueta representa um deus, provavelmente um deus da fertilidade, com uma expressão serena e uma postura elegante. O deus é representado com uma barba e um cabelo curto, e veste uma túnica longa e ampla, decorada com uma faixa horizontal no peito e uma faixa vertical no abdómen. A estatueta é feita de pedra calcária e tem uma altura de 106 cm.

De acordo com a tradição, esta estatueta foi encontrada no Museu do Oriente, em 1972, durante a escavação de uma das salas do Museu. A estatueta é considerada uma das obras-primas da arte do Oriente e é uma das peças mais importantes do acervo do Museu.

primeira americana que viveu em Macau - Harriet Low. Se o sonho se materializasse, vinha do canto da sala passear-se na vista do Porto Interior, cujas arcadas têm hoje tantos vestígios da cultura portuguesa. E entramos nesse palanquim imaginado para a ala dedicada à China, atraídos pelas pinturas, que podiam muito bem ter inspirado o poeta Camilo Pessanha, e muitas porcelanas, rolos, trajes chineses, terracotas e objectos tão antigos como frascos de rapé, da colecção do presidente da república Manuel Teixeira Gomes, porque o tabaco moído chegou à China pela mão dos portugueses. Entra como medicamento em meados do século XVI para as dores de cabeça e até para curar maleitas das vias respiratórias, acabando pouco tempo depois como marca de estatuto social em Pequim.

AS MADEIRAS DE TIMOR

Uma das secções mais impressionantes desta exposição permanente é dedicada a Timor. Com esculturas em madeira meio místicas e disformes, que contrastam com o perfeccionismo de vizinhos asiáticos, como o Japão e a China, estas peças mais parecem brinquedos gigantes. Dão conta da importância que o movimento tem naquela cultura antiga.

A directora do museu, Manuela d'Oliveira Martins, conta como foram adquiridas essas relíquias - uma história que é, no mínimo, curiosa. "Fomos avisados que havia uma série de peças relacionadas com Timor prestes a entrar num contentor em Jacarta e iriam ser enviadas para os Estados Unidos." Era um pedido de ajuda sentido para salvar as obras, não havendo tempo a perder. Um perito foi destacado para avaliar os trabalhos e, em poucos dias, receberam o relatório favorável, prosseguindo depois à aquisição das peças.

"DEUSES" NO ANDAR DE CIMA

No segundo andar do Museu do Oriente, encontramos uma série de objectos e o seu apelo místico é tal que esta mostra permanente foi intitulada "Deuses da Ásia". Porém, conforme explica Calvão, este piso vai ser todo alterado no próximo ano, "porque são peças muito frágeis, de papel, de tecido e madeiras que têm de ser periodicamente substituídas". Fazem parte de uma colecção que começou a ser constituída em Hong Kong por Kwok On, transitou para França

e "foi doada à fundação com o objectivo de a manter bem preservada, sempre em exibição e aumentada, através de aquisições feitas em missões dos colectores a países da Ásia."

"Deuses da Ásia" inclui uma temática ligada às religiões populares "que o Ocidente conhece mal". No próximo ano, vão estar em mostra cerca de 200 cartazes de propaganda chinesa, que pertencem a essa colecção. Desses pôsteres destacam-se temáticas variadas ligadas à agricultura, às festividades chinesas, entre outras.

* Manuela d'Oliveira Martins, directora do Museu do Oriente, conta como conseguiu resgatar uma série de relíquias de Timor



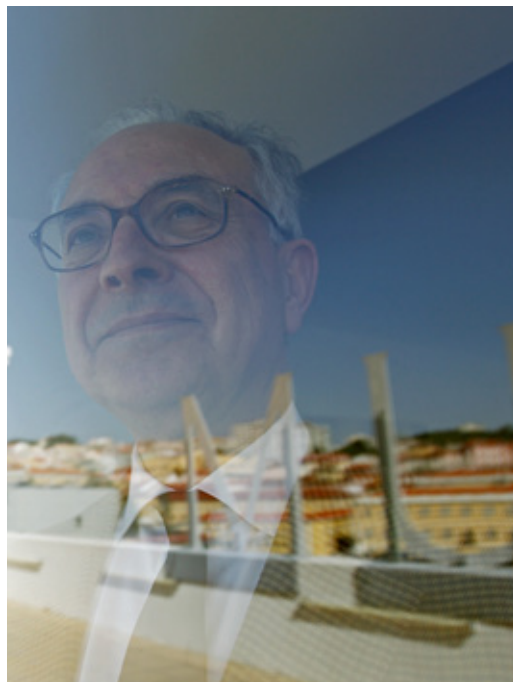
DO PESCADO À ARTE ASIÁTICA

É o Edifício Pedro Álvares Cabral, em Alcântara, que alberga todas as relíquias que a Fundação Oriente (FO) andou a coleccionar durante 20 anos. Foi um sonho ali criar o seu quartel-general, mas não foi fácil. Afinal, aquele grande e degradado armazém de pescado iria ser renovado num grande museu europeu. “Na adaptação do edifício tivemos dois problemas graves: pés-direitos muito baixos e centenas de pilares. Para além de termos aplicado, nas partes mais baixas, tectos tensionados, reflectores, para dar uma sensação de maior altura, cortámos alguns pilares e englobámos outros nas vitrinas. Tudo isso teria de ser acompanhado por uma cor escura para, com a adequada iluminação, realçar as peças. Mas este é um espaço dinâmico que estamos sempre a tentar melhorar”, descreve o administrador da FO, João Calvão.

Enquanto os arquitectos João Luís Carrilho da Graça e Rui Francisco adaptaram o edifício para acolher o museu, Gonçalo Ribeiro Telles cuidou do seu enquadramento paisagístico. Aí foi criado um jardim de inspiração oriental, com pequenos lagos artificiais que lembram os pântanos junto às Casas-Museu da Ilha da Taipa. As águas turvas são animadas por uma flora diversificada com o amarelo dos lírios em claro destaque. Concorrem sem êxito as magnólias, as murtas, as casuarinas, entre outras plantas, que não deixam por isso de dar magia àquele cenário bucólico.

Há degraus que conduzem ao interior do pequeno jardim, ali criado para barrar o ruído da Avenida 24 de Julho e dos comboios. É uma espécie de encosta que poderia representar também algumas colinas de Lisboa, com dois degraus a dar para o empedrado escuro que emoldura a entrada do museu.

O edifício rectangular é gigantesco e quase compete com o Centro Cultural de Belém, apesar de Calvão avisar que a FO “não tem qualquer financiamento do Estado”. Mas essa falta de apoio, não obsta à criatividade da equipa do museu que trabalha arduamente nos muitos núcleos do museu, por forma a torná-lo rentável.



* João Calvão, administrador da Fundação Oriente, conta que a criação do Museu foi um sonho

Além do serviço educativo, que funciona como “um dos grandes motores deste museu”, salienta Calvão, o edifício Pedro Álvares Cabral ainda alberga o Centro de Documentação António Alçada Baptista. Aí se encontram muitos espaços de leitura e um tradutor a trabalhar, ladeado por muitas estantes com livros. O edifício inclui ainda um auditório com mais 360 lugares para espectáculos, brindado pela voz de Teresa Salgueiro ou pelo piano de António Pinho Vargas. Este espaço serve ainda para visionamento de filmes e ainda é sala de conferências e congressos de pequena e média dimensão. A complementar o auditório está o Salão Macau servido de um grande terraço. É ideal para encontros, seminários e reuniões científicas. “O Museu tem de funcionar de uma forma muito completa”, daí que se vejam com bons olhos as iniciativas de empresas, seja a apresentação de um produto ou uma conferência.



SONS DA VELHA GUARDA

Os Ar de Rock, um colectivo de músicos que dá uma nova roupagem a sucessos dos velhos tempos, vão pisar as areias da praia de Hac Sá em Outubro, no âmbito do Festival Internacional de Música de Macau. O território será o primeiro a ouvir as canções que constam do disco de estreia de um grupo versátil

Texto: Patrícia Lemos | Fotos: Paulo Cordeiro





Macau pode vir a ser o primeiro palco dos Ar de Rock após o lançamento do disco de estreia com versões da banda. Quem o diz é Fernando Cunha, o mentor deste projecto musical que fará desfilar no XXV Festival Internacional de Música de Macau as novas roupagens dos temas dos Heróis do Mar, Delfins, GNR ou LX 90. Estas são apenas algumas das bandas a figurar no alinhamento deste álbum que roda em Macau, logo depois de Rua da Saudade e António Zambujo Quintet aquecerem as hostes na praia de Hac Sá, no dia 29 de Outubro. “Chegamos no dia 26 de Outubro e regressamos a Portugal no dia 30”, frisa Fernando Cunha.

Ou talvez não, sugere depois mantendo o nível de entusiasmo: “Eu até gostava de ficar mais uma semana para visitar o Vietname ou a Tailândia”. Cunha não espera cruzar-se com a mesma Macau que conheceu há mais de 16 anos, quando lá tocou com os Delfins. “Aquilo deve estar irreconhecível”. Mas faz questão de cumprimentar alguns velhos amigos. É o caso de José Chan, que recorda como “o Jimi Hendrix à guitarra”: “Foi o meu primeiro professor de guitarra”. Inclusivamente foi este músico de Macau que o apresentou, ainda nos anos 80, ao Rui Fadigas, o tímido baixista que alinharia por muitos anos nos Delfins. “Eles tocavam juntos na Killers Band.”

Para Cunha, Macau só pode ser um sítio bom para viver. “Há quem vá lá de férias e já não volte. Até o Chan, que veio para Portugal há uns anos, acabou por regressar a Macau.” Além de rever o amigo, Fernando Cunha promete

matar saudades dos restaurantes de Macau. “Comia-se tão bem por lá!” É que, em Portugal, “a comida chinesa não sabe à mesma coisa”.

O ex-delfim lembra-se até do primeiro jantar em Macau. Foi num restaurante de aspecto duvidoso. “Disseram-nos logo que ali ninguém falava inglês ou português. As mesas eram compridas e veio logo um papel higiénico para cada ponta.” Os encontros de terceiro grau não se ficaram por ali. “Antes de vir a comida, distribuíram umas tigelas com um bule de chá e a nossa cantora, a Dora Fidalgo, serviu-se da bebida. O que nós não sabíamos é que aquilo era para lavar as chávenas.” O melhor ficou para o fim porque “a comida era mesmo de chorar por mais”. E assegura: “Comi bem em Macau todos os dias, mas aquela noite foi especial”.

Essas são apenas algumas das situações caricatas que Fernando Cunha destaca dessa estreia no Oriente. Houve mais aventuras, como aquela em que José Cid saltou para a bateria dos Delfins num coreto onde actuavam. Das duas uma, ou Fernando Cunha tem memória de elefante ou Macau deixou marcas indeléveis no dono dos acordes de *Ao Passar Um Navio* e *Nasce Selvagem*.

VIAGENS AO PASSADO ROCK

Fernando Cunha gosta de contar histórias mas há uma em que se recusa a falar: a sua saída dos Delfins. Não parece um problema ultrapassado, mas também não pôs a guitarra de lado nem fechou o estúdio Underground por causa disso. Depois de ter reinventado o Lotus Bar dos Delfins e abrir aí o Rock N’ Shots 80’s Club, hoje paragem obrigatória da noite lisboeta para músicos, entregou-se a sessões de nostalgia com os músicos do seu tempo. Foi nesse ambiente de revivalismo que nasceu os Ar de Rock. O palco pequeno desse clube de Cascais serviu de “balão de ensaio” para o projecto, como diz o próprio músico. “Juntávamo-nos numa festa anual, em Outubro, na brincadeira. Eram uma espécie de *jam sessions*.” Lá estavam músicos da cena musical portuguesa, como Flak, Nuno Barroso, Tim ou mesmo o Zé Pedro, dos Xutos & Pontapés, entre tantos outros. Aí tocavam músicas uns dos outros, *hits* de tempos áureos,

que rapidamente se fizeram ouvir fora daquelas quatro paredes. Daí até à Baía de Cascais foi um salto. “Muita gente que ia assistir a essas sessões pediu-nos para levar mais a sério este projecto de celebração da música portuguesa.” O concerto de estreia foi um sucesso e teve direito a convidados especiais - Olavo Bilac, Flak, Zé Manel, Miguel Gameiro e Tim.

A Macau não vai a trupe de amigos que se estreou na Baía de Cascais, nem muitos dos convidados dos Ar de Rock do concerto de beneficência no Campo Pequeno, em Fevereiro, que pôs 19 músicos em palco. “Mas seremos muitos”, assegura.

O repertório dos Ar de Rock é variado mas há critério nas roupagens. “Algumas canções têm malhas temáticas inspiradas nos originais, enquanto para outras só mantivemos a melodia e assim.” De António Variações aos Xutos & Pontapés, passando pelos Táxi e por Rui Veloso, os Ar de Rock não se ficam pela pop e pelo rock dos anos 80 e 90, pois incluem até uma música dos Madredeus que, por sinal, mereceu toques bem arrojados.

Na base de selecção dos temas, deram a oportunidade aos cantores de escolherem as faixas que lhes diziam mais. “Depois, tivemos o cuidado de percorrer os principais autores e ainda as nossas autorias, algumas das quais passaram um pouco despercebidas no passado.” Ou seja, não serão apenas êxitos. “Fez-se isso com os Resistência e funcionou lindamente.” Veja-se o caso de *Não Sou o Único*, de Xutos & Pontapés, que ganhou mais fama com os Resistência, já que era um lado B do *Círculo de Feras*.

Quem também levou Olavo Bilac à fama foi essa banda de som acústico que deu que falar nos anos 90. O vocalista dos Santos & Pecadores é um dos convidados que os Ar de Rock levam ao FIMM, bem como Rui Pregal da Cunha, com data de nascimento em Macau. “Está radiante com esta viagem.”

Ao todo serão 12 músicos a apresentar no dia 29 de Outubro, em Hac Sá, o disco que chega aos estantes de Portugal semanas antes da viagem a Macau. E assim a RAEM vai ser palco do espectáculo de lançamento dos Ar de Rock.



AR DE ROCK EM MACAU

Guitarra, Voz e Direcção Musical - Fernando Cunha (Delfins)
Bateria - Emanuel Ramalho (Rádio Macau, Delfins,
João Pedro Pais)
Teclados - Emanuel Andrade (Ravel, Pólo Norte,
Sérgio Godinho), João Gomes (LX 90, Ovelha Negra)
Baixo - Miguel Magic (Pólo Norte)
Vozes - Diogo Campos (Legal Evidence),
Maria Leon (Ravel), Lara Afonso, Paulo Costa (Ritual Tejo)
Guitarra Eléctrica - Luiz Arantes (João Pedro Pais)
Convidados - Rui Pregal da Cunha (Heróis do Mar) e
Olavo Bilac (Santos & Pecadores)

7. 10 - 5. 11 - 2011

FIMM

第 XXV
25TH

FESTIVAL 二十 五
MACAO

INTERNACIONAL
INTERNATIONAL

DE 澳門
MUSIC

國際 MÚSICA
FESTIVAL

DE 音樂

114

revista MACAU - Setembro 2011

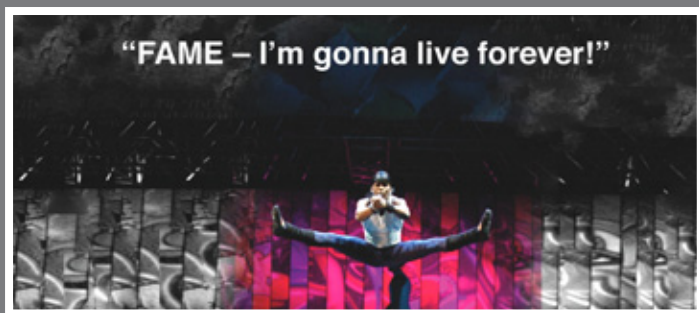
節 MACAU

BODAS DE PRATA COM ROCK NA PRAIA

Hac Sá vai ser cenário para alguns dos 34 espectáculos do Festival Internacional de Música de Macau (FIMM) deste ano. O festival celebra Bodas de Prata com muita música clássica e uma noite de fado e rock & roll, em chinês e em português

Vinte programas e 34 espectáculos, da ópera ao fado, são as propostas do Festival Internacional de Música de Macau (FIMM) para este ano. Um cartaz gordo que inclui o português Tim e o chinês Cui Jian num concerto à beira-mar e que resulta de um investimento de 34 milhões de patacas, para assinalar uma edição “especial”, já que o FIMM comemora este ano as Bodas de Prata.

Este ano há duas novidades – a inclusão da Casa do Mandarim e da Praia de Hac Sá no roteiro, para fazer valer o lema “Descubra a Beleza; Alimente a Alma, deixando-se levar por Macau e pela música para tornar o mundo mais humano e mais belo”. O evento arranca no dia 7 de Outubro e prolonga-se até 5 de Novembro.



FAME – O MUSICAL

EUA

De 7 a 9 de Outubro

Centro Cultural de Macau

Passado nos últimos anos de existência da célebre High School of Performing Arts de Nova Iorque na 46th Street (1980-1984), *Fame – O Musical* conta a história agri-doce, mas no fundo inspiradora, de um grupo de estudantes variado que se entrega durante quatro anos a um duro trabalho artístico e académico. Com candura, humor e visão, o espectáculo explora os problemas que confrontam muitos dos jovens de hoje: preconceito, identidade, mérito, literacia, sexualidade e perseverança.



ACADEMIA DE MÚSICA ANTIGA BERLIM

Alemanha

9 de Outubro

Igreja de S. Domingos

A *Akademie für Alte Musik (Akamus)*, fundada em 1982, é reconhecida como uma das principais orquestras de câmara do mundo. Além da sua regular temporada de concertos em Berlim, que realiza desde 1984 no Konzerthaus am Gendarmenmarkt, tem sido convidada regularmente a actuar na Staatsoper Unter den Linden em Berlim e no Innsbrucker Festwochen für Alte Musik na Áustria.

SOL NASCENTE – O MUSICAL

Hong Kong/Macau
De 9 a 15 de Outubro
Casa do Mandarin

O musical *Sol Nascente* retrata Sun Yat-sen desde a sua juventude rebelde até ao momento crucial em que os botões do pensamento revolucionário começaram a desabrochar em si. O musical estreou em 2008 em Hong Kong com grande êxito e foi reposto no ano passado, obtendo uma resposta ainda mais entusiástica do público.

DONDE TEN- GO EL AMOR: O SAGRADO E O PROFANO DAS TRADIÇÕES MEDITERRÂNICAS

Ensemble Vocal Introitus e
Sete Lágrimas
Portugal
13 de Outubro
Centro Cultural de Macau

O *ensemble* pretende percorrer repertório desde o Canto Gregoriano até ao séc. XXI, com especial ênfase na música dos séc. XII a XVI e nos autores portugueses. *Sete Lágrimas* é um dos mais inovadores consorts europeus, especializados em música antiga e contemporânea, que procura, a cada programa, o diálogo entre a ancestralidade e a contemporaneidade e explora a tênue fronteira entre a música erudita e as tradições seculares.



ORQUESTRA FILARMÓNICA DE VIENA

Áustria
10 de Outubro
Centro Cultural de Macau

No decurso dos seus mais de 160 anos de história, a orquestra tem sido parte integrante de uma era musical, a qual, devido à abundância de compositores e intérpretes de talento único, deve certamente ser considerada ímpar. Desde a sua fundação por Otto Nicolai em 1842, a orquestra exerceu um fascínio sobre compositores e directores com base não apenas num estilo musical homogéneo, cuidadosamente legado de uma geração para a seguinte, mas também na sua estrutura e história únicas.

ACIS E GALATEA (HWV 49)

Ópera Barroca em Dois Actos
de Georg Friedrich Händel
Alemanha/China
De 14 a 16 de Outubro
Teatro Dom Pedro V

Acis e Galatea (1718) foi uma das obras mais populares de Händel, reposta oito vezes e representada pelo menos em 70 ocasiões até meados do séc. XVIII. Foi também uma das poucas obras de grande escala a permanecer popular após a sua morte: Mozart reorquestrou-a em 1788, Mendelssohn levou-a à cena em 1828, e Meyerbeer planeou até uma representação encenada da mesma em 1857.



* Stefano Vzioli

CONCERTO COMEMO- RATIVO DA REVOLUÇÃO XINHAI

**Orquestra Chinesa de
Macau
15 de Outubro
Centro Cultural de Macau**

Em comemoração do centenário da Revolução Xinhai, a Orquestra Chinesa de Macau encomendou especialmente a quatro compositores chineses eminentes de música tradicional quatro novas peças musicais, as quais terão a sua estreia mundial neste concerto.

A
COMBINAÇÃO
PERFEITA
CONCERTO
COMEMORATIVO DO
P. MATTEO RICCI
**Orquestra de Macau
16 de Outubro
Centro Cultural de Macau**

Considerado o “Pai da Missão na China”, o padre jesuíta Matteo Ricci foi a primeira pessoa a promover a expansão do conhecimento ocidental no Oriente. A Suite Sinfónica para Coro e Orquestra *A Combinação Perfeita*, da autoria do compositor Liu Cong e letra do académico Ruan Zhenming, evoca as experiências vividas por Matteo Ricci no decorrer de 28 anos de trabalho missionário na China.



PEQUENOS CANTORES DE TÓQUIO

**Japão
18 de Outubro
Igreja de São Domingos**

Os *Pequenos Cantores de Tóquio* possuem uma longa história de formação árdua e séria, que remonta a 1951. Desde o ano da sua fundação, actuaram em mais de 20 países e regiões em continentes como a Ásia, Europa, Américas e Oceânia. Nesta sua primeira actuação em Macau, no ano que marca o 60.º aniversário da fundação do Coro, as vozes frescas irão interpretar uma coleção de peças famosas de música sacra.

RECITAL DE
VIOLINO POR
ITZHAK PERLMAN
**Israel
20 de Outubro
Centro Cultural de Macau**

Itzhak Perlman desfruta de um estatuto de super-estrela raramente conferido a um músico clássico e colaborou com as mais importantes orquestras do mundo, exibindo o seu talento em festivais de música, recitais e concertos nos seis continentes. O homem que toca sentado nunca cessou de colocar o público – e na verdade, o mundo – a seus pés em apreciação dos seus dons.



* Itzhak Perlman

UMA CELEBRAÇÃO DE TITÃS: GUS- TAV MAHLER E FRANZ LISZT

Orquestra de Macau
22 de Outubro
Centro Cultural de Macau

Um exemplo notável do estilo romântico e elegante de Gustav Mahler, *Kindertotenlieder* é um ciclo de comoventes canções para voz e orquestra que transporta os ouvintes a um mundo sombrio, de mágoa, melancolia e deslumbramento profundos. A Sinfonia Fausto, composta pelo génio musical que foi Franz Liszt, é uma das obras mais importantes do compositor.



QUARTETO DE CORDAS JULLIARD

Estados Unidos
23 de Outubro
Centro Cultural de Macau

O *Juilliard String Quartet* é famoso pelas actuações caracterizadas pela claridade de estrutura, beleza de som, pureza de linha e uma extraordinária unanimidade de propósito. Célebre pelas suas interpretações de obras de compositores tão diversos como Beethoven, Schubert, Bartók e Elliot Carter, o Quarteto tem mais de 100 discos editados, sendo considerado um dos agrupamentos mais gravados do nosso tempo.



FESTIVAL STRINGS LUCERNE

Suíça
25 de Outubro
Centro Cultural de Macau

Festival Strings Lucerne empenha-se num diálogo criativo entre a música antiga e a música nova. Durante os mais de 50 anos da história, mais de 100 obras de compositores importantes como Frank Martin, Bohuslav Martin, Sándor Veress, Iannis Xenakis, Krzysztof Penderecki, Herbert Willi, Milko Kelemen, Peter Ruzicka e Beat Furrer foram estreadas.

CORO DO TEATRO NACIONAL DE ÓPERA E BALLET

Lituânia
26 de Outubro
Igreja de São Domingos

Fundado em 1920, o Coro do Teatro Nacional de Ópera e Ballet da Lituânia tornou-se o primeiro coro profissional do seu país sob a direcção de Julius Štarka. No ambiente evocativo da Igreja de S. Domingos, obras corais lituanas são combinadas com obras-primas para coro do compositor italiano de ópera Giacomo Puccini e do génio russo do final do Período Romântico Sergei Rachmaninoff.



DIRTY DOZEN BRASS BAND

Estados Unidos

28 de Outubro

Centro Cultural de Macau

A *Dirty Dozen Brass Band*, com três décadas de história, é uma máquina de fazer música, cujo nome é sinónimo de brincadeiras de cruzamento de géneros e actuações de octavas elevadas. Este agrupamento revitalizou a banda de metais em Nova Orleães e em todo o mundo, progredindo de festas locais, clubes, jogos de baseball e festivais no início a digressões quase constantes nos EUA e mais de 30 outros países nos cinco continentes.

RECITAL DE MÚSICA TRADICIONAL CHINESA

China

30 de Outubro

Casa do Mandarin

Li Xianting, ao dedilhar as cordas do guqin, evoca de forma intensa um cenário sublime de “montanhas escarpadas e regatos límpidos”. Na pipa, Zhao Cong alterna com êxito entre os repertórios clássico e moderno. Para fechar o trio, Chen Yue, designada a “Poetisa da Música” contemporânea, com um toque delicado no dizi.

CONCERTO DE ROCK NA PRAIA

CUI JIAN/ JUN KUNG

(China / Macau)

1 de Novembro

Praia de Hac Sá

Cui Jian, o “pai do rock chinês”, vai cantar em palco muitos dos seus temas clássicos incluindo *Nada no Meu Nome*, *Começar Tudo de Novo* e *Uma Peça de Tecido Vermelho*. Junta-se a Cui, Jun Kung, exibindo os seus soberbos dons de compositor, baterista e cantor. Estes dois ícones do rock chinês serão acompanhados de uma banda de rock com seis elementos que inclui músicos de topo de Hong Kong.

QUINTETO AN- TÓNIO ZAM- BUJO, RUA DA SAUDADE E AR DE ROCK

Portugal

29 de Outubro

Praia de Hac Sá

Três grupos portugueses, três estilos completamente diferentes. Os tons melosos e interpretação sensível de *António Zambujo* projectaram-no para a vanguarda dos cantores de fado modernos nos círculos internacionais e certificaram o seu estatuto de voz única no panorama musical do fado em Lisboa. Já o *Rua da Saudade* reúne quatro das mais famosas cantoras portuguesas: Susana Félix, Viviane, Luanda Cozetti e Mafalda Arnauth, a interpretar sucessos de Ary dos Santos.



* *Rua da Saudade*



QUARTETO FAURÉ

Alemanha

3 de Novembro

Centro Cultural de Macau

O Quarteto Fauré foi fundado em 1995, escolhendo o nome de Gabriel Fauré como seu homónimo, em honra das muito apreciadas obras do compositor francês para quarteto de piano. O agrupamento actuou nos mais importantes palcos internacionais e é também convidado regularmente para actuar em festivais famosos em todo o mundo.



DER FREISCHÜTZ (O FRANCO-ATIRADOR)

ÓPERA EM TRÊS ACTOS DE CARL MARIA VON WEBER

Macau/ Lituânia

De 2, 4 e 5 de Novembro

Centro Cultural de Macau

A história de um coureiro florestal que faz um pacto com o lado negro para ganhar um concurso de tiro e a mão da sua amada, Der Freischütz foi inovadora com a sua mistura potente de elementos sobrenaturais, sonhos, melodias populares, evocações da natureza e pintura de tons sinfónicos.



SIN SAGRE, COMPANHIA TEATROOCINEMA

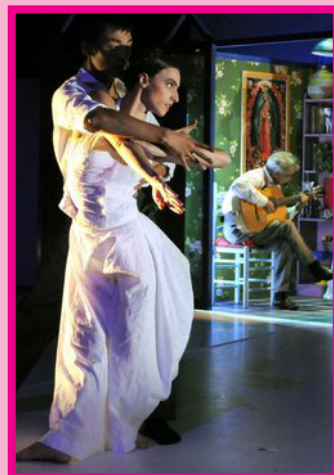
Do Chile, chega a história de uma mulher que quando era criança testemunhou e sobreviveu à chacina da sua família. Passados 50 anos, a mulher é confrontada com a oportunidade de matar um dos assassinos e nesse momento nasce a dúvida. Por um lado, o desejo de vingança e, do outro, o sentimento de inesperada compaixão. Esta peça inaugura uma nova forma de fazer teatro do grupo chileno que incorpora em palco alguns elementos cinematográficos. A Companhia Teatrocinema é um colectivo fundado em 1987 com o objectivo de lutar contra a decadência cultural que o Chile viveu durante os anos da ditadura militar.

**17 e 18 de Setembro,
Pequeno Auditório,
Centro Cultural de Macau**

CASA AZUL, COMPANHIA DE DANÇA DONLON

A este bailado chamou-se Casa Azul mas podia ter-se chamado simplesmente Frida Kahlo. Porque em palco a coreógrafa Marguerite Donlon propõe uma visita à vida e à obra da pintora mexicana, falecida em 1954. Em palco vão estar três bailarinas que dão vida à multiplicidade de uma personalidade conflituosa e extravagante, como foi Frida. Héctor Zamora interpreta o papel do pintor e activista político Diego Rivera, o marido da artista. O cantor e guitarrista mexicano é ainda o responsável pelas músicas tradicionais que dão vida a este bailado. A Casa Azul foi para Frida Kahlo o refúgio e é, ainda hoje, a imagem do mundo interior da pintora, agora em forma de Museu.

**21 de Setembro, Grande Auditório,
Centro Cultural de Macau**



EXPOSIÇÕES

WORLD PRESS PHOTO 2011

O retrato de uma mulher afegã, cujo rosto foi desfigurado como retaliação depois de ter fugido de casa do seu marido, um soldado talibã que a maltratava. Esta foi a imagem, do fotógrafo sul-africano Jodi Beiber premiada este ano como a melhor fotografia no concurso internacional World Press Photo 2011. A mostra das melhores fotografias do ano, em várias categorias, chega agora a Macau. São imagens que emocionam e chocam pondo “a nu” a realidade actual. Não se trata de uma exposição de qualidades estéticas mas antes de fotojornalismo.

Casa Garden, Macau
Até 9 de Outubro



BRINQUEDOS E JOGOS DA ÁSIA

Sabia que é atribuída a Gautama Buda (século VI ou V a.C.) a primeira lista escrita de jogos e brinquedos asiáticos? Esta é uma das curiosidades reveladas nesta exposição de brinquedos e jogos da Ásia, constituída por um total de 385 peças pertencentes ao acervo do Museu do Oriente e também a colecionadores particulares. Entre os jogos aqui expostos há muitos de origem asiática, como o xadrez e o ludo inventados na Índia, ou o diábolo e o mikado que nasceram na China. Mas muitos outros chegaram a este lado do mundo por influência dos europeus. É o caso do jogo do talú, que os portugueses introduziram em Malaca e em Macau.

Galeria Nascente, Museu do Oriente, Lisboa
Até 9 de Outubro



OLHEM PARA NÓS! A NOVA GERAÇÃO DE JOVENS ARTISTAS CHINESES

Trata-se de um conjunto de obras de jovens artistas da China, das áreas da pintura a óleo, da escultura, da fotografia, do vídeo e das instalações. A China está em mudança acelerada e a arte destes jovens reflecte esse desenvolvimento, sendo um testemunho de como a nova geração lidou com todas as rápidas transformações sociais. Os artistas representados nesta exposição incluem nomes como Adou, Ke Chen, Lei Huang, Zhengyuan Lu, Qi Qin, Kang Shao, Yuanyuan Song, Xinwei Xiong, Xinguang Yang, Jingli Zhang e Qiang Zheng. Esta exposição é realizada com o apoio da Associação Internacional de Cultura Chinesa.

Galeria Sul, Museu do Oriente, Lisboa
Até 30 de Outubro

EXPOSIÇÃO DE CERÂMICA CONTEMPORÂNEA DE MACAU

Esta exposição apresenta 25 trabalhos que utilizam a cerâmica como material principal ao qual se juntam o desenho, a escultura, a pintura e a instalação. Os temas destes trabalhos passam pela natureza, as alterações ambientais, a percepção de fenómenos sociais e a existência humana. Os trabalhos são da autoria de dez educadores de arte e amadores ceramistas locais, entre eles Sio Chong Ho, Aser But, Josefina Maria Bañares e Sou Leng Fong. O curador da exposição, Weng Chiao, lembra que Macau “foi em tempos, o ponto de encontro da cultura e comércio chinês e ocidental. Foi a partir do território que muitas cerâmicas chinesas foram exportadas para todo o mundo”.

Museu de Arte de Macau
Até 11 de Novembro



CICLO NATURAL DA VIDA

Esta é uma mostra dos mais recentes trabalhos de cerâmica de Vong Chi Kao. Natureza e reciclagem foram os temas escolhidos. Vong Chi Kao formou-se na Escola Superior de Artes do Instituto Politécnico de Macau, onde teve, pela primeira vez, contacto com a cerâmica. O artista começou por trabalhar numa agência publicitária e desenvolveu também a vertente de banda desenhada e álbuns de desenho. O trabalho de Vong Chi Kao está patente na galeria Art Base 1 da Associação do Criativo Penha, um espaço que tem como objectivo o desenvolvimento e a promoção dos trabalhos criativos dos artistas locais.

Art Base 1 da Associação do Criativo Penha, Macau
Até 30 de Setembro

EXPOSIÇÕES

PAVILHÃO DA CRIATIVIDADE

Made in Macau podia ser também o nome deste pavilhão, porque aqui só há produtos feitos em Macau por artistas do território. São 17 os designers e marcas que estão representados no espaço com produtos que vão desde livros, roupa, música até acessórios de moda. Esta é uma iniciativa do Instituto Cultural para promover o que de melhor se faz no território na área das indústrias criativas. A ideia de criar o pavilhão surgiu após a participação dos artistas locais em várias feiras promocionais, sobretudo na China.

Centro de Actividades Turísticas e Culturais de Macau
Até 30 de Setembro



REMINISCÊNCIAS – EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA DA TAIPÁ ESPLÊNDIDA

Como era a Taipa há 100 anos? As imagens mostram-nos uma ilha onde só se podia chegar por barco. A primeira ligação rodoviária surge apenas em 1974 com a construção da Ponte Governador Nobre de Carvalho. Esta é apenas uma das transformações que se verificaram ao longo do último século, na Taipa, e que estão retratadas nesta exposição. Nesta viagem pelo passado, podemos observar, numa primeira parte, as alterações a nível paisagístico com a construção de vários edifícios, bem como constatar, por exemplo, aspectos da vivência dos funcionários públicos. As outras duas secções da exposição ilustram o modo de vida da comunidade chinesa da Taipa.

Casas-Museu da Taipa, Macau
Até 31 de Dezembro

AMAR OS MACAENSES – UMA EX- POSIÇÃO FOTOGRÁFICA

“Com coração chinês, alma portuguesa, nariz de ocidental e barba oriental, tanto vão à igreja como frequentam o templo.” Foi assim que Li Anle, poeta local, descreveu os macaenses, uma comunidade que surge com a chegada dos portugueses ao território. As mais de cem fotografias, algumas cedidas por famílias de Macau, surgem organizadas em quatro temáticas: modo de vida, educação, costumes e religião. Reuniões familiares ou de amigos, festas de carnaval ou bailes, são tradições e costumes da comunidade retratadas nestas imagens.

**Casas-Museu da Taipa,
Casa das Ilhas, Macau**
Até 31 Dezembro



VÔOS DOMÉSTICOS

GNR

Não é um álbum de originais, mas antes um regresso ao passado. No ano em que comemoram 30 anos de existência, os GNR voltaram a estúdio. O grupo propõe visitar alguns dos seus clássicos e dar-lhes novos ajustes. O tema “Cais” inaugura esta viagem ao passado onde constam ainda *Bellevue* (1986), *Piloto Automático* (1984), ou *Sangue Oculito* (1992). O primeiro trabalho editado pelos GNR foi *Portugal na CEE*, ainda em vinil. Entre trabalhos de originais, álbuns ao vivo e compilações de êxitos, a banda tem 16 discos editados.

EMI, 2011

ATLANTÍDIDA

Atlantíhda

Oriundos dos mais distintos géneros musicais, os Atlantíhda viajaram pelo mundo da música nacional e internacional, absorvendo várias influências, para criar o que descrevem como “música genuinamente portuguesa”. O grupo, constituído por seis músicos e uma fadista, propôs-se com este projecto ligar a música de raiz tradicional e rural, com aquela que é a música popular urbana: o fado. Este é o seu primeiro álbum, que junta instrumentos tão distintos como a guitarra braguesa, adufes, acordeão e violoncelo.

Sony Music Portugal, 2011

MAÍRA FREITAS

Maíra Freitas

Este é o primeiro trabalho de Maíra Freitas, filha de Martinho da Vila, que mostra que música erudita também pode ser combinada com samba. A cantora quase não se separa do seu piano neste álbum, com três temas compostos por si: *Corselet*, *Alô* e o instrumental *Se joga*. Acompanham-na neste trabalho grandes nomes da música brasileira, como Nei Lopes, Paulinho da Viola, Gonzaguinha ou Chico Buarque. Para a estreia a solo, Maíra Freitas desafiou ainda o pai para um dueto. Martinho da Vila, convidado especial, interpreta com a filha o tema *Disritmia*.

Biscoito Fino, 2011



REGRESSO À BASE

Don Kikas

O novo trabalho do cantor angolano apresenta 13 temas com os vários ritmos angolanos como semba, kizomba, kazukuta ou rebita. Participam os cantores Yannick, do grupo Afro Man, Pérola, Zoca Zoca, e ainda o grupo humorístico Tunezas. O título do álbum, “Regresso à Base”, o sexto na carreira do artista, é inspirado no seu retorno definitivo a Angola, depois de longo período a viver no estrangeiro. Os temas retratam a angolanidade, o amor, a paz, o progresso e a saudade do país.

Natural do Sumbe, província do Kwanza Sul, Don Kikas começou a cantar aos oito anos de idade, incentivado pela mãe.

AMG, 2011



CALDERA PRETA

Mirri Lobo

Depois de 12 anos sem gravar, Mirri Lobo regressa com um trabalho, o quinto na sua carreira, que pretende ser uma homenagem à sua terra – Cabo Verde – e à beleza da mulher crioula. O álbum integra 13 temas inéditos, numa mistura de mornas, coladeiras e funaná, com letras de compositores cabo-verdianos, como Djim Job ou Betú. Em *Passion*, da autoria de Mário Lúcio, Mirri Lobo faz a primeira incursão ao funaná. Nas palavras do cantor, *Caldera Preta* é o fruto de uma preparação cuidada, confeccionado como que, em lume de lenha brando, como a comida do seu país.

Tumbão, 2011



THE CHERRY ON MY CAKE

Luísa Sobral

Luísa Sobral tem um estilo muito próprio onde junta jazz e pop, devido sobretudo àquelas que considera serem as suas influências musicais. Neste álbum há sonoridades de Billie Holiday, Ella Fitzgerald e Regina Spektor. O primeiro trabalho da portuguesa é composto por 13 temas, a maioria interpretada em inglês. Luísa Sobral justifica esta escolha pelo facto de os dez temas terem sido escritos quando vivia nos Estados Unidos, onde estudou música. Há ainda três músicas em português: *O engraxador*, *Xico* e ainda uma excelente interpretação de *Saiu para a rua*, um clássico de Rui Veloso.

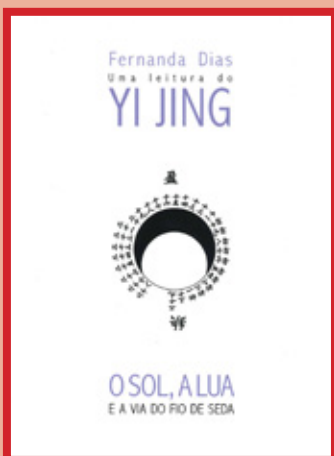
Mercury, 2011

UMA LEITURA DO YI JING - O SOL, A LUA E A VIA DO FIO DE SEDA

Fernanda Dias

A autora, residente em Macau, inspirou-se em cada um dos hexagramas de Yi Jing para escrever 64 poemas. Não se trata de uma tradução, como a própria autora faz questão de frisar, mas antes um livro de poemas influenciados pelo clássico de mutações, tido no Ocidente como um oráculo. Na escolha do título, a escritora recorreu aos caracteres chineses da obra, que significam sol e lua, no sentido de mudança. Fernanda Dias, escritora e artista, mudou-se para Macau em 1986, tendo no território leccionado no Liceu de Macau. Esteve também ligada à Oficina de Gravura da Academia de Artes Visuais de Macau.

Macau, Livros do Meio, 2011



DITEMA; DICIONÁRIO TEMÁTICO DE MACAU — VOLUME 1

A ideia de organizar um dicionário da história de Macau nasceu em 1998 e, agora que ganhou vida, tornou-se um projecto mais abrangente contendo “informação sobre os factos, os lugares, os costumes, as relações, as personagens reais e fictícias que povoam o real e o imaginário da Cidade do Santo Nome de Deus”, explica Maria Antónia Espadinha, na nota de apresentação. O primeiro volume contém mais de 250 entradas, entre as letras A e C. Delas constam a explicação, por exemplo, do ano lunar ou a história das bibliotecas de Macau.

Macau, Universidade de Macau, 2010

CINEMA EM MACAU

Henrique de Senna Fernandes Recuamos à década de 1970. Na altura Henrique de Senna Fernandes escrevia sobre cinema para a revista *Confluência*, o órgão de informação da Associação para a Defesa dos Interesses de Macau. Não era uma crítico mas escrevia sobre o cinema e a forma como os filmes influenciavam a vida das pessoas. Com estas crónicas sabemos também um pouco mais sobre as míticas

salas de cinema de Macau ou, antes de elas existirem, a fuga da comunidade para assistir a filmes em Hong Kong. Disso é exemplo as peripécias de um casal de Macau que, segundo a descrição, viu “quatro filmes num só dia! E se as senhoras não pensaram em fazer compras é porque de facto, na época, o sonoro devia imprimir uma sensação esmagadora!”.

Macau, Instituto Internacional de Macau, 2010



PROFESSORA GRACIETE BATALHA

António Aresta

A obra começa por relembrar a chegada, em 1949, a Macau, de Graciete Batalha e do marido no barco Tai Loy: “O vaporzinho contornava lentamente a cidade tão atraente vista do rio (...)”. Uma paixão à primeira vista para a professora. São cerca

LIVROS

de 60 páginas concentradas no trabalho de Graciete Batalha como docente e pedagoga, e os multiculturalismos inerentes à sua actividade. A docente investigou ainda o crioulo de Macau – o patuá - tendo viajado até Malaca à procura da “genealogia de algum vocabulário macaense”. Este livro contém ainda fotografias de Graciete Batalha, algumas dos tempos de Coimbra, onde se licenciou em Filologia Clássica em 1949.

Macau, Instituto Internacional de Macau, 2010

PASSO A PASSO... EM PORTUGUÊS

Ana Cristina Santos, Carlos Santos, Filipa Didier e Paula Costa

É o primeiro manual de uma série de dez destinados a quem quer aprender português como língua estrangeira. O manual está organizado em quatro blocos. Nos primeiros dois, o livro incide sobre uma área temática e outra vocabular que abrangem as situações de comunicação mais frequentes no nível da iniciação. Os restantes dois capítulos são dedicados a aspectos culturais e notas gramaticais. Para complementar a aprendizagem, o livro vem acompanhado de um CD com diálogos e exercícios orais. Os autores deste projecto são professores de língua portuguesa para estrangeiros em Macau.

Macau, IPOR, 2011

PENSO EU DE QUE...

Humberto Abreu

Humberto Abreu era o seu nome de registo, mas preferia assinar as suas crónicas como Pinto Fernandes. Assim o fez durante seis anos, entre 2004 e 2010, no jornal Hoje Macau. A secção “Penso eu de que...” de Pinto Fernandes era uma leitura, muito pessoal, do dia-a-dia do território. O cronista olhava para o quotidiano de uma forma mordaz e humorada e retratava sobretudo as suas vivências e a sua percepção de Macau. A obra é uma homenagem a Humberto Abreu, falecido no ano passado, e que viveu em Macau cerca de 30 anos. Humberto Abreu foi responsável, nos anos 80, pela fotografia de *offset* do jornal *Tribuna de Macau* antes de rumar à Imprensa Oficial. Em vésperas da transferência de Administração, em 1999, regressou a Portugal, tendo voltado a Macau em 2002.

Macau, COD, 2011



SABOREIE A CULTURA DO SABOR 2011

Os serviços de chá de diversos tamanhos e formas com ornamentos muito trabalhados ao longo dos anos ganharam um estatuto de obras de arte. É sobre o valor ornamental e artístico dos bules, usados para abrir o aroma e o sabor das folhas de chá, que fala Fu Tan Mui nesta sessão dedicada à “avaliação estética do serviço de chá”. O especialista propõe-se a ensinar a arte de apreciar os modelos dos diferentes serviços de chá. Esta sessão está inserida no âmbito de um programa de degustação de chá, aberto ao público, que acontece no segundo domingo de cada mês.

Casa Cultural de Chá de Macau, 24 Setembro

PASSEIO PEDESTRE POR RUAS COM HISTÓRIA — ZONA ANTIGA DA TAIPA

A Vila da Taipa é um verdadeiro museu-vivo. As suas ruas estreitas com as típicas habitações chinesas, aqui ou ali, ladeadas de edifícios com matriz portuguesa, pequenos templos e também a antiga fábrica de fogo de artifício têm mais histórias para contar que qualquer livro. A Associação



dos Estudantes-Investigadores Museológicos quer divulgar e promover essas histórias e organiza passeios guiados pela Taipa Velha. Todos os sábados, a partir das 14h30, há uma rota temática diferente. O passeio, que apenas decorre em cantonês, termina com um jogo de perguntas e respostas.

Feira do Carmo, Taipa, Até 31 de Dezembro

FÓRUM DO AUDITÓRIO DO CARMO 2011 - SÉRIE SOBRE MACAU
O objectivo destas palestras

é incentivar o debate entre os residentes. São dois os temas analisados por cada sessão. Em Outubro, Li Changseng aborda “O papel desempenhado pelos macaenses na disseminação da influência ocidental no Oriente”. O professor de História do Instituto Politécnico de Macau (IPM) propõe-se a analisar igualmente a forma como Macau serviu de plataforma de intercâmbio entre as duas culturas, no século XIX. Já Lou Shengua, professor no IPM, vai dedicar a sua exposição ao tema “Longa história e tradição: o desenvolvimento das organizações comunitárias em Macau”. As palestras decorrem apenas em cantonês.

Auditório do Carmo, Taipa, 15 Outubro



A TRANQUILIDADE DAS PORTAS DO CERCO

Na sua edição de 14 de Dezembro de 1908, a “Ilustração Portuguesa” - do jornal O Século - dedica a Macau um extenso artigo de oito páginas profusamente ilustrado. Intitula-se “Portugal no Extremo-Oriente”. Não existe qualquer referência ao autor das fotografias. Este exemplar foi adquirido numa feira de antiguidades pelo criador da página na Internet Macau Antigo, João Botas. A IP era o “magazine semanal onde ficarão archivados, pela photographia, pelo desenho, pelo interview e pela descrição e reportagem literárias, todos os aspectos da vida portuguesa contemporânea”.

Onde pode encontrar
a Revista Macau

PORTUGAL

Lisboa

Casa de Macau em Portugal

Av. Gago Coutinho, 142,
1700-033, Lisboa

Tel: +(351) 21 849 5342

Centro de Promoção
e Informação Turística
de Macau em Portugal
Direcção dos Serviços de Turismo
da RAEM

Av. 5 de Outubro, n.º 115, r/c
1069-204 Lisboa

Tel: +(351) 217 936 542

Porto

Livraria Latina

Rua de Santa Catarina, 2
4000-441 - Porto

Tel: +(351) 22 200 12 94

Aveiro

Livraria Nobel Académica

Rua Eça de Queirós 62
3810-109 Aveiro

Tel: +(351) 234421494

MACAU

Livraria Portuguesa

Rua São Domingos, 18-22

Tel: +(853) 2856 6442

Livraria S. Paulo

Travessa do Bispo - 11 R/C "C"

Tel: +(853) 2832 3957

Plaza Cultural Macau

Av. do Conselheiro Ferreira de
Almeida, 32

Tel: +(853) 2833 8561

Revista **MACAU**

COLECÇÕES ANUAIS ENCADENADAS

[2005 2006] [2006 2007] [2007 2008]



Edição de Março de 2011



Se deseja ser assinante da Revista Macau (assinatura anual) fotocopie,
preencha o cupão e envie-o por correio, fax ou e-mail.

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E,

Edif. Centro Comercial First International, 14º andar, Sala 1404 - Macau

email: contacto@revistamacau.com Tel: + 853 2832 3660 Fax: + 853 2832 3601

Nome:

Morada:

Telefone: Fax: E-mail:

Angola: AOA 2,595.00

Brasil: BRL 48.00

Cabo Verde: CVE 2,336.00

Guiné Bissau: XOF 14,080.00

Macau: MOP 100.00

Mundo: USD 28.00

Moçambique: MZM 737.00

Portugal: EUR 21.00

S. Tomé: STD 517,166.00

Timor: USD 21.00



deltaedições

Não inclui portes de correio. Vendas online em www.revistamacau.com/shopping/vendas.asp

www.revistamacau.com

23º Concurso Internacional de Fogo de Artifício de Macau



10/9, 12/9, 17/9, 24/9, 1/10

9pm & 10pm

Baía frente à Torre de Macau



國際煙花比賽匯演
Concurso Internacional de Fogo de Artifício



澳門特別行政區政府旅遊局
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO